



Revista da Pró-Reitoria de Extensão | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Volume I Número I Junho 2011

Revista extensão

Revista
extensão

Revista Extensão. Vol. 1, n. 1 (jun. 2011) - Cruz das Almas, BA:
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de
Extensão, 2011 -

Semestral
ISSN: 2236-6784

I. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão.

CDD 378.81

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde
que sejam citadas as fontes.

*Allows reproduction in published information, provided that
sources are cited.*

Pede-se permuta / *We ask for exchange.*

**Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (UFRB)**

Reitor/*Rector*
Paulo Gabriel Soledade Nacif

Vice-Reitor/*Vice-Rector*
Silvio Luiz de Oliveira Soglia

Pró-Reitoria de Extensão

Pró-Reitor/*Pro-Rector*
Aelson Silva de Almeida

Editores científicos/*Scientific Editors*

Aelson Silva de Almeida, Msc. (UFRB)
Franceli da Silva, Dra. (UFRB)
Paulo Fernando de A. Souza, Dr. (UFBA)

Editores Executivos/*Executive Editors*

Felipe Cardoso Santos, (UFRB/Brasil)
Nelsiane Silva Magalhães, (UFRB/Brasil)
Sinvaldo Barbosa Melo, Eng. (UFRB)
Valdiria de Oliveira Rocha, Msc. (UFRB)

Comitê Editorial/*Editorial board*

Aelson Silva de Almeida (UFRB/Brasil)
Custódia Martins, Dra. (U. Minho/Portugal)
Juan A. C. Rodriguez, Dr. (UACH/México)
José Alberto Pereira, Dr. (IPB/Portugal)
Osia A. V. D. Passos, Msc. (UFRB/Brasil)
Sergio A. D. G. Filho, Msc. (UFRB/Brasil)

Quadro de Avaliadores/*Referees*

Ana Georgina Peixoto Rocha, Dra. (UFRB)
Ana Beatriz S. Factum, Dra. (UNEB)
Deranor G. de Oliveira, Dr. (UNIVASF)
Fabio Felix Ferreira, Dr. (UESB)
Fernanda de F. V. Nunes, Msc. (UFRB)
Franceli da Silva, Dra. (UFRB)
Yuji N. Watanabe, Msc. (CFP/UFRB)
Maria Helena da R. Besnosik, Dra. (UEFS)
Maria da C. de M. Soglia, Dra. (UFRB)
Marcos Roberto da Silva, Dr. (UFRB)
Osia A. V. Duran Passos, Msc. (UFRB)
Oscar G. Lopes, Dr. (UniLeon/Espanha)
Paulo Fernando de A. Souza, Dr. (UFBA)
Rachel S. Alves Neuberger, Dra. (UFRB)



Missão

A Revista Extensão com periodicidade semestral, tem a missão de consolidar a indissociabilidade do conhecimento, por meio de ações extensionistas publicadas em artigos científicos, resenhas, relatos de experiências, entrevistas, validando o conhecimento tradicional associado ao científico.

Mission

The Journal Extension every half yearly, has mission to consolidate the inseparability of knowledge through extension activities published in scientific articles, reviews, case studies, validating traditional knowledge associated with science.

**Projeto Gráfico e
Editoração Eletrônica**

Paulo Fernando de Almeida Souza

Editora

Editora da UFRB

Imagem da Capa/*Cover's Image*

Composição de imagens
Fotos: Edgard Oliva; Assessoria de Comunicação UFRB

Endereço/*Address*

Rua Rui Barbosa, 710, PROEXT/UFRB
44380-000, Cruz das Almas, Bahia, Brasil
Fone: + 55 75 3621-3857

Website

www.revistaextensao.ufrb.edu.br

E-mail

revistaextensao@ufrb.edu.br

Sumário

EDITORIAL	
Aelson Silva de Almeida (UFRB)	9
ENTREVISTA	
Entrevistado: Cipriano Maia (FORPROEX)	13
ARTIGOS SELECIONADOS	
Resgate do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais na região do Recôncavo da Bahia	
Paulo Juiz, Sinara Vera, Franceli Silva, Cintia Armond Jerusa Santana, Angélica Morgana, Neidiane Pereira Cássia Cavalcante, Tuane Azevedo e Jefferson Cardoso (UFRB)	19
Reutilizando idéias: ação coletiva na sustentabilidade da feira livre de Cruz das Almas/BA	
Cintia Armond, Franceli da Silva, Jamille Casa e Alexandre Júnior (UFRB)	27
Guia para identificação de plantas medicinais do Recôncavo da Bahia	
Márcio Martins, Carina Oliveira e Reizalumar Neves (UFRB)	35
RESENHA DE LIVRO	
Reflexões sobre “Extensão ou Comunicação?”	
Ana Rocha, Ósia Vasconcelos, Alexandra Reis e Reginaldo Oliveira (UFRB)	47
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	
Grupo Cata Renda: da Incubação a Emancipação Social	
Maria Soglia, Bruna Oliveira, George Leal, Jânio Santana e Isabel Santos (UFRB)	57
Programa de desenvolvimento da educação ambiental junto a professores das redes municipais de ensino na região do Recôncavo da Bahia: Prodea - Recôncavo	
Maria Soglia (UFRB)	63
Do ensino à extensão: uma proposta metodológica O caso da Agência Júnior de Assessoria de Comunicação da UFRB	
Alene Lins (UFRB)	69
Cinema e educação: apontamentos sobre o cinema e a formação de professores na cidade de Amargosa/BA	
Alessandra Gomes (UFRB)	75
A inserção da UFRB nas atividades de arteterapia do CAPS/Cachoeira	
Suzane Pêpe (UFRB)	83

Programa de intervenção neuropsicológica nos transtornos de aprendizagem: uma proposta de pesquisa e extensão Patrícia Freitas, Thiago Cardoso e Gustavo Siquara (UFRB)	89
Metodologias do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) aplicadas em comunidades rurais no município de Cruz das Almas-BA Renata Rezende, Marcos Silva, Ubiratan Souza, Lorena Rocha, Franceli Silva e Alexandre Júnior (UFRB)	95
Perfil sócio-econômico dos condutores de carroças do município de Cruz das Almas Kaliane Oliveira, Maria Andrea, Lígia Souza, Bárbara Silva, Franceli Silva e Alexandre Júnior (UFRB)	101
INFORMAÇÕES GERAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO	107

Editorial

Edição v. I n° 01

Edição Comemorativa aos 5 Anos de Extensão na UFRB

A primeira edição da REVISTA EXTENSÃO, produzida pela Pró-Reitoria de Extensão/PROEXT-UFRB, trata-se de uma série especial comemorativa aos 5 Anos da UFRB. A REVISTA EXTENSÃO torna-se instrumento importante para a validação da política e das ações de extensão, e para a institucionalização da extensão universitária na UFRB, como espaço de articulação entre teoria e prática acadêmica, de associação entre conhecimento científico e saberes socioculturais, na perspectiva da transformação social.

A necessidade de repensar a prática histórica da Extensão Universitária, centrada na difusão de conhecimentos e na assistência social, foi pontuada na formação do Fórum de Pró Reitores de Extensão – FORPROEX, em 1987, o qual apontava para uma concepção dialógica de extensão em que conhecimento científico e saberes populares se encontrassem em diálogo permanente, visando sua apropriação na solução concreta dos problemas das comunidades. Dessa forma, a extensão universitária passou a ser considerada prática acadêmica em contato direto com a diversidade sociocultural a

ser incluída no quadro dos componentes curriculares, importante para a formação contemporânea dos discentes e docentes. Ao mesmo tempo, pelo seu caráter político e cultural, a extensão universitária se afirma como espaço de intervenção nas esferas sociais, vislumbrando a perspectiva da inclusão e da transformação.

O Plano Nacional de Extensão Universitária do FORPROEX tem sido referência na formulação de políticas públicas de Extensão nas Universidades Brasileiras e, especificamente, na UFRB. Portanto, todas as ações que contribuam na consolidação destas políticas, são importantes e se fazem necessárias.

É com grande satisfação que a PROEXT apresenta a REVISTA EXTENSÃO, que nasce com a missão de contribuir para a indissociabilidade do conhecimento entre a extensão, a pesquisa e o ensino, por meio de publicações que revelam e analisam as experiências, no formato de artigos científicos, resenhas, relatos de experiências e entrevistas, validando a institucionalização da política universitária nas IES.

A REVISTA EXTENSÃO constituiu-se, por fim, em via de formação e informação, de divulgação e de debate público, sobre os caminhos da extensão nas IES brasileiras, discussão dialeticamente associada às mudanças em curso e ao futuro da própria Universidade no Brasil. Ao viabilizar a propagação e a circulação de idéias e práticas acadêmicas nas mais diferentes áreas, a revista estabelece constante relação entre ensino, pesquisa e extensão delineando, de forma mais abrangente, o papel da universidade nos dias de hoje.

Nesta primeira edição, a revista abre o debate sobre política de extensão universitária no Brasil e na UFRB, a concepção de extensão, além de reflexões pertinentes ao contexto e de relatos de experiências importantes nestes 5 Anos de UFRB. Boa leitura.

Aelson Silva de Almeida

Pró-Reitor de Extensão UFRB

aleson@ufrb.edu.br



Criação da UFRB

2005

Entrevistas

Entrevistado

Cipriano Maia
Presidente do FORPROEX

Entrevista realizada durante o XXXVI Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Nordeste e o XXIX Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, na Universidade Federal de Alagoas, Maceió, em 16 de maio de 2011.



Entrevistadores

Aelson Silva de Almeida (UFRB) e Maria Helena da R. Besnosik (UEFS)

1. Quais as conquistas da extensão universitária nos últimos tempos?

A extensão universitária no Brasil desde a constituição do Fórum de Pró-Reitores, tem tido avanços significativos, tanto no que diz respeito à relação com os órgãos governamentais que apóiam as políticas públicas, onde a extensão tem forte inserção, como no âmbito das universidades, com a concepção de extensão universitária elaborada pelo Fórum, e a institucionalização de vários aspectos ligados à organização da extensão, tanto no que diz respeito à normatização, ao financiamento, enfim, e também mais recentemente, esse debate tem avançado com o reconhecimento de alguns órgãos de financiamento da pesquisa, que passa também apoiar a extensão na interação com a pesquisa, como algumas das fundações de apoio a pesquisa, o próprio CNPq a FINEP, e a ampliação desse debate no atual contexto que aponta nova institucionalidade na extensão, que é o que o Fórum vem debatendo nos últimos dois anos.

2. Qual é a participação do FORPROEX nesse processo?

O FORPROEX, tem tido papel fundamental, de articular o conjunto dos Pró-Reitores e promover o debate em torno dessas questões, articular colaboradores, na formulação de propostas e enfim, a instância de coordenação de todo esse processo da discussão sobre os rumos da extensão, tem sido conduzida pelo FORPROEX, que inicialmente apresentou o Plano Nacional de Extensão, publicou vários documentos sobre a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, e mais recentemente tem sido protagonista nesse debate com o Ministério da Educação, com outras agências governamentais sobre o novo papel, novo espaço na extensão além da articulação com o parlamento que tem feito com vistas a definição da última lei de extensão, por exemplo, que instituiu o pagamento de bolsas e pretendemos retomar e intensificar agora na discussão no Plano Nacional de Educação que está em discussão no Congresso.

3. Algumas pessoas defendem a extensão como necessária no aprofundamento da relação com a sociedade, outros a defende pela sua contribuição no processo formativo na universidade, existe uma possível fronteira? Ou as duas questões estão intrinsecamente relacionadas?

No meu entendimento e esse tem sido entendimento também compartilhado pela maioria dos que fazem o Fórum, não há fronteira, limite ou contradição entre essas duas questões; a extensão universitária tem papel fundamental no fortalecimento da interação da universidade com a sociedade, através dos seus vários seguimentos, movimentos e organizações, como também os agentes públicos, sejam municípios, estados, na viabilização de políticas públicas, e evidentemente que pensar extensão como formadora educativa ela tem que envolver alunos, então ela tem que ter o papel decisivo na formação do estudante e na educação também de todos aqueles que participam dela, inclusive os professores, mas não há perspectiva inclusive dialógica de interlocução com os atores com quem a gente interage, seja nas instituições públicas, seja nos movimentos sociais, na comunidade, onde todos aprendem, essa é uma perspectiva, e conseqüentemente o que nós temos intensificado é a necessidade de que tudo isso seja reconhecido como componente curricular, como atividade curricular e não como algo extemporâneo à formação do aluno, porque nós sabemos o papel importante, todos nós que já coordenamos projeto de extensão, que fazemos a gestão, do papel formativo que tem a extensão, seja pela vivência, pela experiência, seja pelo componente da formação cidadã que trás para o aluno.

4. Por que tem se tornado cada vez mais fundamental discutir a inserção da extensão universitária nos currículos da graduação?

Porque nós entendemos que a forma como hoje está posta a partir das diretrizes curriculares que apontaram à construção de projetos pedagógicos dos cursos, se cristalizou no padrão de incluir a extensão nas atividades complementares onde cabe qualquer atividade que não seja disciplinar, formalmente organizada em sala de aula, e nós temos a avaliação crítica de que esse

processo apesar de ter significado alguma flexibilização, alguma mudança, que alguns cursos tenham propiciado avanços, mas no geral, ela não tem sido incorporada como responsabilidade institucional de assegurar a participação do conjunto dos alunos em atividades de extensão, com reconhecimento curricular, que também se traduz em reconhecimento do trabalho docente, e que se não avançarmos nesse sentido, teremos dificuldades de mobilizar os alunos para que eles dêem a devida importância a extensão, participem dessa importante dimensão da prática acadêmica que contribui decisivamente em sua formação, como também no envolvimento dos docentes, porque quando esse trabalho não tem esse reconhecimento, nós temos mais dificuldades de mobilizar, de reconhecer esse trabalho que nós consideramos fundamental na perspectiva de construir a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão.

5. O financiamento da extensão ainda significa um grande gargalo para o crescimento e fortalecimento da extensão universitária?

Sim, com certeza, temos limitações de recursos no âmbito das universidades, algumas inclusive que não têm nenhuma dotação orçamentária específica nos orçamentos das universidades e o apoio das políticas governamentais, principalmente do Ministério da Educação, é extremamente insuficiente na defesa que realizamos enquanto Fórum de Pró-Reitores de uma universalização das ações de extensão no conjunto dos alunos das instituições, então na verdade temos que crescer esse volume de recursos, temos que fazer com que o conjunto das agências que apóiam as atividades acadêmicas insiram a extensão no seu componente de financiamento e também que as universidades aumentem cada vez mais a destinação de orçamentos para as atividades de extensão, porque sem isso, não teremos o avanço que pretendemos, de ter extensão como parte essencial da formação do conjunto dos alunos.

6. Quais os principais desafios da institucionalização da extensão universitária hoje?

Nós estamos realizando esse debate no Fórum e pretendemos ter no debate o

nosso último documento de política de extensão, onde destacamos a necessidade no âmbito da política educacional de que a extensão realmente seja reconhecida como dimensão da prática acadêmica essencial e como componente essencial da formação do aluno, por isso, defendemos que o Plano Nacional de Educação não só incorpore essa preposição mantendo, atualizando a proposta de que pelo menos 10% das atividades curriculares se façam em atividades de extensão, por mais que existam polêmicas em torno disso, queremos que ela seja reconhecida e que ela seja efetivada enquanto diretriz da política educacional, mais além disso, entendemos que o desafio grande é termos a lei que regulamente a ação de extensão, prevista na Constituição, na LDB (Lei de Diretrizes e Base), mas que não tem a regulamentação, que inclusive dê cobertura ao pagamento de bolsas a docentes que desenvolve atividades de extensão, porque a pesquisa, tem bolsa de incentivo ao ensino, mais a atividade de extensão ainda não tem essa cobertura, isso faz com que muitos docentes privilegie

aquelas atividades que tem algum tipo de incentivo, mais além disso é fundamental que na gestão da política educacional, exista espaço de gestão acadêmica que insira a extensão na sua conformação, ou seja, nas suas atribuições melhor dizendo, porque hoje a extensão dentro do MEC está sobre a responsabilidade da coordenação de relações estudantis, com outro status também no espaço da gestão da política educacional dentro do MEC e mais do que isso, queremos que essa institucionalização avance também no âmbito das universidades, com definição de normas, de orçamento, de programas de bolsas, do reconhecimento curricular das atividades de extensão, da inserção disso na progressão do docente, reconhecimento do trabalho na progressão do docente, nos concursos, porque por meio do reconhecimento da extensão, valorizando a importância que ela tem na Universidade, sendo coerente com o princípio constitucional da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, o meio acadêmico investirá na extensão.



Criação da UFRB

2005

Artigos Seleccionados

Resgate do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais na região do Recôncavo da Bahia

Autores

Paulo Juiz

Prof. MSc. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – paulojuiz@gmail.com

Sinara Vera

Profa. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – sivera1@hotmail.com

Franceli da Silva

Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – franceli.silva@gmail.com

Cintia Armond

Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - cintiarmond@yahoo.com.br

Jerusa Santana

Discente do Curso de Nutrição da UFRB – jerusahds@gmail.com

Angélica Morgana

Discente do Curso de Nutrição da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Neidiane Pereira

Discente do Curso de Nutrição da UFRB – ane_ps10@hotmail.com

Cássia Cavalcante

Discente do Curso de Nutrição da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Tuane Azevedo

Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Jefferson Cardoso

Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

O uso medicinal das plantas pela população é realizado em grande parte sem comprovação científica e fundamentado no conhecimento popular, porém sem levar em conta os efeitos adversos e tóxicos das plantas medicinais. O objetivo do trabalho foi desenvolver oficinas comunitárias sobre o uso correto de plantas medicinais. Para conhecer o uso da fitoterapia na comunidade, foram entrevistados 50 usuários do Sistema único de Saúde (SUS) do Município de Santo Antônio de Jesus. As entrevistas apontaram que 54% dos usuários do SUS utilizam plantas medicinais como terapia alternativa, 77% fazem uso de automedicação em função da dificuldade no acesso ao serviço público de saúde, 91% acreditam que plantas me-

dicinais, por serem produtos naturais, não podem ser nocivas, nem tão pouco causar efeitos adversos e toxicológicos. Dentre as plantas mais citadas incluímos: capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf), erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br), camomila (*Matricaria chamomilla* L), boldo (*Peumus boldus* Mol.), folha de laranja (*Citrus sinensis*), hortelã (*Mentha sativa*), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi), poejo (*Mentha pulegium*). Com base nos resultados foram desenvolvidas oficinas comunitárias sobre: identificação de plantas medicinais, princípios ativos de plantas medicinais, plantas usadas como matéria prima, oficina de taxonomia. As oficinas realizadas permitiram a conscientização sobre o uso adequado de plantas medicinais, capacitou multiplicadores sobre o uso correto das plantas medicinais e despertou a importância da participação da população local no desenvolvimento da comunidade.

Palavras-Chave

Plantas medicinais; efeitos adversos; oficinas comunitárias.

Abstract

The medicinal use of plants by population is performed without scientific evidence and based on a popular knowledge, with no regard for toxicology, drug interactions and adverse effects. The aim of the study was to develop community workshops to teach population about the correct use of plant species in Santo Antônio de Jesus. There were 50 interviewed people to understand the use of herbal medicine in the community. The interviews showed that 54% of interviewed used medicinal plants as an alternative therapy, 77% of interviewed people who have difficulty in accessing public health care used selfmedication, 91% believe that medicinal plants can not be harmful, nor cause adverse and toxic effects. The plants mentioned were: capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf), erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br), camomila (*Matricaria chamomilla* L), boldo (*Peumus boldus* Mol.), leaf of orange (*Citrus sinensis*), mint (*Mentha sativa*), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi), tansagem (*Plantago major* L), poejo (*Mentha pulegium*). The results stimulated us to develop community workshops to teach population about the correct use of plant species. Workshops awareness about the proper use of medicinal plants, trained students to disseminate knowledge on the proper use of medicinal plants and raised the importance of local participation in community development.

Keywords

Medicinal plants; adverse effects; community workshop.

1. Introdução

A utilização de plantas medicinais reflete a realidade de parte da população brasileira, cujo limitado acesso aos programas de saúde pública levou ao desenvolvimento e conservação de um conhecimento etnobotânico rico em informações. (SANTOS, 2008).

O uso freqüente desses produtos naturais é tão antigo quanto à existência do próprio homem, o mesmo ao longo da sua existência aprofundou seus conhecimentos empiricamente a fim de melhorar sua alimentação e tratar enfermidades. Além disso, percebe-se que o uso indiscriminado de plantas medicinais em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento se dá pela situação econômica que afeta o país, aliada à dificuldade de acesso da população a saúde pública, destacando atendimento médico, nutricional e farmacológico.

O Brasil possui a mais rica flora em todo o mundo, com mais de 56.000 espécies de plantas, cerca de 19% da flora mundial. Estimativas indicam aproximadamente 5 a 10 espécies de gimnosperma, 55.000 a 60.000 espécies de angiospermas, 3100 espécies de briófitas e 1200 a 1300 espécies de pteridófitas, e em torno de 525 espécies de algas marinhas (GIULIETTI *et al.*, 2005). Esta biodiversidade pode ser uma rica fonte de matéria-prima de produtos naturais com atividades biológicas.

O potencial do uso de produtos naturais como agentes anticancerígenos foi reconhecido em 1950 pelo *National Cancer Institute* dos Estados Unidos e desde então este campo de pesquisa tem contribuído de forma significativa com a descoberta de agentes antitumorais que ocorrem naturalmente (CRAGG & NEWMAN, 2006). Em 2001, 25% das drogas mundialmente prescritas era de origem vegetal (isolados diretamente ou produzidos por síntese a partir de um precursor vegetal) sendo que nos Estados Unidos, entre 1983 e 1994, 60% dos medicamentos anticancerígenos aprovados tinham como origem compostos derivados do metabolismo secundário de vegetais superiores (CRAGG & NEWMAN, 1999).

A procura por produtos naturais com atividade antibacteriana tem também merecido

destaque, principalmente com o advento de cepas multiresistentes a antibióticos. Foi descrito que plantas do gênero *Berberis* são inibidoras de *Staphylococcus aureus* resistente a antibióticos (COUTINHO *et al.*, 2004).

Com base na acessibilidade e facilidade de utilização, segundo Renato Sabbatini (2005), um levantamento recente feito no Brasil indicou que cerca de 60% da população brasileira utiliza remédios “naturais”, ou seja, baseados em conceitos de medicina alternativa ou fitoterápica. (SABBATINI, 2005).

A crença de que medicamentos à base de plantas são isentos de riscos à saúde faz parte da bagagem cultural da população afeita ao seu uso “*o que vêm da terra não faz mal*”. No entanto, o caráter “natural” de tais produtos não é garantia da isenção de reações adversas e outros problemas decorrentes de tal medicina. (LANINE *et al.*, 2009).

São muitos os perigos que cercam o uso indiscriminado de medicamentos e preparados baseados em plantas medicinais. Algumas plantas medicinais são potencialmente tóxicas como as espécies do gênero *Senecio*, a jurubeba (*Solanum paniculatum* L.), arnica (*Arnica montana* L.), que podem causar irritação gastrointestinal, a trombeiteira (*Datura suaveolens* Humb & Bopl ex Willd), que pode causar lesões no sistema nervoso central, arruda (*Ruta graveolens*), que pode causar aborto, hemorragia, irritação da mucosa bucal e inflamações epidérmicas (VEIGA *et al.*, 2005). É necessário também alertar possíveis contaminações com metais pesados, cujo principal é o chumbo, também por organofosforados e contaminações microbiológicas, a exemplo com *Escherichia coli* e *Campylobacter jejuni* (VEIGA *et al.*, 2005).

Percebendo a crescente utilização de plantas medicinais pela população brasileira, e a necessidade de um conhecimento sobre os benefícios e malefícios que as plantas conferem, o Governo Federal no uso das suas atribuições aprovou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, por meio do Decreto Presidencial N^o. 5.813, de 22 de junho de 2006.

O Brasil é detentor de uma rica flora medicinal e conhecido mundialmente pela varie-

dade de produtos vegetais com ação medicinal. Neste contexto situa-se o estado da Bahia, contendo em sua flora inúmeras espécies vegetais possuidoras de propriedades biológicas importantes. Assim, a biodiversidade brasileira representa uma fonte promissora e a baixos custos, para formulação de novas drogas.

Porém, o que se percebe é que parte de todo o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais, que subsidia os estudos científicos na área, vem sendo paulatinamente perdido, visto que os jovens não se interessam por este assunto, ou não foram despertados para. Ainda, a crença de que plantas medicinais não possuem efeitos toxicológicos e/ou adversos, é um dado preocupante, visto que o uso de chás pela população não é encarado como o uso de um medicamento.

As atividades do Programa Ervanário do Recôncavo de Valorização da Agroecologia Familiar e da Saúde (ERVAS) em Santo Antônio de Jesus mostraram que os usuários do SUS utilizam plantas medicinais como terapia alternativa, mesmo sem orientação de um profissional de saúde. Grande parte do conhecimento tradicional é difundido pelos avós maternos e os usuários desconhecem os efeitos adversos e toxicológicos destes produtos naturais. Preocupados com o resgate do conhecimento tradicional e com a noção errônea de que plantas medicinais não são tóxicas, surge como uma ferramenta do Programa ERVAS, o Projeto de Popularização de oficinas comunitárias (POC), cujos objetivos são: realizar por meio de oficinas um trabalho comunitário articulado e bem estruturado, visando a formação de multiplicadores do conhecimento sobre o tema plantas medicinais; despertar em jovens e adultos o interesse nelas, visando o resgate do conhecimento tradicional e a correlação com o saber científico e inclusão social pela maior aproximação entre a comunidade e a Universidade.

2. Materiais e Métodos

2.1 Levantamento sobre o uso de plantas medicinais em Santo Antônio de Jesus entre os usuários do SUS

Visando traçar um perfil sobre o uso de plantas medicinais entre os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) do Município

de Santo Antônio de Jesus, foi aplicado um questionário (Quadro I) para 50 usuários do SUS. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido segundo o que estabelece a Resolução 196/96. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

1. Você costuma se automedicar com remédios a base de plantas medicinais antes de ir ao médico?
2. Que plantas são mais utilizadas por você? Você tem horta em casa ou adquire as plantas de vizinhos?
3. Quem te ensinou a utilizar estes medicamentos naturais? Profissional da área da saúde? Familiar? Amigo?
4. Para que doenças geralmente você utiliza plantas medicinais?
5. Como você prepara o remédio à base de plantas medicinais?
6. Você acha que o uso de plantas medicinais pode fazer algum mal a sua saúde (alergia, diarreia, dor de cabeça, etc.)?
7. Você gostaria que o SUS disponibilizasse Plantas Medicinais como medicamento?
8. Você usaria plantas medicinais recomendadas pelo médico e distribuídas pelo SUS?

Quadro I - Algumas das perguntas realizadas sobre uso de plantas medicinais

2.2 Oficinas comunitárias sobre o uso correto de plantas medicinais

Com base nas informações adquiridas nos questionários foi proposto o desenvolvimento de oficinas sobre a temática "Plantas medicinais" no Colégio Estadual Florentino Firmino de Almeida, no município de Santo Antônio de Jesus-BA, uma escola da zona urbana do município, cujo público alvo foi os alunos do ensino médio do turno noturno, com faixa etária era de 18 a 45 anos.

O projeto foi devidamente apresentado na escola e todos os estudantes foram convidados a participar. A escolha da escola seguiu os seguintes critérios de inclusão: 1) proximidade com o Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e 2) Dificuldade no acesso a projetos extensionistas oferecidos por instituições públicas ou privadas.

As oficinas foram organizadas em atividades teóricas, consistindo de uma palestra

expositiva de aproximadamente 30 a 40 minutos e uma abordagem prática sobre o assunto exposto, com duração aproximada de 50 minutos. Todos os temas abordados exigiram dos alunos uma participação ativa e a construção do saber. Foram realizadas Oficinas teóricas e práticas, com os temas:

- a) Identificação de Plantas medicinais, na qual espécies de plantas medicinais doadas do Ervanário do Programa ERVAS serviram como material biológico no processo de identificação taxonômica, por meio da utilização de manuais desenvolvidos por pesquisadores do programa ERVAS e livros da área de Plantas Medicinais. As espécies identificadas pelos estudantes eram desenhadas em folhas de papel cartolina e apresentadas para todo o grupo enfocando características morfológicas, princípios ativos, partes da planta utilizada para formular medicamentos e indicação terapêutica.
- b) Princípios Ativos de Plantas Medicinais. Amostras de espécies vegetais foram o material de trabalho. Os princípios ativos eram identificados por meio dos sentidos (paladar, olfato, visão). Nesta oficina foi também abordado o efeito tóxico das plantas medicinais.
- c) Plantas usadas como Matéria Prima. Nesta oficina foram levados diversos produtos encontrados no mercado, onde na descrição do rótulo eram identificados princípios ativos de plantas medicinais. Os alunos eram então solicitados a apresentar o produto, indicando o princípio ativo e a indicação terapêutica do mesmo.
- d) Oficina de Taxonomia. Nesta oficina foi apresentada a importância de se fazer a classificação taxonômica das plantas medicinais, levando em consideração os aspectos morfológicos e estruturas das plantas estudadas.

3. Resultados

Foram entrevistados 50 usuários, destes 37 mulheres, faixa etária 25 a 55 anos e 13 homens, faixa etária 35 a 60 anos. Todos

residentes na zona urbana do Município de Santo Antônio de Jesus.

Os resultados apontaram que os usuários do SUS utilizam plantas medicinais como terapia alternativa (54%), automedicando-se sempre que necessário em função da dificuldade em conseguir um atendimento nos postos de saúde e hospitais da região (77%). Grande parte do conhecimento tradicional foi passada pelos avós maternos para as mães dos usuários (85%), os quais acreditam que plantas medicinais, por serem produtos naturais, não podem ser nocivas (91%), nem tão pouco causar efeitos adversos e toxicológicos (92%). As enfermidades mais citadas foram: indigestão, insônia, hipertensão, inflamações diversas, doença renal, diabetes e gripe.

Os informantes crêem na eficácia do uso terapêutico das plantas medicinais, no entanto, julgam que sua ação é mais lenta. Pode-se considerar que no âmbito doméstico as plantas medicinais ocupam um papel importante entre as formas de tratamento acionadas.

Dentre as plantas citadas incluímos: capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf), erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br), camomila (*Matricaria chamomilla* L), boldo (*Peumus boldus* Mol.), folha de pitanga (*Eugenia uniflora*), folha de laranja (*Citrus sinensis*), hortelã (*Mentha sativa*), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi), sabugueiro (*Sambucus nigra* L), tansagem (*Plantago major* L), poejo (*Mentha pulegium*), muitas delas cultivadas em pequenas hortas caseiras. A importância do resgate do conhecimento tradicional quanto ao uso correto das plantas medicinais na região do recôncavo da Bahia resultou no desenvolvimento de oficinas comunitárias realizadas pelo Projeto de Popularização das Ciências como parte das atividades do Programa ERVAS.

O desenvolvimento de oficinas teórico-práticas estimulou o interesse dos alunos sobre a temática das plantas medicinais, que vem resultando no resgate do conhecimento tradicional em fitoterapia. Os participantes já possuem a consciência de que plantas medicinais podem apresentar efeitos toxicológicos e adversos para o ser humano. Muitos estudantes vêm manifestan-

do o interesse em ingressar na Universidade, relatado pela diretora da escola como um fator de transformação social.

As oficinas permitiram a capacitação de agentes multiplicadores para o desenvolvimento do trabalho comunitário sobre o uso correto de plantas medicinais.

A jornada dupla (trabalho matutino e estudo no turno noturno), de muitos estudantes do Colégio Estadual Florentino Firmino de Almeida dificultou a organização das oficinas, bem como o horário para término das atividades que coincidiu com o horário de saída da escola e transporte coletivo.

4. Discussão

A extensão universitária traz aos alunos e professores a oportunidade da convivência e o envolvimento com realidades sociais e culturais diferentes, o que instiga a formulação de novas interrogações sobre a dinâmica das relações sociais, sobre os problemas sócio-econômicos do país, sobre o trabalho comunitário e sobre a questão da solidariedade, questões estas que poderão ser concretizadas em discussões ampliadas na universidade (pesquisas e sala de aula) (CALDERÓN *et al.*, 2001).

Assim como propõe Calderón e cols (2001), este projeto foi um marco inicial para uma ampla discussão dos problemas sócio-econômicos da comunidade participante. Não só a troca de conhecimento científico/popular, mas o despertar de uma necessidade maior, a transformação social e luta por melhores condições de habitação, transporte e saúde, visto que temas como falta de acesso aos serviços de saúde, transporte coletivo e segurança, estes últimos sempre discutidos em função do horário noturno que eram realizadas as oficinas.

Como relata Fagundes (1986) a experiência vivenciada por essa nova relação social poderá trazer aos seus participantes (alunos, professores e comunidade) a possibilidade de desenvolver o aprendizado político e social de suas relações pessoais, institucionais e comunitárias, caracterizando então a participação realmente responsável e qualitativa na gestão do espaço de interesse público.

Para comunidade envolvida surgiu o inter-

esse na criação de um horto comunitário, que atendessem o interesse de todos, isso aproximou a população local com o objetivo de “construir para todos”, reforçando o sentido de coletividade, desenvolvimento comunitário e participação. Nesse sentido, a extensão é uma atividade fim da universidade, uma ação pedagógica que contribui para a formação de profissionais cidadãos, tecnicamente competentes e comprometidos com uma sociedade mais justa.

Para Universidade, esse tipo de experiência promove a integração entre ensino, pesquisa e extensão, equação indispensável na formação desses cidadãos.

O desenvolvimento de oficinas comunitárias com a Temática “Uso correto de Plantas Medicinais”, foi um momento crucial para trocas de informações onde os participantes puderam aliar o conhecimento empírico ao científico o qual permitiu o resgate do conhecimento tradicional.

Ainda, considerando o valor das plantas medicinais não apenas como recurso terapêutico, mas também como fonte de recursos econômicos, torna-se importante estabelecer linhas de ação voltadas para o desenvolvimento de agentes multiplicadores do conhecimento tradicional, que possam compreender e aplicar técnicas de manejo, cultivo e beneficiamento pós-colheita, tendo em vista a utilização dessas espécies vegetais para melhor qualidade de vida e desenvolvimento da agricultura sustentável.

As oficinas também permitirão a aproximação entre escola e comunidade, tendo os agentes multiplicadores como construtores de ações socioeducativas e promotores de geração de conhecimentos.

Todas as oficinas realizadas até o momento seguem a metodologia teórico-prática focada na participação, problematização e interação dos ouvintes, sendo os mesmos sujeitos ativos nesse processo de construção de conhecimento, caracterizando assim, a aplicação da Teoria de Paulo Freire no âmbito educacional.

Para demonstrar tal afirmação, foi nítido o maior aprendizado naquelas oficinas com um maior enfoque prático, a percepção

da importância do uso correto das plantas medicinais e dos princípios ativos encontrados nestas plantas foram mais discutidos naquelas oficinas onde o estudante teve a oportunidade de manipular o material apresentado pelo projeto.

No tocante a inclusão social, o projeto pretendeu mostrar que o acesso a Universidade é uma realidade possível para todos. Muitos bolsistas (graduandos da UFRB) do projeto foram alunos de escola pública e essa identificação com o próximo mostrou que o sonho por um diploma universitário não é tão distante como se pensava.

Para demonstrar como se concretizar o sonho de estar em uma Universidade, os bolsistas levantaram discussões em torno da importância de um ensino de qualidade, da responsabilidade enquanto um ser social, além de valorizar em cada fala dos alunos a participação e a construção do saber, demonstrando aos mesmos que eles são capazes de alcançar seus objetivos e que o fator principal desse alcance é o empenho individual.

A grande dificuldade encontrada para o desenvolvimento e organização do projeto foi a jornada dupla (trabalho matutino e estudo no turno da noite) de muitos estudantes do Colégio Estadual Florentino Firmino de Almeida, bem como o horário para término das atividades que coincidiu com o horário de saída da escola e transporte coletivo. Porém, este desafio, tem motivado cada vez mais a construção de um trabalho para uma comunidade, cujo acesso a informação é limitado. Assim, o projeto tem defendido o direito de uma educação de qualidade e busca pela inclusão social.

Atualmente uma nova vertente foi inserida no projeto com o desenvolvimento de oficinas comunitárias no Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS) do Município de Santo Antônio de Jesus, expandindo o objetivo do projeto que além de educar, agora será utilizado como um modelo terapêutico auxiliar no controle da ansiedade em pacientes que freqüentam o CAPS. Para construção deste trabalho serão convidados, como monitores, os alunos do Colégio Estadual Florentino Firmino de Almeida que participaram de todas as oficinas ministradas, os

quais deixarão de ser agentes passivos no processo, para se tornarem agentes ativos na construção do saber. Com essa oportunidade de monitorar as oficinas em outro local, o aluno amplia seus conhecimentos, dialoga com outras pessoas ao passo que discute e estimula a participação de novos integrantes ao grupo.

Como perspectiva futura está a elaboração de cartilhas, com base nos relatórios obtidos das oficinas realizadas. Estas cartilhas serão ilustradas e irão abordar de forma prática e lúdica a temática Plantas Medicinais, sendo posteriormente distribuídas para a comunidade e em eventos na área de fitoterapia.

5. Conclusões

- A dificuldade de acesso aos serviços de saúde oferecidos pelo SUS no Município de Santo Antônio de Jesus traz como conseqüência a automedicação.
- Plantas medicinais são mais utilizadas para tratamento de enfermidades do que para prevenção das mesmas.
- Existe um uso corrente de chás, mesmo sem finalidade terapêutica.
- O resgate do conhecimento tradicional sobre o uso adequado de plantas medicinais permitirá a correlação deste conhecimento com o saber científico.
- A falta de conhecimento sobre os efeitos tóxicos e adversos de plantas medicinais é um fator preocupante merecedor de uma maior conscientização por parte dos diversos programas e estudos na área de fitoterapia. As oficinas realizadas permitiram a conscientização sobre o uso adequado de plantas medicinais.
- As oficinas feitas até o momento permitiram uma maior aproximação da Universidade com a comunidade;
- Os alunos participantes se sentem valorizados e motivados com o trabalho, refletindo em inclusão social.

7. REFERÊNCIAS

- CALDERÓN, A.; SAMPAIO, H.(org). *Experiências universitárias, experiências solidárias*. São Paulo: Olho d'água, 2001.
- COUTINHO, H.D.M; BEZERRA, D.A.C.; LÔBO, K.; BARBOSA, I.J.F. Atividade an-

timicrobiana de produtos naturais. *CONCEITOS*. jul. 2003/jun.2004.

CRAGG, G.M. AND NEWMAN, D.J. Discovery and development of antineoplastic agents from natural sources. *Cancer Invest.* v.17, p.153-163, 1999.

CRAGG, G.M.; NEWMAN, D.J. AND YANG, S.S. Natural product extracts of plant and marine origin having antileukemia potential. The NCI experience. *J Nat Prod*, v.69, p.488-498, 2006.

FAGUNDES, J. *Universidade e compromisso social: extensão, limites e perspectivas*. Campinas, Ed. UNICAMP, 1986.

GIULIETTI, A.M.; HARLEY, R.M.; PAGANUCCI, L. et al. Biodiversity and conservation of plants in Brazil. *Conservation Biology*, v.19, n.3, p.632-639, jun. 2005.

LANINE, J.; DUARTE-ALMEIDA, J.M.; NAPPO, S; CARLINI, E. A. "O que vêm da terra não faz mal": relatos de problemas relacionados ao uso de plantas medicinais por raizeiros de Diadema/SP. *Rev. bras. farmacogn.* [online], vol.19, n.1a, p. 121-129. 2009.

SABBATINI, R. *Medicina Natural. Saúde & Informação*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/saudeinfo/natural.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

SANTOS M.R.A; LIMA M.R; FERREIRA M.G.R. 2008. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. *Horticultura Brasileira* v. 26, n. 2, abr.-jun. 2008.

VEIGA Jr., V.F.; PINTO, A.C. Plantas medicinais: cura segura? *Quim. Nova*, v.28, n.3, p.519-528, 2005.

Reutilizando idéias: ação coletiva na sustentabilidade da feira livre de Cruz das Almas/BA

Autores

Cintia Armond

Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - cintiarmond@yahoo.com.br

Franceli da Silva

Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – franceli.silva@gmail.com

Jamille Casa

Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – jamillecasa@yahoo.com.br

Alexandre Américo Almasy Jr.

Prof. Dr. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – almasyjr@ufrb.edu.br

Alunos do Curso de Tecnologia em Agroecologia (2009.2)

Profa. Dra. Cintia Armond (orientadora) da UFRB - cintiarmond@yahoo.com.br

Bolsistas do Projeto ERVAS

Profa. Dra. Franceli da Silva (orientadora) da UFRB – franceli.silva@gmail.com

Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Campus de Cruz das Almas – CEP 44.380-000-

Cruz das Almas – BA – Brasil

Resumo

Este projeto teve a perspectiva de integração dos alunos do curso de Tecnologia em Agroecologia com os alunos do ensino médio por meio da discussão sobre ciência e sustentabilidade ambiental, estimulando discentes, docentes, comunidade local (produtores rurais, visitantes e consumidores) na reutilização de resíduos sólidos, reduzindo o impacto ambiental e proporcionando agregação de valor aos produtos reutilizados. O aumento da quantidade de resíduos sólidos, associado à crescente preocupação com a qualidade ambiental, com a saúde da população e com a inexistência de gestão nas feiras livres nos municípios do Recôncavo baiano, tem induzido à busca por tecnologias que atendam à demanda social, econômica e ambiental. A realização da ação coletiva teve como objetivo consolidar a integração das atividades de ensino, pesquisa e extensão, fomentando o pensamento crítico e atuando na formação cidadã.

Palavras-Chave

Resíduos sólidos; Sustentabilidade; Feira livre.

Abstract

This project had the prospect of the integration of technology Agroecology students in high school students through the discussion on science and environmental sustainability, encouraging students, teachers, local community (consumers farmers, and visitors) in the solid waste recycling, reducing environmental impact and add value to products reused. Most solid waste, along with growing concerns about the quality of environment, population health management and absence of free markets in the cities of Bay Reconcavo has led to the search for technologies that meet social demand, economic and environmental. The implementation of collective actions to strengthen the integration of teaching, research and extension, promoting critical thinking and working in civic education.

Keywords

Solid waste; sustainability; markets.

1. Introdução

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB tem como missão a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, respeito à liberdade de pensamento e expressão, sem discriminação de qualquer natureza, universalidade de conhecimentos, democracia e transparência na gestão, integração sistêmica entre educação, trabalho e atuação social, valorização e reconhecimento das experiências (NACIF, 2011).

A Universidade conta com o curso de Tecnologia em Agroecologia criado em 2009 com o objetivo de discutir e refletir sobre os impactos ambientais, sociais e econômicos dando ênfase à sustentabilidade ambiental, por meio dos princípios da agroecologia, que busca a integração entre a sociedade e os meios produtivos (PPP, 2009).

O aumento da quantidade de resíduos sólidos associado à crescente preocupação com a qualidade ambiental, com a saúde da população e com a inexistência de gestão nas feiras livres nos municípios da região do Recôncavo baiano, tem induzido a busca por tecnologias que atendam à demanda social, econômica e ambiental. A feira livre no município de Cruz das Almas atende a mais de 200 produtores rurais e aproximadamente 1.000 consumidores, além de visitantes ocasionais.

O problema diagnosticado na feira livre no município de Cruz das Almas foi o impacto ambiental por acúmulo de resíduos sólidos. Vários resíduos sólidos podem ser reutilizados, como é o caso do plástico e do papel. Existem inúmeras formas de reutilização, dependendo da criatividade do gerador, por exemplo, fazer de uma garrafa um vaso de plantas, aproveitar os jornais na confecção de artesanatos, dentre outros (ARMOND E OUTROS, 2010a).

2. Objetivos

O objetivo do projeto foi a integração dos alunos do curso de Tecnologia em Agroecologia com os alunos do ensino médio por meio da discussão sobre ciência e sustentabilidade ambiental, estimulando os discentes, docentes, comunidade local (produtores rurais, visitantes e consumidores) na reutilização de resíduos sólidos, reduzindo o impacto ambiental e propor-

cionando agregação de valor aos produtos reutilizados.

3. Material e métodos

As atividades do projeto foram desenvolvidas em quatro eixos temáticos, conforme apresentado a seguir:

Eixo temático 1:

O Projeto Reutilizando Idéias: Ação Coletiva na Sustentabilidade da Feira Livre de Cruz das Almas/Bahia na turma de Tecnologia em Agroecologia 2009.2 (segundo semestre, disciplina Sistemas agroecológicos de produção vegetal I).

Nesse eixo, adotou-se a metodologia participativa “tempestade de idéias” (MIKKELSEN, 1995), desenvolvida em aula prática da disciplina visando à elaboração do projeto de reutilização de resíduos sólidos. Foi feito o levantamento de dados na feira livre de Cruz das Almas, cujo resultado apontou a necessidade de reutilização do papel e plástico, resíduos sólidos mais encontrados e subutilizados na feira livre. Foi observado pelos discentes, que os alunos de ensino médio são, em sua maioria, filhos de produtores rurais e que muitas vezes auxiliam seus pais na feira.

Eixo temático 2:

Ação do Projeto Reutilizando Idéias: Ação Coletiva na Sustentabilidade da Feira Livre de Cruz das Almas/Bahia, nas escolas de ensino fundamental.

Foram realizadas oficinas participativas com docentes e discentes da turma de Tecnologia em Agroecologia na elaboração de práticas com o objetivo da reutilização de papel e plástico (por exemplo: confecção de vasos com jornal, reutilização de copos descartáveis no plantio de mudas e outros).

As oficinas comunitárias foram realizadas nas escolas de ensino médio do município de Cruz das Almas, elaboradas com a participação dos discentes da turma de Tecnologia em Agroecologia, sob orientação dos docentes. O objetivo destas oficinas foi sensibilizar os alunos das escolas de ensino médio sobre a importância da reutilização de resíduos sólidos, com ênfase em papel e plástico, utilizando metodologias participativas e agentes multiplicadores.

Eixo temático 3:

A ação coletiva na feira livre de Cruz das Almas/BA, na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

A divulgação do projeto foi feita com a elaboração de um folder na temática resíduos sólidos, elaborado pelos alunos das escolas de ensino médio com contribuição dos docentes e discentes da turma de Tecnologia em Agroecologia. Foi realizada uma exposição com produtos reutilizados e elaborados por meio das oficinas comunitárias (ARMOND E OUTROS, 2010b). As oficinas tiveram o objetivo de sensibilizar os consumidores na reutilização de resíduos sólidos, demonstrando as possibilidades de transformação do resíduo (papel e plástico) como opção de agregação de valor ao produto. Foram elaboradas pelas oficinas comunitárias durante a feira livre, nas quais foram apresentadas opções de reutilização do papel e do plástico, contando ainda com as contribuições da comunidade local (produtores rurais, visitantes e consumidores), demonstrando possibilidades de agregação de valor aos produtos reutilizados (como, por exemplo, a venda de mudas em copos plásticos ou artesanatos produzidos com papel) e redução do impacto ambiental conscientizando a sociedade sobre a importância da sustentabilidade ambiental.

Eixo temático 4:

Elaboração dos resultados da ação coletiva durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e do Projeto Reutilizando Idéias: Ação Coletiva na Sustentabilidade da Feira Livre de Cruz das Almas/Bahia.

Os resultados obtidos no projeto foram apresentados nos formatos de boletim informativo, banner, DVD e folder sobre a reutilização de resíduos sólidos (papel e plástico) nas escolas de ensino médio. Na feira livre de Cruz das Almas, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, os alunos distribuíram para a comunidade folders e boletins. Os boletins apresentaram a avaliação do impacto social e científico do projeto para as comunidades acadêmica e local.

4. Resultados e discussões

Os dados do levantamento realizado na feira livre de Cruz das Almas apresentam

um percentual de 79% de participação da comunidade local, demonstrando a interação entre a comunidade local e a acadêmica. Existiu por parte da comunidade local a demanda por ações coletivas na feira livre, abordando a temática reutilização de resíduos sólidos; houve a identificação com as soluções propostas pelos docentes e discentes do projeto e, em conjunto, foram elaborados produtos com agregação de valor. Na oficina de formação dos agentes multiplicadores, obteve-se a participação de 18% de discentes e 3% de docentes responsáveis pelo projeto e comprometidos com a ação coletiva (Figura 1).

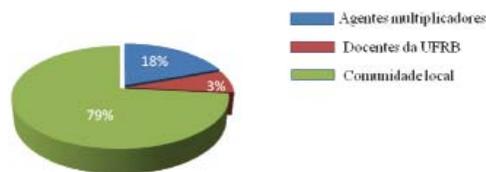


Figura 1 - Projeto Reutilizando idéias: dados do levantamento na feira livre de Cruz das Almas/Bahia e formação dos agentes multiplicadores na turma de Tecnologia em Agroecologia 2009.2. Cruz das Almas, 2011.

A realização da oficina do projeto, na qual foi apresentada a metodologia participativa de construção de produtos reutilizáveis com a agregação de valor, contou com a participação de uma pedagoga especialista na área, que construiu em conjunto com discentes e docentes da UFRB a metodologia de execução do projeto nas escolas municipais. Por meio desta oficina, foram formados os agentes multiplicadores que atuaram nas escolas e na ação coletiva. Observou-se grande participação de discentes da turma de Tecnologia em Agroecologia (57%) demonstrando tanto a preocupação em utilizar ferramentas técnicas de menor impacto ao ambiente quanto em atuar junto à comunidade local construindo o conhecimento e valorizando os produtos reutilizáveis (Figura 2).

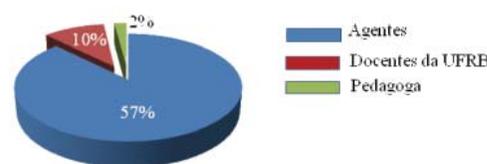


Figura 2 - Projeto Reutilizando idéias: dados da oficina de formação dos agentes multiplicadores da turma de Tecnologia em Agroecologia 2009.2 e participantes do projeto (docentes da UFRB e pedagoga) Cruz das Almas, 2011.



Figura 3 - A: oficina de formação de agentes multiplicadores com a interlocução da pedagoga Celina R. Silva colaboradora do projeto, B: levantamento dos impactos dos resíduos sólidos na feira livre de Cruz das Almas, C: oficina de construção de metodologias e produtos aos agentes multiplicadores. Cruz das Almas, 2011.

Conforme os dados, apresentados na Figura 4, houve um maior percentual de participação dos alunos do ensino médio (67%). Todas as escolas aceitaram participar do projeto e atuaram como parceiras, fomentando e incentivando as ações coletivas. Os agentes multiplicadores (18%) realizaram oficinas práticas em todas as escolas (Figura 5). O público participante das oficinas contribuiu na metodologia adotada, personalizando a metodologia participativa de acordo com a demanda de cada escola.

Por exemplo, na Escola Hamilton Ribeiro Cerqueira, os agentes multiplicadores priorizaram os brinquedos, construídos por meio da reutilização de garrafas plásticas, atendendo à faixa etária de alunos com 8 a 12 anos. No CEAT e no CENDEC, priorizou-se a agregação de valor aos produtos confeccionados com plástico e papel reutilizáveis. Nota-se a fundamental importância na formação de agentes multiplicadores, pois são eles os responsáveis pela consolidação crítica e pela formação da consciência ambiental nos alunos das escolas municipais. O fato dos alunos de ensino médio atuarem nas oficinas conjuntamente com os de ensino superior faz com que os mesmos sejam motivados a valorizar o ensino acadêmico, proporcionando no futuro a formação destes alunos no nível superior.

A universidade proporciona o desenvolvimento dos conceitos de sustentabilidade, o

que faz com que estes alunos comprometam-se com o desenvolvimento local e da região, além de transformar a sua própria realidade. Os discentes da UFRB também valorizam o aprendizado por meio da extensão universitária, associada ao ensino, na qual constroem o conhecimento com a comunidade local, validando o conhecimento popular em conjunto ao científico, proporcionando a estes discentes a formação acadêmica e cidadã.



Figura 4 - Projeto Reutilizando idéias: dados quantitativos das oficinas realizadas por agentes multiplicadores e docentes da UFRB nas escolas: CENDEC, CEAT e Hamilton Ribeiro Cerqueira, Cruz das Almas, 2011.

Optou-se por realizar em cada escola a apresentação do DVD completo com as ações do projeto (Figuras 7 e 8), para que todas tivessem a oportunidade de ver os trabalhos realizados nas oficinas do Projeto Reutilizando Idéias e gravados no formato de DVD (Figura 7). Foi realizada uma sessão de cinema com pipoca para apresentação do DVD em cada escola (Figura 8). Ao se reconhecer no DVD, os alunos do ensino médio, agentes multiplicadores, docentes e demais participantes do projeto sentiram-se valorizados e identificados com a ação realizada. Foi senso comum, em todas as escolas de ensino médio, que o projeto



Figura 5 - A: Oficina realizada no CENDEC, B: oficina realizada no CEAT, C: oficina realizada no Hamilton Ribeiro Cerqueira. Cruz das Almas, 2011.

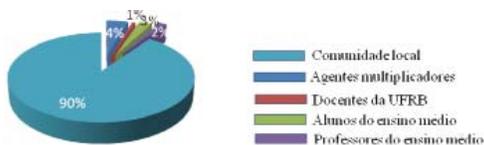


Figura 6 - Projeto Reutilizando idéias: dados quantitativos das oficinas realizadas por agentes multiplicadores e docentes da UFRB nas escolas: CENDEC, CEAT e Hamilton Ribeiro Cerqueira, Cruz das Almas, 2011.



Figura 7 - Materiais didáticos do projeto Reutilizando Idéias: Folder, DVD e Boletim informativo. Cruz das Almas, 2011.



Figura 8 - A: Apresentação do DVD e distribuição do material didático no CENDEC; B: Apresentação do DVD e distribuição do material didático no CEAT; C: Apresentação do DVD e distribuição do material didático na Escola Hamilton Ribeiro Cerqueira; D e F: Exposição na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia; E: Distribuição de material informativo sobre reutilização de resíduo sólido na feira livre de Cruz das Almas durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Cruz das Almas, 2011.

valorizou o conhecimento dos alunos e os motivou a dar continuidade nas atividades iniciadas. Também houve manifestação por parte da direção das escolas solicitando a continuidade do projeto, com novas ações. Em geral, todos se sentiram empoderados e valorizados em participar da ação coletiva, estimulando, conseqüentemente, que se tornem multiplicadores do projeto em sua comunidade, bairro, escola etc.

5. Conclusões

O Projeto Reutilizando Idéias: Ação coletiva na sustentabilidade da Feira Livre de Cruz das Almas/Bahia foi inovador e excelente na interação entre alunos do ensino superior e médio, além de docentes e demais participantes. Demonstrou impacto social e científico na troca de experiência entre os saberes populares e acadêmicos, na bus-

ca de soluções inovadoras e criativas com relação à utilização dos resíduos sólidos, principalmente plástico e papel. Agregou valor a estes resíduos, mostrando a possibilidade de comercialização dos artesanatos, ampliando a fonte de renda de forma simples, prática, criativa e com menor impacto ambiental. Estimulou a comunidade a participar da ação coletiva e desenvolver atividades na busca por soluções na reutilização de resíduos impactantes ao meio ambiente.

Referências

ARMOND, C.; SILVA, F.; CASA, J.; CASTRO, D. M., SILVA, C. R., ALMASSY JR., A. A., TURMA DE AGROECOLOGIA 2009.2 e 2010.2., EQUIPE PROJETO ERVAS. *Relatório Técnico Projeto Reutilizando Idéias*, FAPESB, 2010a, Cruz das Almas, BA, 76p.

ARMOND, C.; SILVA, F.; CASA, J.; CASTRO, D. M., SILVA, C. R., ALMASSY JR., A. A., TURMA DE AGROECOLOGIA 2009.2 e 2010.2., EQUIPE PROJETO ERVAS. *Boletim Técnico Informativo do Projeto Reutilizando Idéias*, FAPESB, 2010b. Cruz das Almas, BA, 04p.

MIKKELSEN, B. *Methods for Development Work and Research: A Guide for Practitioners*. New Delhi, Sage, 1995. 290p.

NACIF, P. G. S. *Livro UFRB 5 Anos - Caminhos, Histórias e Memórias*. UFRB, BA, 2011. 113p.

PPP – *Projeto Político Pedagógico do Curso de Tecnologia em Agroecologia*. Cruz das Almas, BA, 2009. 170p.

Guia para identificação de plantas medicinais do Recôncavo da Bahia

Autores

Márcio Lacerda Lopes Martins

Prof. MSc. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – marciollm@ufrb.edu.br

Carina de Oliveira

Estudante de Ciências Biológicas da UFRB – carydy_29@hotmail.com

Reizalumar de Jesus Neves

Estudante de Ciências Biológicas da UFRB – reizalumar@hotmail.com

Resumo

A correta identificação de espécies medicinais é fundamental para o seu uso adequado e para evitar problemas provenientes do seu mau uso. Com a finalidade de facilitar a identificação segura de espécies botânicas usadas cotidianamente para fins medicinais pela população do Recôncavo da Bahia, foram selecionadas 58 espécies medicinais catalogadas pelo Programa ERVAS/UFRB para a confecção de um guia. As espécies selecionadas foram identificadas, fotografadas e descritas de modo sucinto e com linguagem popular, evidenciando as características diagnósticas para o seu reconhecimento. Para cada espécie foi elaborada uma prancha contendo informações sobre seu uso e indicações, características morfológicas gerais e caracteres para fácil reconhecimento, além dos diversos sinônimos citados pela literatura específica. São apresentados uma lista das espécies incluídas no Guia e o modelo da prancha elaborada. Este Guia servirá de base para a confecção de um amplo compêndio de espécies medicinais do Recôncavo que será divulgado entre os municípios e doado às bibliotecas e escolas municipais e estaduais da região.

Palavras-Chave

Medicina popular; Taxonomia; Botânica.

Abstract

The correct identification of medicinal species is essential for its proper use and to avoid problems arising from misuse. In order to facilitate the secure identification of medicinal species used daily by population of the Reconcavo of Bahia, were selected 58 medicinal species cataloged by the program ERVAS/UFRB for making a guide. The selected species were identified, photographed and described in a succinct and popular language, highlighting the diagnostic features for its recognition. For each species was drawn up a board containing information about its use and indications, overall morphology and features for easy recognition, and the various synonyms cited by the literature. It presents a list of species included in the guide and model of board produced. This guide will serve as a basis for making a comprehensive compendium of medicinal species of Reconcavo to be released between the cities and donated to libraries and state and municipal schools in the area.

Keywords

Popular medicine; Taxonomy; Botany.

Introdução

O conhecimento sobre espécies medicinais brasileiras cresce proporcionalmente ao conhecimento de nossa flora. O desenvolvimento de trabalhos com espécies medicinais incrementa e fortalece as potencialidades farmacológicas destas plantas, evidenciando a necessidade da catalogação destas espécies (GUARIM-NETO; MORAES, 2003). Esses trabalhos têm a importante missão de registrar formalmente o conhecimento tradicional e, dessa forma, permitir que este esteja disponível a um maior número de pessoas, fornecendo informações confiáveis baseadas em resultados comprovados (ALMEIDA et al., 2005; SANTOS et al., 2003; COSTA et al., 2002; HERZOG-SOARES et al., 2002). Apesar do grande número de estudos dedicados a inventariar espécies vegetais com uso medicinal por populações tradicionais, ou não, em diversas partes do país, poucos trabalhos objetivam facilitar seu reconhecimento prático. Entre estes, Lorenzi e Matos (2008) fornecem uma ampla lista de espécies medicinais ocorrentes no Brasil, citando sua indicação e modo de preparo. Todas as espécies, no entanto, são citadas em ordem alfabética, sem a adoção de um sistema de classificação nem destaque para características diagnósticas, que normalmente facilitam o seu reconhecimento pela população leiga.

Estudos que tratem da identificação de famílias e gêneros com representantes que apresentam utilização medicinal são raros, podendo-se citar os trabalhos de Guarim-Neto et al. (2000) para a família Sapindaceae e Albuquerque e Andrade (1998) para o gênero *Ocimum* (Lamiaceae).

Estudos etnobotânicos, dedicados ao levantamento das espécies utilizadas pela população, são verificados em diversos estados brasileiros, abrangendo diversas áreas geográficas e tipos vegetacionais (AGRA et al., 2007, AZEVEDO; SILVA, 2006; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004; NUNES et al., 2003; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002, ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). Tais estudos poucas vezes tratam de espécies nativas, sobretudo quando são feitos junto a comunidades residentes em áreas afastadas de fragmentos vegetacionais representativos (GUARIM-NETO; MORAES, 2003). Algumas dessas espécies que figuram na cultura tradicional brasileira foram introduzidas a partir do Ve-

lho Mundo pelos africanos trazidos como escravos (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 1998). Assim, um grande número de espécies introduzidas à flora brasileira é citado de forma recorrente e, muitas vezes, sem critérios taxonômicos confiáveis (GOMES; NEGRELLE, 2003).

A identificação de plantas medicinais é uma tarefa complexa e que recebe interferências da nomenclatura popular tradicionalmente usada. Espécies comuns, espontâneas ou cultivadas, de longo uso, são identificadas sem critérios precisos ou uma análise morfológica pormenorizada. Segundo FOGGIO et al. (2006) somente 20% da população brasileira é responsável por 63% do consumo dos medicamentos disponíveis; o restante encontra nos produtos de origem natural, especialmente as plantas medicinais, a única fonte de recursos terapêuticos. O consumo indiscriminado de partes vegetais com procedência ou identificação duvidosas pode acarretar diversos malefícios à saúde do consumidor (AZEVEDO; SILVA, 2006; NUNES et al. 2003).

O uso de plantas medicinais pela população dos municípios do recôncavo da Bahia vem sendo estudado nos últimos anos e mostra-se bastante representativo. Diversas espécies da flora regional e/ou espontâneas são cultivadas pela população em quintais e canteiros e consumidas de acordo com métodos tradicionais na forma de chás, infusões, garrafadas e compressas, para fins medicinais ou para rituais religiosos. Dessa forma, o presente estudo teve por objetivo elaborar um guia básico para a identificação das principais espécies botânicas utilizadas com finalidade medicinal pela população do Recôncavo da Bahia.

Material e métodos

O material incluído neste trabalho foi oriundo dos estudos desenvolvidos pelo Programa ERVAS da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, o qual realiza estudos em etnobotânica nos municípios de Santo Antônio da Jesus, Amargosa e Cruz das Almas. Todo o material coletado está depositado na Coleção Botânica da UFRB, Cruz das Almas. Foram feitas coletas de material fresco em quintais, hortos ou canteiros destes e de outros municípios, quando o material depositado na referida coleção não era representativo ou não estava fértil, e, posteriormente, consultada literatura especializada (LORENZI; MATOS, 2008; DI

STASI; HIRUMA-LIMA, 2002) para descrição e análise. A mesma literatura foi consultada para seleção de sinônimos populares.

O material selecionado foi identificado a partir de consultas a literatura científica especializada para cada táxon, e ao acervo do herbário HUEFS, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Para cada espécie identificada foi elaborada uma descrição sucinta evidenciando caracteres diagnósticos que facilitem sua identificação por leigos. Neste contexto, tiveram atenção especial características vegetativas, o hábito da planta e sua forma de crescimento.

As pranchas para identificação de cada espécie estão organizadas em ordem alfabética a partir do nome popular mais citado nos trabalhos analisados e incluem fotos representativas do hábito e de partes importantes para seu reconhecimento, sinônimos populares, classificação taxonômica, usos e indicações, características gerais das espécies e as características usadas para fácil reconhecimento da planta por leigos (Figura 1). Referências bibliográficas estão citadas apenas no final do Guia.

Resultados e discussão

Dentre as 85 espécies catalogadas pelo Programa ERVAS/UFRB foram selecionadas 58 espécies vegetais para a confecção deste Guia Básico. As demais espécies foram excluídas desta primeira etapa por ainda não terem identificação taxonômica precisa ou por não terem sido fotografadas adequadamente. As espécies incluídas no Guia estão listadas na Tabela 1.

Todas as espécies estudadas são citadas de forma recorrente na literatura (LORENZI; MATOS, 2008; DI STASI; HIRUMA-LIMA, 2002; PIO-CORREA, 1978). No entanto, verifica-se uma carência de comentários que contribuam para uma segura identificação destas espécies. São raros os trabalhos que visam fornecer a população leiga condições de usar caracteres morfológicos amplamente difundidos no meio científico para o reconhecimento das espécies medicinais, o que pode gerar diversos problemas à saúde da população (AZEVEDO; SILVA, 2006; NUNES et al. 2003).

Verificou-se que a ocorrência de dois ou mais nomes científicos associados ao mesmo nome vulgar ou nomes vulgares semelhantes é comum. Esse é o caso de *Oci-*

um basilicum e *Ocimum gratissimum* conhecidos como quioiô e quioiô-cravo, respectivamente, e da erva-cidreira, espécie cujo nome vulgar está associado a quatro espécies diferentes (*Aloysia triphylla*, *Lippia alba*, *L. sidoides* e *Melissa officinalis*). A utilização de nomes populares semelhantes para espécies botânicas distintas e nomes diferentes para a mesma espécie constitui-se em um dos principais problemas para a padronização e difusão do uso destas espécies como alternativas ao consumo de medicamentos industrializados (NASCIMENTO et al., 2005). Essa dificuldade, entretanto, não se restringe à população leiga. Foglio et al. (2006) ressaltam que qualquer profissional ou instituição que deseja trabalhar com plantas medicinais esbarra na dificuldade em produzi-las ou adquiri-las com confiabilidade na identificação botânica. Tal fato pode ocasionar um atraso nas pesquisas científicas nessa direção ou prejudicar a saúde do consumidor.

Conclusão

Os resultados obtidos por este estudo poderão beneficiar diretamente toda a população dos municípios do Recôncavo da Bahia que habitualmente lida e consome espécies vegetais medicinais. A elaboração deste Guia Básico servirá para a confecção de um Guia mais amplo para identificação de um número maior de espécies vegetais que será divulgado entre os municípios desta região e doado às bibliotecas municipais e escolas, possibilitando uma melhor orientação para a distinção das espécies mais comuns.

Espera-se que, em âmbito nacional, este trabalho sirva como referência para o desenvolvimento de novos trabalhos que ampliem e consolidem as informações relativas às espécies medicinais brasileiras sob um ponto de vista taxonômico e mesmo para consulta em comunidades que tradicionalmente se utilizam dos conhecimentos da medicina popular.

Agradecimentos

Agradecemos à Pró-reitoria de Extensão pela bolsa da primeira autora, à Dr^a Franceli da Silva e a todos os membros do Programa ERVAS/UFRB pela disponibilidade e acesso às informações sobre a flora medicinal do Recôncavo, e a Valter Cruz Magalhães pela ajuda no reconhecimento das espécies no campo e registros fotográficos.



Figura 1: Modelo de prancha a ser incluída no Guia Básico para Identificação de Plantas Medicinais Usadas pela População do Recôncavo da Bahia.

Referências

- AGRA, M.F. et al. Sinopse da Flora Medicinal do Cariri Paraibano. *Oecol. Bras.*, v.11, n.3, p.323-330. Out. 2007.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L. de H.C. Etnobotânica del Género *Ocimum* L. (Lamiaceae) en las Comunidades Afrobrasileñas. *Anales Jard. Bot. de Madrid*, v.56, n.1, p.107-118. Out. 1998.
- ALBUQUERQUE, U.P. de; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento Botânico Tradicional e Conservação em uma Área de Caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Bot. Bras.* v.16, n.3, p.273-285, Mar. 2002.
- ALMEIDA, C.F.C.B.R. de; ALBUQUERQUE, U. P. de. Uso e Conservação de plantas e Animais Medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um Estudo de Caso, *Interciência*. v.27, n.6. Jun. 2002.
- ALMEIDA, C.F.C.B.R. de, et al.. Life strategy and chemical composition as predictors of the selection of medicinal plants from the caatinga (Northeast Brazil), *Journal of Arid Environments*. v.62, p.127-142. 2005.
- AZEVEDO, S.K.S. de; SILVA, I.M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Acta Bot. Bras.* v.20, n.1, p.185-194. Jan. 2006.
- COSTA, T.E.M.M. et al. Effect of barbatimão [*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville] infusion on the labling of blood elements with technetium-99m. *Rev. Bras. Farmacogn.* v.12, supl., p.07-09. 2002.
- DI STASI L.C.; HIRUMA-LIMA, C.A. *Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 604p.
- FOGLIO, A.M. et al. Plantas Medicinais como Fonte de Recursos Terapêuticos: Um Modelo Multidisciplinar. *Revista Multiciência* on line. <Disponível em http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_07/a_04_7.pdf> Acesso em 17 ago. 2006.
- FONSECA-KRUEL, V.S.; PEIXOTO, A.L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Bot. Bras.* v.18, n.1, p.177-190. Jan. 2004.

GOMES, E.C.; NEGRELLE, R.R.B. *Cymbopogon citratus* (D.C.) Stapf: Aspectos Botânicos e Ecológicos. *Visão Acadêmica*. v.4, n.2. p.137-144. Dez. 2003.

GUARIM-NETO, G.; MORAIS, R.G. de. Recursos Medicinais de Espécies do Cerrado de Mato Grosso: Um Estudo Bibliográfico. *Acta Bot. Bras.* v.17, n.4, p.561-584. Out. 2003.

GUARIM-NETO, G. et al. Notas Etnobotânicas de Espécies de Sapindaceae Jussieu. *Acta Bot. Bras.* v.14, n.3, p.327-334. Jul. 2000.

HERZOG-SOARES, J.A. et al. Atividade tripanocida in vivo de *Stryphnodendron adstringens* e *Caryocar brasiliensis*. *Rev. Bras. Farmacogn.* v.12, supl., p.01-02. 2002.

LORENZI H.; MATOS F.J.A. *Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas cultivadas*. 2ª Ed. Nova Odessa, SP, Instituto Plantarum. 2008. 544p.

NASCIMENTO, J.E. et al. Produtos à base de Plantas Medicinais comercializados em Pernambuco – Nordeste do Brasil. *Acta Farm. Bonaerense* v.24, n.1, p.113-22. Jan. 2005.

NUNES, G.P. et al. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Rev. Bras. Farmacogn.* v.13, n.2, p.83-92. Dez. 2003.

PIO-CORREA, M. *Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 1978. 1926p.

SANTOS, L.C. et al. Atividade antioxidante de xantonas isoladas de espécies de *Leiothrix*. *Rev. Bras. Farmacogn.* v.13, n.2, p.67-74. Dez. 2003.

Tabela 1: Lista de espécies (ordenada alfabeticamente de acordo com seus nomes vulgares) usadas pela população dos municípios de Cruz das Almas, Amargosa e Santo Antônio de Jesus com seus respectivos nomes científicos e usos.

Nomes populares	Sinônimos	Nomes científicos	Usos
Abacate	Abacateiro, louro-abacate, pêra-abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Contra reumatismo, diarreia, infecção nos rins e bexiga, diurético.
Alcachofra	Cana-de-macaco, cana-do-brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Diurético, regulariza o fluxo menstrual.
Alecrim do mato	Flor-de-olimpio	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Contra má digestão, gases no aparelho digestivo, dor de cabeça, memória fraca.
Alfavaca de cobra	Erva-jaboti, erva-de-jaboti, comida-de-jaboti, maria-mole, ximbuí	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Combate de tosse, dor de garganta, arteriosclerose da coronária.
Alfavaca do campo	Alfavaca de galinha	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Contra diarreia, tosse, gripe, bronquite, reumatismo, paralisia, epilepsia.
Algodão	Algodoeiro	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Contra disenteria, hemorragia urinária, distúrbio na menopausa.
Alumã	Boldo, árvore-de-pinguço	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Usada como analgésico, contra problemas do fígado e gases intestinais.
Amaranto-verde	Caruru-de-macho, caruru, caruru-verde, caruru-miúdo	<i>Amaranthus viridis</i> L.	A mucilagem das folhas é usada para reduzir a eliminação da urina, laxante.
Andu	Fei jão-andu, andu, guandu, ervilha-de-sete-anos, ervilha-do-congo	<i>Cajanus cajan</i> (L) Mill	Usada contra tosse, hemorragias, em gargarejos contra inflamações da garganta.
Arnica	Espiga-de-milho, marcela miúda, arnica-brasileira, arnica-do-campo	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Utilizada para deter secreções de feridas e chagas, regulariza as funções digestivas.
Aroeira	Aguaraíba, aroeira-branca, aroeira-da-praia, aroeira-do-brejo	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Antiinflamatório, cicatrizante, doenças do sistema urinário e do aparelho respiratório.
Arruda fêmea	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Desordem menstrual, inflamações na pele, dor no ouvido, febre, dor de dente, câimbras.
Artemígio	Absinto, losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Diurética, abortiva, aumenta o fluxo salivar.
Azedinha	Amora preta, amoreira-negra, sarça-mora	<i>Morus nigra</i> L.	Usada para inflamações na boca, dente, da pele, garganta e pulmão. Inflamações no sistema respiratório.
Babosa	Alóe, babosa-grande, erva-de-azebre, caraguatá-de-jardim	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	Cicatrizante, tem ação antimicrobiana sobre bactérias e fungos.
Boldo miúdo	Boldo chinês, boldinho, boldo rasteiro	<i>Plectranthus ornatus</i> Cood	É usada para aliviar problemas no fígado, auxilia na digestão.
Bom pra tudo	Falso-boldo, boldo-brasileiro, boldo-do-reino, sete-dores, folha-de-oxalá, hortelã grosso	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Usada no tratamento de males do fígado e problemas digestivos.
Brilhantina	Dinheirinho, planta-artilheira	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Inflamação no ovário, dor de barriga.

(Tabela 1: Lista de espécies. Cont.)

Nomes populares	Sinônimos	Nomes científicos	Usos
Canela	canela-verdadeira, canela-de-cheiro, canela-da-índia	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	É usada no tratamento de diarreia infantil, gripe verminoses.
Caapeba	Malvarisco, lençol-de-santa-bárbara, Pariparoba	<i>Piper umbellatum</i> L.	Contra doenças do fígado, inchaços, e inflamações das pernas.
Capim santo	Capim-cheiroso, capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Gripes forte, dores de cabeça e dores musculares, reumatismo.
Confrei	Língua-de-vaca, orelha-de-burro	<i>Symphytum officinale</i> L.	Disenterias, inflamações, reumatismo, hemorragia e irritabilidade menstrual.
Coração magoado	Iresine, coração-de-maria, orelha-de-macaco	<i>Iresine herbstii</i> Hook.	Contra diarreia.
Cravo	Craveiro-da-índia, ravinho-da-índia, cravo-doce, cravinho	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Usado para reduzir gases intestinais, é estimulante das funções digestivas, contra trombose.
Erva-cidreira	Alecrim-selvagem, falsa-melissa	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. Ex Britton & P. Wilson	Calmante, relaxante, hipertensão, náusea, tosse e gripe.
Erva-cidreira	Alecrim-pimenta, alecrim-bravo	<i>Lippia sidoides</i> Cham.	Usada no tratamento de renite alérgica.
Erva-cidreira	Cidrô, cidró-pesseguero, cidrão	<i>Aloysia triphylla</i> Royle	Usada como sedativo brando, reduzindo febres.
Erva Doce	Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Eliminar gases, combater cólicas e estimular a produção de leite.
Espinho de agulha	Carrapixo, picão-preto	<i>Bidens pilosa</i> L.	Problemas no fígado, infecções urinárias e vaginais.
Fedegoso	Café-de-gozo, café-de-negro, erva-fedorenta, folha-de-pajé.	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	É diurético, combate a febre, doenças do fígado e anemia.
Figueira	Figo, figueira-comum, figueira-de-baeo	<i>ícus carica</i> L.	Combater tosse, resfriado, e bronquite, inflamações na boca e faringe.
Folha da costa	Folha-da-fortuna, folha-grossa	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Gastrite, tratamento local de furúnculos.
Gengibre	Mangarataia, gengivre, gengibre, mangaratiá	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Usada contra asma, bronquite, menstruação longa.
Guiné	Erva-de-alho, amansa-senhor	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Artrite reumatismo, malária, me-mória fraca, alívio de dores musculares.
Hortelã-grosso	Hortelã, hortelã graúda, malvão, malvarisco	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Asma, bronquite, gripe, febres, rouquidão, anti-séptico bucal e da garganta.
Insulina	Cipó-puci, cortina-de-pobre	<i>Cissus verticillata</i> (L) Nicolson & C.E. Jarvis	Usada em problemas cardíacos, anemias, derames.
Mamão	Mamoeiro, abobaia, amabapaia, amazonas, chamburi	<i>Carica papaya</i> L.	Digestivo, diurético e laxante, quando verde é abortivo.
Manacá	Caá-gambá, cangambá, geretataca, jasmim-do-praguai	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Empregado contra artrite e reumatismo, febres, sífilis, mordedura de cobras e febre amarela.
Manjerição graúdo	Alfavaca, quioiô	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Baixar a febre e melhorar a digestão, contra infecções bacterianas e parasitas intestinais.

(Tabela 1: Lista de espécies. Cont.)

Nomes populares	Sinônimos	Nomes científicos	Usos
Marcela galega	Alfinete-do-mato, cravo-de-defunto	<i>Tagetes minuta</i> L.	Expelir vermes intestinais e estimular o fluxo menstrual, diurética.
Maria preta	Maria-rezadeira, maria-milagrosa	<i>Varronia verbenacea</i> (D.C) Borhidi	Antiinflamatória, para dores musculares e da coluna.
Mastruz	Erva-de-santa-maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Auxilia no combate contra vermes intestinais, bronquite e tuberculose.
Mata-pasto	Manjerioba-do-pará, manjerioba-grande, dartrial, candelabro	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Usada nas infestações da pele por bactérias e fungos, impinges, pano branco.
Melissa	Cidreira, erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Usada como calmante, conta má digestão, gripe, bronquite crônica.
Menta-miúda	Poejinho, poejo-das-hortas, poejo-real, poejo-do-rei	<i>Mentha pulegium</i> L.	Cura bronquite, asma, coqueluche, corrimento vaginal.
Novalgina	Doril, sempre-viva	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Usadas para digestão, diuréticas, tosse, prisão de ventre.
Palma	Botão-amarelo, anil-bravo	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Digestiva, dor de dente, tonturas.
Pitanga	Pitanga-roxa, ginja	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Anti-reumática e combate a desinteria.
Quebra pedra	Erva-pomba	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Aumenta a eliminação de urina e pedra nos rins.
Quioiô branco	Hortelãzinho, hortelã de panela, hortelã de cheiro	<i>Mentha piperita</i> L.	Dores no estômago, sedativo, contra parasitas intestinais, bronquite, tosse cólicas abdominais e tétano.
Quioiô cravo	Quioiô branco	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Diarréias, distúrbios do estômago, dores de cabeça e como sedativo.
Quitoco	Titoco, lucera, erva-lucera, lucero, tabacarana, madrecravo	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Usada na redução dos gases intestinais e estomacal, problemas de digestão, reumatismo, resfriado e bronquite.
Sabugueiro	Sabugueiro, acapora, sabugo-negro, sabugueirinho, sabugueiro-do-brasil	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltld.	Febre, problemas respiratórios, possui propriedades diuréticas, promove limpeza, é cicatrizante e antiinflamatória.
Suspiro branco	Suspiro roxo	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Hemorroidas, palpitação do coração, hemorragia menstruais.
Transagem	Tançagem, tanchagem, tanchagem- maior, tanchás, plantagem, sete-nervos, cinco-nervos	<i>Plantago major</i> L.	Expulsar o catarro, cicatrizante, sendo empregadas contra bronquites crônicas e úlceras pépticas.
Vassourinha	Tapixaba, coerana-branca	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Febres, tosse, bronquite, diarreia, inflamações, dores, males estomacais e dor de dente.
Vassourinha-de-botão	Falsa-poaia, cordão-de-frade, poaia-rosário, erva-botão	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	O chá de suas raízes é diurético, é usado contra vômitos.
Vick	Água de elevante, magnopiol	<i>Ocimum tenuiflorum</i> L.	Dor de cabeça, resfriado, problemas gástrico e do coração.



Criação da UFRB

2005

Resenha de livro

Reflexões sobre “Extensão ou Comunicação?”

Autores

Ana Georgina Peixoto Rocha

Professora da UFRB, no Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB)

Ósia Alexandrina Vasconcelos

Professora da UFRB, no Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB)

Alexandra dos Santos Reis

Discente do Curso de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas da UFRB, voluntária do Projeto Paulo Freire

Reginaldo Ribeiro de Oliveira

Discente do Curso de Engenharia Agrônômica da UFRB. Bolsista do Projeto Paulo Freire

Apresentação

Este texto é resultado da leitura, reflexão e discussão do Grupo de Estudos Paulo Freire¹ acerca do livro “Extensão ou Comunicação?”. O objetivo não é expor as idéias da obra de modo a esgotá-la, mas optou-se por sistematizar alguns conceitos (ou palavras-chave), selecionados a partir dos objetivos do Grupo, dentre os quais, discutir e refletir sobre a obra de Paulo Freire, buscando a sistematização de suas idéias, a identificação de seus referenciais teóricos e a reflexão das práticas de extensão da Universidade. Cumpre destacar que o texto apresenta-se como uma resenha, ou seja, uma síntese comentada. A resenha remete várias vezes ao texto original, uma leitura fundamental à prática extensionista.

Na obra, Freire discute a extensão rural, utilizando, principalmente, como contexto

de análise, a atuação do agrônomo tendo como plano de fundo a questão agrária no Brasil. Partindo inicialmente de uma discussão semântica, o autor critica a noção de extensão e propõe uma substituição pelo termo comunicação. A idéia central é que entre o técnico agrícola e o camponês não deve ser estabelecida uma relação de extensão, mas de comunicação. Paulo Freire critica uma extensão vista como mera transferência de conhecimentos técnicos, sem considerar o universo cultural do camponês.

Além dos conceitos-chave da obra (comunicação x extensão), expostos através da dualidade de tipos ideais, Freire também aborda conceitos como invasão cultural e diálogo, já apresentados em Pedagogia do Oprimido.

¹ O Grupo de Estudos Paulo Freire é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFRB, tendo iniciado suas atividades em março de 2009. Os encontros do Grupo são quinzenais, abertos a qualquer membro da comunidade interna e externa da UFRB interes-

sado em discutir a obra de Paulo Freire, a partir da qual o Grupo reflete sobre as práticas de extensão da Universidade. As atividades do Grupo também fazem parte do Projeto Paulo Freire.

Em síntese,

Paulo Freire reflete sobre a questão da comunicação no meio rural, entre agrônomos com formação acadêmica e homens simples, cuja experiência foi construída no cotidiano da lida com a terra. Discute o conceito de invasão cultural, de extensão, revista em seu sentido lingüístico e filosófico, e a reforma agrária. (VALE E OUTROS, 2005, p. 37).

Freire analisa o papel do agrônomo enquanto educador, chamando a atenção para a comunicação entre técnico e camponês, no contexto das transformações no meio rural brasileiro. Esta análise parte do próprio sentido do conceito de extensão, que incorpora uma visão de superioridade e de dominação, tornando o camponês um mero objeto das ações de extensão.

“Extensão ou Comunicação?” é um ensaio publicado em Santiago do Chile em 1969 com o título *Extensión o comunicación? La conscientización en el medio rural*, escrito para o Instituto de Capacitación e Investigación em Reforma Agrária. O prefácio foi escrito por Jacques Chonchol, um engenheiro agrônomo chileno que dirigiu o *Instituto de Desarrollo Agropecuario* (INDAP) entre 1964 e 1969, assessorado por Freire. Em 1969, Jacques Chonchol afastou-se do governo por achar que era incapaz de levar à frente a reforma agrária no Chile e se integrou aos movimentos populares.

Jacques Chonchol destaca a riqueza deste ensaio de Paulo Freire, ressaltando que é

[...] uma síntese muito profunda do papel que Paulo Freire assinala à educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo. (p. 11-12).

A obra está organizada em três capítulos. No primeiro, Paulo Freire apresenta uma análise crítica do termo extensão, a partir de uma perspectiva semântica. No segundo, o autor discute o trabalho do extensionista e sua associação com um processo de invasão cultural, na medida em que fica limitado à simples transferência das técnicas.

Posteriormente, destaca a importância do agrônomo educador e o seu papel no processo de reforma agrária. No terceiro ca-

pítulo, propõe o termo comunicação, em substituição à idéia de extensão.

Ao discutir o trabalho do agrônomo, Paulo Freire reflete sobre o modelo de extensão rural predominante, marcado por um caráter difusionista que pautava a noção de desenvolvimento rural. No Brasil, o processo de modernização da agricultura, baseado no pacote tecnológico da revolução verde, buscava o aumento da produtividade, através do uso de tecnologias consideradas “modernas”. Crédito rural subsidiado e assistência técnica garantiam o avanço da modernização no campo e a adoção de tecnologias completamente inadequadas às condições socioeconômicas e culturais da grande maioria dos agricultores brasileiros.

O trabalho do agrônomo, nesse contexto, e como parte da própria visão de desenvolvimento predominante no período, buscava a mera substituição das técnicas tradicionais dos agricultores, sem levar em consideração a realidade local e muito menos o conhecimento da comunidade. Produzir mais era a palavra de ordem, pautada na simples transferência do conhecimento técnico dos agrônomos para a população rural.

As conseqüências sociais e ambientais desse modelo de desenvolvimento são bastante conhecidas e o êxodo rural foi a sua face mais visível. Uma modernização que não pode ser identificada com o próprio desenvolvimento, como assinala Freire: “[...] se bem que todo desenvolvimento seja modernização, nem toda modernização é desenvolvimento” (p. 57). Nesse cenário, os latifúndios foram modernizados e a estrutura agrária brasileira era funcional ao modelo de desenvolvimento adotado. O agrônomo era o detentor da técnica.

Críticas à extensão

Os principais conceitos dessa obra são extensão e comunicação, abordados como termos cujos significados são antagônicos posto que expressam visões distintas sobre a extensão e o seu papel; de um lado, Freire critica o modelo de extensão pautado num paradigma de educação conformadora/domesticadora e, de outro, aponta o caminho para uma extensão que sirva à educação libertadora.

Destacamos três aspectos da crítica de Pau-

lo Freire à extensão: o sentido do termo e o que ele traduz; o tecnicismo e a invasão cultural.

A primeira crítica é dirigida à palavra extensão, submetida a uma crítica da forma como tem sido empregada no sentido de levar algo até alguém. O autor questiona o conceito de extensão, a partir de uma análise do que denomina de “campo associativo” desse termo, que possui uma “[...] relação significativa com *transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação* etc.” (p. 22). São expressões que, na visão do autor, negam o homem como um ser transformador, traduzindo-o em quase “coisa”, o que não corresponde a uma concepção de educação libertadora.

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (p. 25).

Ao discutir as relações homem-mundo, Freire constata o equívoco gnosiológico do termo extensão. O conceito fica limitado à mera ação de estender, cujo conteúdo incorpora um aspecto estático.

[...] a substituição do procedimento empírico dos camponeses por nossas técnicas “elaboradas” é um problema antropológico, epistemológico e também estrutural. Não pode, por isso mesmo, ser resolvido através do equívoco gnosiológico a que conduz o conceito de “extensão”. (p. 33).

Assim, o ato de estender algo a alguém desconsidera a visão de mundo daquele que passivamente recebe. É nesse ponto que reside a segunda crítica do autor, relacionada ao tecnicismo que permeia as prá-

ticas extensionistas, baseado no equívoco de que a técnica é neutra. Para Freire, é preciso considerá-la a partir de um contexto histórico-social específico.

O trabalho do agrônomo como educador não se esgota e não deve esgotar-se no domínio da técnica, pois que esta não existe sem os homens e estes não existem fora da história, fora da realidade que devem transformar. (p. 49).

O agrônomo precisa conhecer a visão de mundo do camponês e enfrentá-la em sua totalidade. Mais do que isso, o trabalho do agrônomo não pode considerar apenas as questões técnicas; é preciso “ad-mirar” o contexto e a realidade em que esta técnica se insere.

Freire chama a atenção que a técnica não é neutra, não podendo ser dissociada de outras dimensões da realidade humana. É nesse sentido que o agrônomo não pode meramente fazer substituições “[...] dos procedimentos empíricos dos camponeses por suas técnicas” (p. 55). Da mesma forma, a reforma agrária

[...] não é uma questão simplesmente técnica. Envolve, sobretudo, uma decisão política, que é a que efetua e impulsiona as proposições técnicas que, não sendo neutras, implicam a opção ideológica dos técnicos. (p. 56).

Ignorar a necessidade de dialogar diferentes visões de mundo conduz o extensionista a uma atitude antidialógica. O autor afirma que a teoria implícita na extensão, considerada enquanto ato de estender, tem um caráter antidialógico², e se concentra na análise de uma das características da teoria da ação antidialógica: a invasão cultural.

[...] ainda que reconheçamos que nem todos os agrônomos chamados extensionistas façam invasão cultural, não nos é possível ignorar a conotação ostensiva da invasão cultural que há no termo extensão (p. 43).

² Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire discute a teoria da ação antidialógica, contrapondo-a a uma teoria da ação dialógica.

Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores. (p. 41).

A ação antidialógica é caracterizada pela manipulação como um instrumento da conquista e pela invasão cultural, que é, ao mesmo tempo, dominação e tática de dominação. Como destaca em *Pedagogia do Oprimido*, “[...] invasão é uma forma de dominar econômica e culturalmente o invadido” (1977, p. 178). A invasão cultural impõe uma visão de mundo que desconhece o contexto cultural dos invadidos.

Tal é o dilema do agrônomo extensionista, em face do qual precisa manter-se lúcido e crítico. Se transforma os seus conhecimentos especializados, suas técnicas, em algo estático, materializado e os estende mecanicamente aos camponeses, invadindo indiscutivelmente sua cultura, sua visão de mundo, concordará com o conceito de extensão e estará negando o homem como um ser da decisão. Se, ao contrário, afirma-o através de um trabalho dialógico, não invade, não manipula, não conquista; nega, então, a compreensão do termo extensão. (p. 44).

O antidiálogo está expresso na própria estrutura agrária, representada pelo latifúndio. É essa estrutura que gera obstáculos para o diálogo entre técnicos e agricultores: “[...] a dificuldade em dialogar dos camponeses não tem sua razão neles mesmos, enquanto homens camponeses, mas na estrutura social, enquanto ‘fechada’ e opressora” (p. 49). O latifúndio é, em sua essência, antidialógico, com uma estrutura vertical e fechada impondo uma hierarquia social que reproduz a desigualdade entre os donos da terra e os trabalhadores.

É nesse ponto que Freire chama a atenção sobre o problema da linguagem técnica, com um “quadro significativo” próprio que não permite a comunicação com os camponeses. Para ele, é através do diálogo problematizador, que é possível “[...] diminuir a distância entre a expressão significativa do técnico e a percepção pelos camponeses em torno do significado” (p. 68). Isso não pode acontecer através da mera “[...] extensão do pensado de um sujeito até o outro” (p. 68).

Tal extensão criticada por Freire, vista como ação de estender tecnicista e antidialógica, está afinada com uma visão bancária da educação, termo cunhado em *Pedagogia do Oprimido* que caracteriza a educação centrada no ato de depositar conteúdos em objetos vazios (educandos). Gutiérrez lembra que, “[...] para Freire, a extensão não é uma ação educativa para a ‘liberdade’ senão para a ‘domesticação.’” (2010, p. 174).

Caminhos da extensão libertadora

Exposto o equívoco do conceito de extensão, que é o de simplesmente estender o conhecimento “[...] em lugar de (pela comunicação eficiente) fazer do fato concreto ao qual se refira o conhecimento (expresso por signos lingüísticos) objeto de compreensão mútua dos camponeses e dos agrônomos” (p. 70), Freire não apresenta uma “metodologia de extensão”, mas explica alguns princípios que devem conduzir as práticas da extensão libertadora, em contraposição à extensão que serve à educação domesticadora.

A palavra-chave para o caminho proposto por Freire para a extensão transformadora é, sem dúvida, diálogo. Partindo da crítica ao sentido do termo extensão, ele propõe a substituição deste pelo termo comunicação. Para Freire, um mundo social e humano só é possível com a comunicabilidade, ou seja, é uma relação dialógica-comunicativa em que os sujeitos interlocutores se expressam, através de um mesmo sistema de signos lingüísticos. Um mundo de comunicação, segundo Freire, torna-se “[...] o mundo da cultura que se prolonga no mundo da história”. (p. 65). Nesse mundo freiriano, não existem sujeitos passivos. Na comunicação, “[...] os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se *comunicam* seu conteúdo.” (p. 67).

Em uma “educação bancária” (cunhada em *Pedagogia do Oprimido*), ocorre um simples ato de depósito entre sujeitos que efetivamente não se comunicam, ou melhor, entre sujeitos e objetos. Uma educação libertadora pressupõe a existência de um diálogo entre sujeitos, que permite a troca de conhecimentos, já que “[...] conhecer é tarefa de sujeitos. Não de objetos.” (p. 27). Como afirma Graciani (2010), “[...] educador-edu-

cando e educando-educador, no processo educativo libertador, são ambos sujeitos cognitivos diante de objetos, palavras, idéias, que os mediatizam, via diálogo problematizador.” (GRACIANI, 2010, p. 173).

É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito. (p. 67).

O agrônomo, enquanto um educador, deve pautar o seu trabalho em um processo dialógico de construção de conhecimento e troca de saberes, única forma de promover um verdadeiro desenvolvimento, que permita o envolvimento das comunidades. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (p. 69).

Assim, no lugar da imposição de visão de mundo (invasão cultural), deve haver interação de visões de mundo, somente possível através de um diálogo aberto, reservado de preconceitos. Freire ressalta a importância de compreender e valorizar a cultura do outro ao estabelecer um diálogo, pois é apresentando sua visão de mundo e buscando interagir com a visão de mundo do outro que efetivamente acontece a comunicação. “[...] o homem, que não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um ser ‘sem-em-situação’, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo.” (p. 28).

Essa transformação ocorre através da *práxis*, da articulação entre teoria e prática, entre ação e reflexão. Deste modo, o autor afirma que a relação do homem com o mundo permite que o mesmo tenha a oportunidade de atuar de forma transformadora da sua própria realidade construindo uma trajetória marcada por sua própria prática e não pela transferência técnica (ou tecnicidade, conforme comentado anteriormente).

Portanto, pautada no diálogo, na articulação de saberes e na *práxis*, a extensão poderá se constituir como transformadora, e não conformadora, através da conscienti-

zação do homem (que, conforme explicita o autor em obra anterior, é o processo de “humanização do homem”). Paulo Freire entende a extensão como sendo um processo educativo centrado na humanização e fundamentado no diálogo. “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.” (p. 43).

Essa conscientização não se dá através da solução e resolução de problemas; a extensão deve problematizar e não atender comunidades como mera prestadora de serviços. Aqui, o extensionista tem um papel fundamental como agente de mudança. Ele precisa recusar a ação de domesticar o homem, pois o seu papel principal é o de mediador da comunicação.

O agrônomo “[...] como agente da mudança, com os camponeses (agentes também), cabe a ele inserir-se no processo de transformação, conscientizando-os e conscientizando-se ao mesmo tempo.” (p. 61). Freire chama a atenção para a necessidade de um esforço de conscientização que

[...] permite aos indivíduos se apropriarem criticamente da posição que ocupam com os demais no mundo. Esta apropriação crítica os impulsiona a assumir o verdadeiro papel que lhes cabe como homens. O de serem sujeitos da transformação do mundo, com a qual se humanizem. (p. 36).

Desse modo, Freire defende uma concepção educativa em torno da “problematização do homem-mundo” (p. 83). Esse processo permite a conscientização do indivíduo, estimulando um olhar crítico e problematizador sobre si mesmo e a sua realidade. Permite, na perspectiva freiriana, “ad-mirar” a realidade, o que significa “[...] objetivá-la, apreendê-la como campo de sua ação a reflexão. Significa penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos.” (p. 31).

Na concepção freiriana, os projetos de extensão assumem uma lógica essencial com base na vivência do ser humano, que, em suas relações sociais, dá sentido e significado às palavras, ao seu contex-

to, na sua cultura e história, com intenção de humanizar o ser humano na ação consciente de interferir criticamente na transformação do mundo. A extensão implica a prática comunicativa entre os sujeitos que compartilham pensamento, linguagem e o contexto vivido. (GRACIANI, 2010, p. 173)

A extensão universitária e as idéias freirianas

Na obra aqui comentada, Paulo Freire alerta para as transformações que aconteciam no campo nos anos 1960, criticando um modelo de extensão rural que reproduzia uma visão de desenvolvimento desigual e excludente. Como destaca Rocha (2008),

[...] embora Freire não tenha conseguido o seu objetivo da substituição do conceito de extensão pelo conceito de comunicação, sua obra representou um grande passo na discussão do caráter socializador da extensão, da construção da emancipação dos sujeitos envolvidos, da relação saber científico e popular entre a universidade e a sociedade. (p. 154).

A extensão universitária, ao longo desse período, tem sofrido mudanças significativas, incorporando uma concepção menos assistencialista. Almeida (2010) assinala que

[...] as novas proposições pressupõem uma ação processual e contínua, não pontual, em que o conhecimento científico interaja com os demais saberes da população, em um diálogo permanente, visando à produção de conhecimentos e à apropriação para a resolução de problemas concretos das pessoas e de suas organizações. (p. 12).

Contudo, do debate conceitual para a prática, ainda precisamos trilhar um longo caminho. Por um lado, as atividades de extensão são fortemente marcadas por um caráter de prestação de serviços, em que a comunidade é apenas o “público-alvo” das ações. Por outro, embora muitos projetos já incorporem uma mudança de postura, através de uma abordagem dialógica, é importante reconhecer as dificuldades para concretizar uma prática de uma extensão na perspectiva freiriana.

² A palestra “Projetos e Programas de Extensão: a relação Universidade-Comunidade” foi realizada no Centro de Ciências da Saúde da UFRB, no dia 16 de

Como afirma Graciani (2010),

[...] a perspectiva metodológica da concepção de extensão freiriana, adotada e construída, fundamenta-se nos princípios filosóficos, políticos e pedagógicos de sua obra. Nesse sentido, a ação pedagógica se desencadeia e se desenvolve com base na leitura do mundo dos que participam do processo e identificam situações significativas ao seu redor e na realidade em que estão inseridos. (p. 173).

Como conhecer a realidade das comunidades, a partir da própria percepção dos que a vivenciam, e não na perspectiva do extensionista? Na prática, como construir um diálogo com as comunidades, sem impor a nossa visão de mundo, sem sermos “invasores culturais”, realizando uma efetiva troca de saberes?

Certamente não há uma resposta, mas algumas pistas apontam para a nossa capacidade de aprender. Em recente palestra sobre projetos de extensão, o professor Edgilson Tavares de Araújo³ destacou três aspectos importantes na relação universidade-comunidade. Segundo ele, precisamos aprender a escutar, aprender a olhar e aprender a sentir. “Re-despertando” esses sentidos no nosso cotidiano, e mais especificamente nas nossas atividades de extensão, talvez possamos conseguir “ad-mirar” a realidade sob um olhar freiriano.

Referências

ALMEIDA, Aelson Silva de. A contribuição da extensão universitária para o desenvolvimento de tecnologias sociais. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL - RTS (Org.). *Tecnologia social e desenvolvimento sustentável: contribuições da RTS para a formulação de uma política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação*. Brasília: Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010. p. 9-15.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 65p.

maio de 2011, como parte das atividades do “Mês de Formação Extensionista” promovido pela Pró-Reitoria de Extensão, por meio do Projeto Paulo Freire.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GRACIANI, Maria Stela. Extensão. In: STRECK, Danilo R. et al (Orgs). 2. ed. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GUTIÉRREZ, Hernando Vaca. Extensão/ Comunicação. In: STRECK, Danilo R. et al (Orgs). 2. ed. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ROCHA, José Claudio. *A reinvenção solidária e participativa da universidade: estudo sobre redes de extensão universitária no Brasil*. Salvador: EDUNEB, 2008. 280p.

VALE, Maria José et al. *Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.



Criação da UFRB

2005

Relatos de Experiências

Grupo Cata Renda: da Incubação a Emancipação Social

Autores

Maria da Conceição de M. Soglia

Professora Adjunto do Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Bruna Maria S. de Oliveira

Graduanda em Agronomia, bolsista PIBEX, UFRB.

George Dantas Leal

Graduando em Engenharia Ambiental, bolsista FAPESB, UFRB.

Jânio da Silva Santana

Graduando em Agronomia, UFRB.

Isabel de Jesus Santos

Eng^a Agrônoma, Bolsista ITC3 FAPESB, INCUBA/UFRB.

57

Resumo

Os resíduos sólidos são uma das maiores preocupações da atualidade e um desafio para os gestores públicos. Essa preocupação advém da constante ampliação da geração de resíduos, conseqüência do atual modelo capitalista de produção e consumo, que vem se acelerando no decorrer dos anos, tomando dimensões preocupantes com o crescimento demográfico. Existe uma tendência mundial para diminuir o descarte de resíduos sólidos no meio ambiente, decorrente da consciência do esgotamento dos sistemas naturais que sustentam a vida, pois, nem todos são renováveis (Pereira, 2007). É preciso conscientizar a humanidade levando-a a repensar o problema do lixo, através da redução do consumo, reutilização e reciclagem de materiais. Para compreendermos a reciclagem é preciso que o conceito de lixo seja reciclado pela humanidade, deixando de considerá-lo como algo inútil, sujo e sem valor comercial. Quando reciclamos o conceito de lixo, passamos ao mesmo tempo a reciclar a figura do catador de resíduos sólidos, pois é ele o agente econômico dos insumos para a cadeia produtiva da reciclagem. O caminho escolhido para modelar o comportamento desses catadores passa pela economia solidária. Nesse modelo de desenvolvimento, os catadores aprendem não só a partilha dos ganhos obtidos pelo trabalho coletivo e a importância da reciclagem no gerenciamento dos recursos naturais, mas também a cooperar para avançar social e economicamente. Assim, a proposta deste trabalho consiste na estruturação e organização de um grupo de catadores de materiais recicláveis da Cidade de Cruz das

Almas, conhecido como Cata Renda, e tem como objetivo promover a geração de renda através da organização da produção, comercialização, assessoria técnica e qualificação profissional, com perspectiva de construção de uma rede solidária, contextualizada em uma política de desenvolvimento territorial sustentável. O trabalho se dá através de um processo sistematizado de assessoria, desenvolvimento de produtos e acesso a mercados justo e solidário, a fim de transformá-los em alternativa de empreendimento concreto, sustentável e solidário, capaz não só de proporcionar geração de renda, mas de transformar a realidade local a partir da formação de cidadãos e cidadãs e de construir políticas de desenvolvimento territorial. Entretanto, isso só é possível a partir da crença, da luta e da persistência dos trabalhadores/as organizados em empreendimentos econômicos solidários com a possibilidade de qualificar as suas condições e técnicas de trabalho, consolidando o processo de gestão social do empreendimento. A formação deste grupo é importante não por conta apenas da realização da coleta de resíduos sólidos por ser um componente de suma importância para a cadeia da reciclagem (e conseqüentemente para a melhoria das condições ambientais dos municípios), mas principalmente porque tal atividade só se viabiliza economicamente quando mobiliza coletivamente seja pela necessidade de contingentes de matéria-prima de forma regular e em grande escala (dezenas a centenas de toneladas mensais), como também na busca da qualidade de vida desses/as trabalhadores/as. A metodologia planejada para o desenvolvimento dos trabalhos com o grupo Cata Renda tem se baseado nos princípios de promoção da autogestão, fortalecendo a formação de sujeitos no processo de decisão.

Palavras-Chave

Incubação; Reciclagem; Economia Solidária.

Para compreendermos a reciclagem é preciso que o conceito de lixo seja reciclado pela humanidade, deixando de considerá-lo como algo inútil, sujo e sem valor comercial. Quando reciclamos o conceito de lixo, passamos ao mesmo tempo a reciclar a figura do catador de resíduos sólidos, pois é ele o agente econômico dos insumos para a cadeia produtiva da reciclagem.

O caminho escolhido para modelar o comportamento desses catadores passa pela economia solidária. Nesse modelo de desenvolvimento, os catadores aprendem não só a partilha dos ganhos obtidos pelo trabalho coletivo e a importância da reciclagem no gerenciamento dos recursos naturais, mas também a cooperar para avançar social e economicamente. Assim, a proposta deste trabalho consiste na estruturação e organização de um grupo de catadores de materiais recicláveis da Cidade de Cruz das Almas, conhecido como Cata Renda, e tem como objetivo promover a geração de renda através da organização da produção, comercialização, assessoria técnica e qualificação profissional, com perspectiva de construção de uma rede solidária, contextualizada em uma política de desenvolvimento territorial sustentável.

A estruturação desse grupo se dá através de um processo sistematizado de assessoria, desenvolvimento de produtos e acesso a mercados justo e solidário, a fim de transformá-los em alternativa de empreendimento concreto, sustentável e solidário, capaz não só de proporcionar geração de renda, mas de transformar a realidade local a partir da formação de cidadãos e cidadãs e de construir políticas de desenvolvimento territorial. Isso só é possível a partir da crença, da luta e da persistência dos trabalhadores/as organizados em empreendimentos econômicos solidários com a possibilidade de qualificar as suas condições e técnicas de trabalho, consolidando o processo de gestão social do empreendimento.

O grupo Cata Renda, é formado por catadores e catadoras que coletam resíduos sólidos no município de Cruz das Almas. A formação deste grupo é importante não por conta apenas da realização da coleta de resíduos sólidos por ser um componente de suma importância para a cadeia

da reciclagem (e conseqüentemente para a melhoria das condições ambientais dos municípios), mas principalmente porque tal atividade só se viabiliza economicamente quando mobiliza coletivamente seja pela necessidade de contingentes de matéria-prima de forma regular e em grande escala (dezenas a centenas de toneladas mensais), como também na busca da qualidade de vida desses/as trabalhadores/as. Esse grupo enfrenta dificuldades como ausência de espaços adequadamente amplos para triagem e armazenagem, condições de transporte dos materiais arrecadados nos diversos pontos de coleta e produção mensal insuficiente e irregular para o fornecimento em escala. Tais fatores dificultam o relacionamento comercial com a indústria, e favorecem a ação dos atravessadores. Esta situação acarreta a precarização do trabalho dos trabalhadores/as e a não consecução de rendimentos suficientes para garantir às suas famílias alimentação, moradia digna, lazer, mobilidade, etc. Além disso, os trabalhadores/as enfrentam dificuldades nas condições adequadas de salubridade para o exercício da atividade laboral. Nesse contexto, considera-se que a cooperação é o elemento central para acesso dos empreendimentos econômicos solidários aos mercados que permitem expandir suas atividades e gerar novas oportunidades de trabalho e renda.

A formação de organizações sociais e econômicas articuladas em torno de contratos de desenvolvimento territorial estimula a cooperação e cria ambientes institucionais mais favoráveis para ampliação ao mercado de produtos e maior capacidade de inovação. A economia solidária constitui-se, portanto em uma estratégia voltada para fortalecer e estimular relações de cooperação, fator essencial para a sustentabilidade dos processos de Desenvolvimento Territorial. Entende-se, então, que a organização de empreendimentos solidários é uma alternativa de construção de projetos de inclusão social que depende fundamentalmente da capacidade de organização dos atores sociais para gerenciar os seus próprios recursos. Um projeto de inclusão social deve promover a atividade econômica, mas esta deve ter como finalidade a melhoria do bem estar geral da população. Os elementos que orientam a elaboração de políticas

de inclusão social são: a ampliação do exercício da cidadania e da organização social, a ampliação e a democratização do poder local, o desenvolvimento econômico endógeno, a sustentabilidade e potencialização dos recursos locais, a geração de trabalho e a distribuição da riqueza.

A concretização desse projeto resultará na melhoria da qualidade de vida dos catadores a partir da estruturação da gestão da produção, da comercialização e da gestão social, ações que promoverão a qualificação para a geração de trabalho e renda, bem como em uma participação mais ativa e qualificada, orientada pela construção da cidadania e da organização social, democratização do poder local e pelo desenvolvimento do potencial e da capacidade de reter e reinvestir a riqueza produzida com os recursos locais, de forma a respeitar os valores humanos e ambientais a partir do trabalho associativo e cooperativo.

A Metodologia de Incubação Utilizada

O processo de incubação é considerado inovador como projeto de geração de trabalho e renda, buscando construir um modelo de desenvolvimento de inserção social e econômica, combatendo a exclusão social, integrando a universidade como um dos atores que pode contribuir e ter contribuição no sentido de promover a extensão universitária integrada com o ensino e a pesquisa, com o envolvimento direto de docentes e de discentes, de graduação e de pós-graduação. Segundo Culti (2007), o envolvimento das universidades tem sido importante no apoio às iniciativas da economia solidária em vista da sua capacidade de pesquisa, extensão e transferência de tecnologia, portanto, na elaboração teórica e realização de atividades práticas executadas por meio das ações desenvolvidas nas Incubadoras Universitárias com envolvimento de professores, pesquisadores, técnicos e acadêmicos. As Incubadoras atendem às demandas tanto dos trabalhadores diretamente bem como as dos poderes públicos que procuram parcerias para apoiar a formação de empreendimentos econômicos solidários.

A metodologia planejada para o desenvol-



Figura 1. Visita a Cooperativa Amigos do Planeta – Lauro de Freitas, Bahia

vimento dos trabalhos com o grupo Cata Renda tem se baseado nos princípios de promoção da autogestão, fortalecendo a formação de sujeitos no processo de decisão. Para isso, a proposta vem sendo construída com os atores sociais protagonistas, em que os princípios metodológicos obedecem à participação social em todas as fases:

- a) na construção do projeto;
- b) no planejamento, organização e controle do projeto;
- c) na execução das atividades do projeto; e
- d) no acompanhamento e avaliação.

Para tal algumas atividades vêm sendo realizadas e propostas ao grupo como oficinas de construção de plano de viabilidade articulando com a gestão democrática; reuniões para a construção de estatuto, regimento interno e controles administrativos e financeiros; acompanhamento técnico-pedagógico aos catadores; realização de oficinas temáticas de formação básica e de qualificação na área produtiva e comercial, além da troca de saberes em visitas a empreendimentos solidários.

Resultados Alcançados

O resultado esperado é a viabilização econômica e social do empreendimento, de modo que sua auto-sustentação seja a base para a estabilidade financeira de seus membros. Ao longo de dois anos de incubação alguns resultados já foram alcançados como: a conquista da força do trabalho que consiste no resgate e estruturação do grupo de catadores, pela participação das atividades



Figura 2. Visita a Cooperativa Camapet – Salvador, Bahia

propostas. Os meios de trabalho, que consiste na infra-estrutura para a organização da produção e comercialização visando a geração de renda para o grupo.

A infra-estrutura como equipamentos (prensa, carrinhos de coleta, balança, etc.) foi obtida por projeto aprovado pela equipe da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que vem acompanhando o grupo de Catadores de Resíduos – Cata Renda. Além do fortalecimento das parcerias entre o poder público (Prefeitura, Secretarias de Meio Ambiente e Ação Social, CAR/MDS), e a mobilização da comunidade acadêmica da UFRB e local, através do processo de sensibilização e discussão da implantação da coleta seletiva solidária no campus e na cidade de Cruz das Almas.

Uma ação pontual de coleta seletiva solidária já vem sendo realizada semanalmente em um bairro da cidade de Cruz das Almas. Esse processo se deu através da ação de sensibilização dos moradores pelos catadores e discentes integrantes do projeto com distribuição de panfletos informando sobre as atividades do grupo e alguns esclarecimentos a respeito da separação dos materiais destinados a reciclagem. A comunidade tem participado ativamente dessa ação.

Referências Bibliográficas

CULTI, M. N. **Economia Solidária: Incubadoras Universitárias e Processo educativo.** PROPOSTA - Revista Trimestral de Debate da Fase, Rio de Janeiro, p. 17 - 22. 2007.

PEREIRA, S. **Perfil socioeconômico dos catadores de materiais recicláveis organizados em Manaus.** Trabalho de conclusão do curso de Economia, UFAM, 2007.



Figura 3. Mobilização da comunidade do bairro da Cooplan – Cruz das Almas, Bahia.

Programa de desenvolvimento da educação ambiental junto a professores das redes municipais de ensino na região do Recôncavo da Bahia: Prodea - Recôncavo

Autora

Maria da Conceição de Menezes Soglia

Professora Adjunto, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Campus Universitário, Cep: 44380-000, Cruz das Almas - Bahia, Brasil. Endereço eletrônico: mcsoglia@ufrb.edu.br

Resumo

A Educação Ambiental é uma forma abrangente de educação que visa atingir todos os cidadãos através de um processo pedagógico participativo permanente, e que procura inculcar no educando uma consciência crítica sobre a problemática ambiental. Para que o tema meio ambiente seja incorporado ao cotidiano escolar, é necessário que se faça por intermédio das áreas do conhecimento, a partir de uma abordagem interdisciplinar, e de uma ação contínua não se mantendo apenas como um tema excepcional abordado em semanas ou atividades comemorativas. Para que isso aconteça é fundamental que as escolas desenvolvam programas ou projetos de Educação Ambiental. O Prodea-Recôncavo foi criado visando promover, por meio da extensão universitária o incremento de ações de Educação Ambiental em escolas municipais desta região do Estado da Bahia. O Programa atuou junto a vinte escolas municipais da zona urbana e rural onde foram implantados projetos de educação ambiental focados na sustentabilidade dos recursos hídricos, uso racional do solo e o manejo de resíduos sólidos. A implantação e acompanhamento desses projetos constituíram-se na ação mais reveladora da prática extensionista dentro do Prodea.

Palavras-Chave

Educação ambiental; Sustentabilidade; Formação de educadores.

A implementação de ações de educação ambiental nas escolas vem se constituindo uma demanda crescente e assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a comunidade escolar deve se portar como co-responsável na promoção do desenvolvimento sustentável (JACOBI, 2005). Esse tipo de desenvolvimento assume como premissas que a natureza tem limites, que o progresso humano não pode continuar de forma ilimitada e incontrolável, e que deve haver uma responsabilidade coletiva pelo uso dos recursos naturais. Neste contexto, a extensão universitária assume um papel importantíssimo como potencial instrumento de disseminação e captação de idéias e conhecimentos comprometidos com tais premissas.

A extensão, entendida como prática acadêmica que interliga a universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da maioria da população, possibilita essa formação do profissional cidadão e se credencia cada vez mais junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes (RUSCHEINSKY, 2002). Aliar a questão ambiental a programas ou projetos de extensão universitária é ampliar as possibilidades de fortalecimento do processo de busca pela sustentabilidade ambiental junto a organizações da sociedade civil.

O Prodea – Recôncavo foi criado visando promover, por meio da extensão universitária o incremento de ações de educação ambiental em escolas municipais desta região do Estado da Bahia e tem como objetivos, fortalecer a formação continuada de professores e incentivar a institucionalização da educação ambiental em escolas das redes municipais de ensino dos municípios participantes do programa. Estimular a leitura crítica da realidade a partir da diversidade e do meio ambiente e a participação de professores e alunos no processo de construção de conhecimentos, pesquisa e intervenção cidadã com base em valores voltados à sustentabilidade da vida em suas múltiplas dimensões. Capacitar estudantes de graduação para desenvolver ações estratégicas em educação ambiental atu-

ando como agentes multiplicadores; Capacitar educadores para desenvolver ações estratégicas em educação ambiental que contemplem atividades pedagógicas significativas e estimular a extensão universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade; indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, o que implica em relações multi, inter ou transdisciplinares e interprofissionais. Promover a integração entre a universidade às escolas e a sociedade civil organizada.

O Programa contou com o financiamento do Programa de Apoio à Extensão Universitária – PROEXT 2006 coordenado pelo Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior – DEPEM da Secretaria de Educação Superior – SESu do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. As ações do Programa iniciaram-se no ano de 2006 em quatro municípios situados na Região do Recôncavo da Bahia: Amargosa, Cachoeira, Cruz das Almas e Santo Antonio de

Jesus. Esses municípios foram selecionados por apresentarem Centros de Ensino da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O Prodea contou com a participação de dezesseis alunos de graduação dos cursos de Agronomia e Engenharia de Pesca e uma equipe técnica formada por nove professores da UFRB e outras instituições de ensino. Os alunos de graduação vinculados ao programa receberam treinamentos da equipe técnica por meio de palestras, vídeos, discussões e oficinas de projetos com base na perspectiva da “pedagogia de projetos”, que os qualificaram para desenvolver ações estratégicas em educação ambiental e atuarem como agentes multiplicadores. A Pedagogia de Projetos, objetiva romper com a visão compartimentada e fragmentada da educação escolar. Essa metodologia surgiu com base nas concepções de educação interacionista e construtivista, fruto da necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Jolibert (1994) ao participar de um projeto dentro desta perspectiva, o alu-



no passa a se envolver em uma experiência educativa em que o processo de construção de conhecimento está integrado às práticas vividas. Além disso, os projetos constituem situações didáticas, a partir das quais, o desenvolvimento das atitudes pode ser trabalhado por meio da vivência concreta e da reflexão sobre a mesma. E, no caso da atuação em atividades relacionadas ao trabalho com o tema meio ambiente, favorece tanto as construções conceituais quanto o aprendizado da participação social.

Para atender ao Programa foram produzidos materiais didáticos (Figura 1), com enfoque na realidade do território do Recôncavo da Bahia abordando os seguintes temas: sustentabilidade dos recursos hídricos, uso racional do solo, manejo de resíduos sólidos e alterações climáticas. O Manual de Orientações Técnicas e Pedagógicas, intitulado “Manual do Educador - Meio Ambiente: Prodea-Recôncavo” foi elaborado com o intuito de ser um instrumento orientador, disponível aos professores das escolas envolvidas no Programa. Esse material consta de seis módulos. Os quatro primeiros abordam os temas ambientais propostos pelo programa. O módulo 5 trata da elaboração de projetos em educação ambiental e o módulo 6 traz algumas atividades práticas que irão auxiliar o professor na condução dos projetos pedagógicos. Foram elaboradas uma revista com textos literários voltada aos alunos do ensino fundamental I intitulada “Reconca- volândia – Ações em defesa do meio ambiente” e uma publicação intitulada “Lições de Respeito Ambiental” voltada aos alunos do ensino fundamental II e um “banner” didático, contendo orientações sobre preservação ambiental.

Resultados alcançados com o programa

Foram capacitados 350 professores envolvidos no programa beneficiando cerca de cinco mil alunos do ensino fundamental I e II das escolas municipais das zonas Rural e Urbana, com a implantação de 25 projetos em educação ambiental. Desse total, quinze relacionaram-se a problemática dos resíduos sólidos e seu manejo adequado. Quatro projetos trataram do uso racional e conservação dos recursos hídricos, e sete abordaram o manejo e conservação do recurso natural solo. Esses projetos foram acompanhados desde a sua implantação e avaliados pelos agentes de extensão nas

escolas, através das intervenções realizadas nas comunidades escolar e local.

Durante a execução dos projetos foram realizadas intervenções junto à comunidade escolar e local a fim de promover a sensibilização dos temas propostos. Tais intervenções tiveram como procedimentos a realização de palestras, passeatas, panfletagens, oficinas, ações concretas desenvolvidas pelos alunos e intermediada por professores e pais na comunidade do entorno escolar, que ajudaram de forma decisiva na realização das atividades. A comunidade teve participação decisiva na motivação da equipe do Prodea na medida em que o envolvimento e confiança nas ações propostas provocaram um apoderamento e participação coletiva para alcance das metas previstas.

A implantação e acompanhamento dos projetos constituíram-se na ação mais reveladora da prática extensionista dentro do Prodea. A proposta do programa foi sensibilizar e instrumentalizar os agentes pedagógicos, diretores, professores e alunos, para que as escolas se tornassem espaços de exercício de participação e de organização dessa comunidade possibilitando o estabelecimento de práticas educativas na área da educação ambiental. Os resultados advindos destas intervenções ainda são pequenos e insuficientes para garantir a resolução dos problemas que estas comunidades enfrentam do ponto de vista da sustentabilidade ambiental e social. Entretanto, alguns trabalhos poderão originar grupos organizados que com apoio continuado farão surgir projetos de geração de renda, como por exemplo, a coleta e reciclagem dos resíduos sólidos.

Equipe integrante do programa

Professores:

Maria da Conceição de M. Soglia (Coordenadora), Alexandre A. Almassy Júnior, Rosana Cardoso B. Almassy, Valdéria O. Rocha, Carla F. Macedo, Alícia R. Olalde, Farneli da Silva, Lea A. de Carvalho, Rozimar de C. Pereira, Carolina Yamamoto.

Estudantes de Graduação:

Adailton Liberato do N. Junior, Adilson Nunes da Silva, Ane Fonseca Sá Calafange, Alexandre F. dos Anjos, Cláudia de Souza Santos, Edgar Cardoso Leal, Edson da S. de França, Emanuel Â. de J. Venceslau, Jazon Ferreira P. Junior, Jaqueline Santos da

Silva, Jamile Santos da Silva, José Luiz L. e Silva, Regys F. de Jesus Araújo, Simone Teles, Valmir S. Santos, Victor Vinícius M. de Oliveira.

Referências

JACOBI, P.R. *Educação Ambiental: O Desafio da Construção de um Pensamento Crítico, Complexo e Reflexivo*. Educação e Pesquisa, São Paulo: v.31, n.2, p.233-250. 2005.

JOLIBERT, J. *Formando crianças leitoras de texto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RUSCHEINSKY, A. *Educação Ambiental: Abordagens múltiplas*. Porto Alegre. Artimed, 2002, 183 p.

Do ensino à extensão: uma proposta metodológica - o caso da Agência Júnior de Assessoria de Comunicação da UFRB

Autora

Alene da Silva Lins

Professora Assistente do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Coordenadora da ASCOM da UFRB. Email: aleneufrb@hotmail.com

Resumo

Um Projeto de Ensino para dinamizar a disciplina de Oficina de Assessoria de Comunicação do Curso de Jornalismo da UFRB demonstrou ser uma boa estratégia metodológica, revelando-se participativa e estimulante para o ensino-aprendizagem. A estratégia também proporcionou a interação dos estudantes com a comunidade e ocasionou uma atividade de extensão universitária e um exercício de cidadania. Os estudantes da disciplina de Oficina de Assessoria de Comunicação, através de mapeamento e diagnóstico, elegeram dez instituições culturais e beneficentes e desenvolveram planejamentos estratégicos em comunicação institucional para oportunizar visibilidade e inovação para os assessorados.

Palavras-Chave

Comunicação institucional; cidadania; Ensino e extensão.

Introdução

O Projeto de Ensino Assessoria Jr. de Comunicação Cidadã visava demonstrar à comunidade regional a importância da atividade de assessor de comunicação, através da atuação dos estudantes em dez instituições significativas para o cidadão comum.

As dez entidades/instituições foram escolhidas, tendo em vista as ações sócio-culturais gratuitas ou acessíveis que desenvolvem e oferecem a população de baixa renda ou aos artistas e artesãos iniciantes.

As entidades/instituições escolhidas pertencem a três municípios do Recôncavo:

1. Abrigo Casa dos Velhos - Cachoeira
2. Associação Filarmônica Lira Popular Muritibana - Muritiba
3. Centro Espírita Consolador dos que Sofrem – São Félix
4. Fundação Casa Paulo Dias Adorno - Cachoeira
5. Instituto Mauá de Cachoeira - Cachoeira
6. Irmandade Boa Morte - Cachoeira
7. Museu de Arte Sacra do Recôncavo (Conjunto do Carmo – Cachoeira)
8. Museus Hansen Bahia – Cachoeira e São Félix
9. Pouso da Palavra - Cachoeira
10. OAPC – Obra de Assistência Paroquial de Cachoeira - Cachoeira

Nas dez instituições escolhidas era inexistente a presença de um assessor e encontrou-se total falta de gestão na comunicação institucional, por questões de recursos e acesso a um profissional com tais especificidades. As instituições ou nunca tinham desenvolvido formas de divulgação ou apareciam pouco na mídia local, ou ainda, não divulgavam corretamente sua atuação. Não aparecer na mídia é quase como não ter ‘voz’ (SODRÉ, 2005), é não demonstrar publicamente ao que se destina e sua importância local. Barbalho (2005), explica que a mídia detém o maior poder de dar voz, de fazer existir socialmente os discursos. Não basta existir, é preciso existir na mídia.

“Não basta existir, é preciso existir na mídia”

Raquel Paiva (2005) afirma que a mídia responsabiliza-se hoje por todas as mediações sociais, é ela que regula a relação do indivíduo com o mundo e com seus pares. Dentre os objetivos da Assessoria Jr estavam:

- 1) Intermediar a relação entre as instituições que prestavam bons serviços e o público beneficiado (já usuário ou futuro usuário), através da mídia local e regional, além da inserção na internet;
- 2) Dar visibilidade a um assessorado que não tem como pagar pelo serviço especializado de um jornalista.
- 3) Possibilitar aos futuros jornalistas a prática não só de Assessoria, mas de cidadania.
- 4) Dar visibilidade à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como difusora de conhecimento.

A oportunidade de divulgação de uma instituição que realiza um bom trabalho social não beneficia só esta instituição em questão. Conhecer o que um Centro Espírita realiza a quem é ou não da doutrina, beneficia principalmente o cidadão comum, que pode vir a precisar da biblioteca, do bazar ou da sopa distribuída por aquela instituição. Esse conceito de oportunizar a informação que interessa a quem dela possa se beneficiar, torna o jornalista um cidadão atuante. As ações práticas da Assessoria Jr oportunizaram aos estudantes do curso de Jornalismo, atuarem como agentes de desenvolvimento social regional, na medida em que agregaram valor às instituições que já fazem ações sociais à população.

A estratégia de criação da Agência Jr Cidadã também foi um recurso metodológico de envolver toda a turma e analisar os ‘cases’ e ‘crises’ (CHINEM, 2003) pertinentes que toda atividade de assessoria de comunicação impõe ao futuro profissional. Isso possibilitou uma vivência da atividade que entusiasmou e amadureceu muitos estudantes.

Metodologia

Na primeira etapa do Projeto de Ensino, os estudantes analisaram conceitos sobre comunicação institucional e empresarial, im-

portância dos três núcleos de comunicação (MAFFEI, 2004), de suas atividades diversas e integradas (CHINEM, 2003), os produtos da comunicação que valorizam uma instituição, como preparar press-releases, como gerenciar crises, além da função estratégica de um assessor (FENAJ, 2000).

No diagnóstico, os estudantes traçaram um perfil das instituições e a atuação que têm na comunidade local e regional. Entrevistaram os responsáveis pela organização interna, identificaram as deficiências na gestão da comunicação institucional e desenvolveram um projeto de comunicação e divulgação.

Os estudantes detectaram fatos relevantes que precisavam ser divulgados. Sob orientação da docente, prepararam press-releases para os veículos de imprensa (local, regional e estadual) a depender do nível de interesse da informação coletada e enviaram às rádios e aos jornais da região.

No planejamento estratégico de divulgação institucional, as equipes desenvolveram, em conjunto com os assessorados, folders, sites, campanhas, que foram apresentadas para toda a turma numa reunião de briefing, quando todos os estudantes da turma e a docente orientadora observaram problemas nos produtos e deram sugestões de produção.

Depois dos produtos de divulgação prontos, sites publicados na home page do curso de jornalismo, folders impressos, campanhas finalizadas, aplicou-se questionário com os assessorados, para mensurar a importância do trabalho desenvolvido. A docente avaliou qualitativamente o envolvimento dos estudantes no projeto e a metodologia das ações desenvolvidas através de questionário aplicado com os discentes.

Resultados

Todos os assessorados (instituições) avaliaram um aumento da visibilidade após a produção do material, principalmente na internet, pois 70% não têm condições de publicar seus produtos, restando apenas a 'boneca' impressa e o arquivo eletrônico para impressão caseira. O nível de satisfa-

ção foi de 100%. Os assessorados creditaram a todas as equipes responsabilidade e profissionalismo. 70% perceberam nos estudantes o domínio da teoria na prática de assessoria.

O material foi postado no site oficial do curso de comunicação (www.comunicaonline.ufrb.edu.br).

“A
comunicação
institucional
deixou de ser
importante
apenas para
grandes
corporações”

Nove dos dez assessorados receberam arquivos produzidos de folder e site. Apenas o Abrigo Casa dos Velhos foi exceção. Não houve produção de folder ou site, porque o foco de divulgação foi a falta de apoio financeiro e afetivo aos 41 idosos residentes. Eles quase não recebem visitas. Elaborou-se então campanha para arrecadar presentes no natal e para incentivar visitas. Três lojas do comércio local cederam espaço físico para os estudantes instalarem as 'árvores dos sonhos'. A campanha foi anunciada nas emisso-

ras de rádio. Os folhetos que explicavam a campanha foram anexados junto às árvores (http://www.ufrb.edu.br/col/alunos/abrigo_velhos_cachoeira.pdf).

Também houve campanha de divulgação para a Associação Filarmônica Lira Popular Muritibana. Fundada em 1899, ela recebeu convite para se apresentar em Portugal em 2008 e os estudantes criaram campanha para incentivar apoio e patrocínio.

O Museu de Arte Sacra do Recôncavo (Conjunto do Carmo), que pertence à Ordem Carmelita, recebeu também um calendário. Os Museus Hansen Bahia, instituição de direito privado sem fins lucrativos, recebeu, além do site, cartões postais, com textos em português, inglês e francês, para exibição em displays, e pretende imprimi-los.

O Pousado da Palavra, uma ONG que incentiva a cultura e cede o espaço para eventos culturais em Cachoeira, recebeu além do site, um panfleto em português, inglês e francês, que foi impresso em gráfica (mil exemplares).

Considerações finais

O Projeto de Ensino demonstrou bons resultados, alcançados em parte pelo esforço

e dedicação dos estudantes e pela utilização de uma teoria bem fundamentada. Também demonstrou que o mercado de assessoria está em franco desenvolvimento e expansão nas cidades do Recôncavo e que muitas instituições não têm assessoria porque desconhecem o papel estratégico dela em sua manutenção e crescimento.

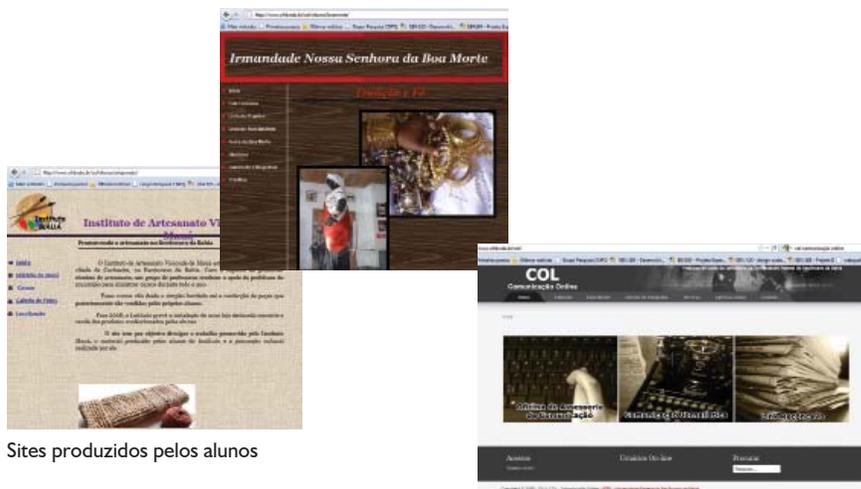
A comunicação institucional deixou de ser importante apenas para grandes corporações. ONG's e pequenas instituições também precisam estar inseridas na mídia e a internet tem possibilitado acesso, voz e divulgação a todos (MORETZSOHN, 2006). A visibilidade das pequenas instituições é fundamental para sua sobrevivência e crescimento. Neste estudo de caso a chegada do curso de Jornalismo colaborou para melhorar a gestão da comunicação nas instituições.

Quanto aos estudantes da disciplina, muitos superaram dificuldades e até as metas acordadas na gestão, pela Agência Júnior. Demonstraram profissionalismo e facilidade em adaptação e relacionamento com os clientes (assessorados). Foi uma experiência muito gratificante para esta docente e com bons resultados para incrementar a metodologia da disciplina.

“A vivência da atividade entusiasmou e amadureceu os estudantes”

Referências

- BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (orgs.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005. p. 27-39.
- CHINEM, Rivaldo. Assessoria de Imprensa: como fazer. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.
- FENAJ. Manual de assessoria de imprensa. Edição atualizada. São Paulo: FENAJ, 2000.
- MAFEI, Maristela. Assessoria de Imprensa: como se comunicar com a mídia. São Paulo: Contexto, 2004.
- MORETZSOHN, Silvia. O mito libertário do 'jornalismo cidadão'. Comunicação e Sociedade. Vol 9-10, 2006. p. 63-81.
- PAIVA, Raquel. Mídia e política de minorias. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (orgs.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-26.
- SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (orgs.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.



Sites produzidos pelos alunos

Cinema e educação: apontamentos sobre o cinema e a formação de professores na cidade de Amargosa/BA

Autora

Alessandra Gomes

Mestre em Educação e professora do Centro de Formação de Professores(CFP-UFRB)

Email: alelecgomes@bol.com.br

Resumo

O cinema tem sido cada vez mais introduzido nos currículos escolares e universitários devido o forte potencial que esta linguagem possui em articular sua imagem e seus conteúdos aos conhecimentos próprios do mundo escolar ou acadêmico e contribuir na reflexão sobre aspectos sociais, culturais e filosóficos mais amplos da contemporaneidade. Este artigo busca refletir sobre as potencialidades do cinema na formação de educadores como texto imagético que colabora com a leitura, interpretação e reflexão sobre a realidade social e escolar.

Palavras-Chave

Educação; Formação de professores; Cinema; Cultura; Cidadania.

O Cinema Ontem - Amargosa: o começo de uma história

Entre as décadas de 1930 e 1970 a cidade de Amargosa abrigou o *Cine-Teatro Pérola*. O Cine-Teatro teve uma importância cultural decisiva para a sociedade da época, pois além de realizar as exibições fílmicas, realizava, também, a apresentação de grupos de teatro amador, de canto, teatro de revista, apresentações de programas de auditório, recebendo em seu palco artistas como Luiz Gonzaga.

Pelo navio Vapor de Cachoeira chegava, até a cidade São Roque do Paraguaçu, as fitas vindas da capital baiana. Eram filmes de Bang-Bang, clássicos como *E o vento levou...*, ou ainda produções como *Tarzan* e *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*. Da cidade de São Roque do Paraguaçu os filmes eram encaminhados para a cidade de Amargosa via linha férrea São Roque do Paraguaçu-Jequié. Outras cidades, como Mutuípe e Milagres também possuíam salas de cinema, mas com uma estrutura muito inferior a do Cine-Teatro Pérola que possuía assentos de madeira reclináveis, jogos de cortinas, vitrines de vidro com grandes painéis que divulgavam os filmes da semana. Todo um “ritual” era realizado durante as exibições: havia músicas no início, término e intervalo dos filmes enquanto os rolos eram trocados.

Em 1970, o proprietário do Cine-Teatro, Sr. José Francolino de Almeida, resolve vender o prédio. As instalações passam, então, a abrigar um depósito de sisal por alguns anos e logo após tem suas portas fechadas por mais de uma década. Regina Maria Vaz de Almeida, filha do ex-proprietário e então professora do Colégio Católico Santa Bernardete, encaminha junto com Cristiane Maria Cruz de Souza, Secretária de Educação do Município, uma proposta de compra e revitalização do Cine-Teatro pela Prefeitura de Amargosa em parceria com o governo do Estado da Bahia e a transformação do prédio num espaço Cultural que abrigasse além atividades já ali realizadas, um Museu da Imagem e do Som

que acolheria todo o acervo fotográfico e fonográfico da região. Apesar de muito elogiada pelo então Secretário de Cultura do Governo Estadual da Bahia, José Carlos Capinan, a proposta acabou arquivada. Após décadas fechada, a edificação foi, no ano de 2006, completamente demolida para em seu lugar ser construída a Câmara de Vereadores da cidade, prédio que não possui nenhuma das características históricas do primeiro¹.

A história do Cine Teatro Pérola nos leva a refletir: por que o cinema, tão importante em algumas épocas, desaparece em algumas cidades? Qual o papel das políticas públicas nesse processo? É de extrema importância que as universidades iniciem ou ampliem esse debate. Para além do incentivo à apreciação, reflexão e utilização do cinema enquanto recurso intelectual e educativo, é necessário que a universidade reflita junto à comunidade acadêmica e não acadêmica e aos poderes públicos a importância do incentivo ao cinema nas pequenas e médias cidades do interior da Bahia, uma vez que a contribuição das universidades na democratização do acesso ao cinema passa também pela discussão deste em uma dimensão “extra-muros”.

O Cinema Hoje - Apontamentos sobre o cinema e a formação de professores na cidade de Amargosa

O interesse em trabalhar com cinema e educação na cidade de Amargosa surge da inquietação com sua história e de uma experiência muito positiva que desenvolvei com formação de professores entre os anos de 2001 e 2005. Em um curso de formação voltado para professores da rede municipal de São Paulo que buscava discutir temas contemporâneos que compõe a realidade escolar, o cinema entrava não como “ferramenta”, não como “acessório didático”, mas como texto imagético que auxiliava a refletir sobre os dilemas e desafios da educação na atualidade.

O objetivo em Amargosa foi justamente

¹ Todas as informações sobre a história do Cinema em Amargosa nos foi fornecida por Luiz Humberto Vaz de Almeida e Regina Maria Vaz de Almeida, filhos de José Francolino de Almeida, proprietário do Cine-Teatro Pérola entre as décadas de 1940-1970.

esse: refletir, a partir do cinema, temas que são caros à educação, tais como, educação e formação para os valores da vida pública, relação escola-família, invisibilidade da infância, educação do campo, violência e mídia. Somou-se à minha vontade, o interesse e a parceria com outro professor do CFP durante o primeiro semestre de 2007: Luiz Flávio Godinho. No segundo semestre de 2007 contei com a colaboração dos professores Eduardo Oliveira (Pedagogia), Andréia Barbosa (Pedagogia) e Júlio César do Espírito Santo (Matemática), educadores que muito compartilharam comigo as intenções educativas via cinema.

Por meio do texto cinematográfico nos deparamos com dilemas humanos, com questões morais, éticas, com conteúdos históricos e valores de uma determinada época. Além disso, ao trabalharmos outro registro cinematográfico que não o formato comercial veiculado, sobretudo pela televisão – a filmografia que a maior parte da população tem acesso – possibilitamos, também, formas diversas de perceber e observar o espaço, o tempo, as cores, os valores estéticos e éticos. Veja-se, por exemplo, os filmes iranianos que exigem do leitor uma paciência e uma observação atenta a cada detalhe, a cada cena, aspectos subvalorizados na era da velocidade de informações, relacionamentos, da desvalorização da tradição. Walter Benjamin em “O narrador” observa que no afã da sociedade moderna pela experimentação, pelo fazer, perdemos a capacidade de ouvir, de observar o outro. Daí porque a tradição perde cada vez mais espaço nessa sociedade. O narrador, afirma Benjamin, não está mais presente entre nós, a arte de narrar está em vias de extinção e, junto com ela, a arte de intercambiar experiências. Não há mais experiência comunicável. O cinema lento, então, produzido pelos iranianos, como o *Balão Branco* (Jafar Panahi, Irã, 1995), por exemplo, em que uma garotinha de seis anos passa horas sentada em frente a uma loja esperando que alguém a auxilie a resgatar sua moeda que caiu num bueiro, impõe-nos a paciência, a capacidade não apenas de ouvir, mas de olhar. Educa-nos e educa nosso olhar.

Em outro ensaio, Benjamin destaca o cinema enquanto uma espécie de arte que pode vir a ser revolucionária, contribuindo

assim para a emancipação das camadas populares. Segundo ele, isso se torna possível porque essa arte é intrinsecamente coletiva, permite mobilidade de suas formas de exibição, bem como a sua reproduzibilidade garante o acesso massificado. Além disso, destaca o autor que no cinema crítica e fruição caminham juntas.

A pintura convida à contemplação, em sua presença, as pessoas se entregam à associação de idéias. Nada disso ocorre no cinema, mal o olho capta uma imagem, esta já cede lugar a outra e o olho jamais consegue se fixar. [...] Daí é que vem a sua influência traumatizante, como tudo que choca, o filme somente pode ser apreendido mediante um esforço maior de atenção. (BENJAMIN, 1980, p. 25).

Essa possibilidade coletiva e móbil do cinema foi algo que também nos estimulou no trabalho com essa linguagem em Amargosa. Como desenvolveríamos um trabalho de formação de professores numa fase de implementação da Universidade com poucos recursos e equipamentos? O trabalho com cinema não exigiria grandes recursos técnicos. Com apenas três aparelhos, um projetor, um aparelho de DVD e uma caixa de som ampliada, democratizaríamos a arte, estimularíamos a sensibilidade estética dos participantes, socializaríamos produções de diferentes países e levaríamos um pouco da visão francesa sobre a disciplina e os conflitos no cotidiano escolar (*Os incompreendidos*, de François Truffaut e *Quando tudo começa*, de Bertrand Tavernier), o olhar duro e desmistificado de um diretor estadunidense sobre a infância (Spike Lee, no curta que compõe a série *Crianças Invisíveis*) ou visão chinesa sobre a educação no campo (*Nenhum a menos*, de Zhang Yimou). Assim, não apenas levaríamos a sétima arte à formação de professores, democratizando sua fruição, mas possibilitaríamos a reflexão sobre o fato de que os dilemas vivenciados pela educação brasileira, guardadas suas particularidades e especificidades, não são dilemas exclusivos de nossa sociedade, mas dilemas da educação contemporânea. Como afirma Hannah Arendt (1974, p. 222), é tentador crer que estamos diante de problemas específicos, confinados à fronteiras históricas e nacionais, importante somente para os imediata-

mente afetados. No entanto,

É justamente essa crença que se tem mostrado invariavelmente falsa em nossa época: pode-se admitir como uma regra geral neste século que qualquer coisa que seja possível em um país pode, em futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer outro país. (ARENDETT, 1974, p. 222).

Antônio Cândido de Mello e Souza (2004), ao discutir a importância da democratização das obras literárias clássicas e dos grandes autores, também colabora com nossa reflexão sobre a utilização da sétima arte na formação dos indivíduos. Apesar da forma e origem diferenciadas, o autor nos leva a pensar que ambos (literatura e cinema) possuem, com relação à formação dos indivíduos, objetivos e funções bem parecidos:

Os valores que a sociedade preconiza ou considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura [e podemos fazer a mesma reflexão sobre o cinema] confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fortalecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (SOUZA, 2004, p. 138).

A este respeito, uma graduanda do curso de Matemática afirma que o modo como os filmes foram trabalhados com o grupo,

“a maneira de ouvir os participantes e de demonstrar a finalidade dos filmes (...) abriu os nossos olhos para coisas que acontecem e nós fingimos que não acontecem.”²

Uma professora do ensino médio afirma que as exposições e discussões a fizeram

“refletir, avaliar o nosso papel de educador na sociedade, como também sinaliza

maneiras, formas de dinamizar, transformar a educação/sociedade.”

Outra professora em Educação Infantil re-

² Todos os depoimentos dos participantes foram coletados por meio dos instrumentos de avaliação (questionários) aplicados ao final do primeiro e segundo semestre de 2007.

³ idem.

flete que as exposições e discussões abordaram

“[...] questões que me levaram a refletir [sobre a] a minha prática como docente. Transformando meu dia-dia, como novas noções do meu papel na minha profissão, mostrando que eu posso e devo transformar e direcionar a educação a partir de minha sala de aula.”

O contato com as diferentes manifestações da arte não é uma experiência inofensiva, mas algo que pode causar dilemas morais, éticos, políticos e sociais. Esse atributo demonstra o importante papel da arte na formação das personalidades, bem como da humanização e enquanto um

processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (SOUZA, 2004, p. 144).³

Assim, ao entrar no currículo escolar, o cinema funciona como enriquecimento intelectual e afetivo de todos aqueles que estão implicados no processo educativo. Podemos ilustrar a reflexão do autor com a opinião de uma graduanda em Letras pela UNEB que em nosso instrumento de avaliação aplicado ao final do primeiro semestre registra:

“houve uma ampla variedade de temas que nos levou a refletir sobre diversos aspectos, cada particularidade de nossa vida, não só profissional, mas sim como seres humanos completos, dotados de inteligência, corpo e alma.”

Afirma ela também:

“Pode parecer ridículo, mas me deu pânico, fiquei assustada! [com a exposição do filme Via-

gem de Chihiro]. Além de que a magia é algo que não me agrada muito. Contudo, o filme nos leva a acreditar que a perseverança nos ajuda a conquistarmos nossos objetivos.”

A construção da trama cinematográfica está imbuída sempre de uma visão de mundo, homem e sociedade e é uma atitude intencional do autor. Esse modo organizado de construção do objeto faz com que os sujeitos tornem-se capazes de organizar seus pensamentos e sentimentos e, em consequência, sua visão de mundo.

Ao colocar os educadores escolares diante dos dilemas humanos, o cinema pode incutir-lhes o sentimento de urgência dos problemas sociais e promover o debate sobre a restrição de direitos e a negação deles, colaborando para reflexão crítica e consciente sobre temas como educação, infância, família, cidadania, democracia, socialização, relações étnico-raciais, diversidade sexual e gênero.

O Projeto Cinema e Educação aconteceu durante todo o ano de 2007 na Escola Estadual Pedro Calmon na cidade de Amargosa e recebeu cerca de oitenta participantes. Participaram do curso professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e alunos do campus de Amargosa dos cursos de Pedagogia, Matemática e Física e uma aluna do curso de Letras da UNEB. Além do apoio da direção desta escola em ceder a sala de vídeo quinzenalmente para a atividade, contamos também com o apoio da Prefeitura Municipal que nos cedeu os equipamentos e as cópias dos textos utilizados para as discussões.

Concomitante à exibição e discussão sobre os filmes, os docentes realizavam a leitura de textos que estavam relacionados às temáticas. Dessa forma, buscou-se ampliar a discussão para a produção teórica na área, de modo a assistir o filme sob a ótica de uma teoria, ampliando o olhar para a realidade que perfaz essa teoria. Desse modo, teoriza-se o olhar e a interpretação dessa realidade de modo a torná-la mais crítica e inverte-se a lógica do mero consumo passivo para um posicionamento dialógico e fundamentado.

Todavia, encontramos bastante resistência

por parte dos professores para realizar a leitura dos textos. Eram comuns os relatos de experiências, a crítica à realidade, mas percebemos a dificuldade dos educadores em estabelecer o vínculo entre teoria e prática. É comum em muitos cursos de formação de professores o trabalho com os ditos “autores desconhecidos”, com textos coletados na internet, com fragmentos da literatura da área, provavelmente pela simplificação e facilitação da leitura desse tipo de material. Buscamos subverter essa lógica apresentando textos em linguagem acessível, mas publicados por autores renomados na área de educação e sociologia. Buscamos por meio da leitura imagética, da leitura da realidade vivida e da leitura textual estabelecer o elo entre teoria e prática e enfraquecer discursos nocivos e muito recorrentes em educação, segundo os quais “na teoria a prática é outra”.

Apesar da dificuldade inicial, percebemos o esforço crescente pelo diálogo com a produção teórica. Isso nos leva a refletir que ações dessa natureza, que propiciem uma discussão fundamentada sobre a realidade educacional, são fundamentais na formação de professores da educação básica.

A leitura fílmica propiciou a reflexão profunda sobre a concepção de educação dos participantes, sobre a relação professor/aluno, sobre o diálogo com a comunidade entre outros. Muitas vezes os participantes entravam em choque de idéias, de concepções, mas sempre numa postura construtiva. Foi comum professores que se deram conta de postura autoritárias, descomprometidas, voluntaristas, mas também implicadas, formativas e transformadoras.

“Houve momentos de confronto nas minhas práticas com o que foi apresentado no decorrer do curso em relação aos temas.”
(professora de séries iniciais)

Mais do que discutir o cinema enquanto recurso didático, o Projeto Cinema e Educação buscou aprofundar com professores a reflexão sobre o papel da escola na contemporaneidade. Alguns professores pareciam não se sentirem satisfeitos com este grande, e nem um poucos simples, desafio. Queriam saber *como* utilizar o cinema na sala de aula. Durante boa parte do

desenvolvimento do Projeto foi necessário retomar seus objetivos. Por mais que o uso do cinema na sala de aula possa ser algo revolucionário, não era esse o propósito do projeto. Sua intenção era refletir sobre concepções e práticas que fundamentam as relações na escola. Destacávamos que os próprios filmes infanto-juvenis podem ser desvendados juntos às crianças e adolescentes. As produções mais e menos comerciais transmitem valores, visões de mundo, concepções do que é ser homem, mulher, concepções estéticas etc. Foi o que buscamos demonstrar com as exhibições de *Kiriku e a Feiticeira* e *Viagem de Chihiro*. A este respeito uma professora de séries iniciais afirma: “o filmes me trouxe elementos que propicia discussões e práticas mais elaboradas, me fazendo refletir sobre diversas situações de nosso contexto social, cultural e educacional.” Segundo ela, não houve condições “de trabalhar filmes em sua sala, mas trabalhei as idéias”.

Outra professora participante afirma que a metodologia do Projeto a estimulou a interpretar, a olhar os filmes com mais atenção e cuidado. “[Aprendi] que as imagens são textos que devem ser interpretados tanto como os [textos] escritos.” (Coordenador Pedagógico). É o que Leonardo Carmo (2003) chama de desmistificação da realidade, leitura das entrelinhas.

Contudo, essa “exigência prática” nos leva a refletir sobre a elaboração de projetos de formação docentes que contemplem metodologias que abordem o cinema na sala de aula.

Muitos professores afirmaram que a participação no Projeto colaborou para sua apreciação ao cinema. Uma professora de Creche afirmou que neste curso “aprendeu” a gostar de cinema brasileiro e adquirir uma outra visão a seu respeito.

Perguntados sobre o filme que mais gostaram e porque, uma graduanda em Pedagogia reflete:

“Estes dois filmes [Os incompreendidos e Patch Adams] marcaram bastante, pois, me levou a refletir sobre a teoria e a prática educacional. E como [a educação] se isenta da responsabilidade de produzir o sucesso

escolar quando rotula, classifica, não considera a realidade do aluno, impondo seus métodos conforme a sua cultura. O segundo filme [Patch Adams] foi importante, pois mostra como o amor transformou o modo de olhar o mundo e agir sobre ele.”

O curso encerrou-se ao final de 2007. Novas atividades com cinema estão sendo realizadas no campus de Amargosa. Agora num outro formato. Acreditamos que a formação de professores, estudantes e comunidade por meio do cinema deve continuar!

Filmes assistidos

A língua das mariposas	José Luis Cuerda. Espanha: 1999
O enigma de Kasper Hauser	Werner Herzog. Alemanha, 1974
Patch Adams	Tom Shadyac. EUA, 1998
Nenhum a menos	Zhang Yimou. China: 1999
Quando tudo começa	Bartrand Tavernier . França: 1999
Crianças Invisíveis	Mehdi Charef; Kátia Lund; John Woo; Emir Kusturica; Spike Lee; Jordan Scott; Ridley Scott; Stefano Veneruso Itália: 2005
Brasil: muito além do Cidadão Kane	Simon Hartog. Inglaterra: 1993
Kiriku e a Feiticeira	Michel Ocelot. França, Bélgica, Luxemburgo: 1998
As invasões bárbaras	Denys Arcand. França/ Canadá: 2003
Quanto vale ou é por quilo?	Sérgio Bianchi. Brasil: 2005
Os incompreendidos	François Truffaut: França: 1959
A viagem de Chihiro	Hayao Miyazaki. Japão: 2001
Fahrenheit 451	François Truffaut. Reino Unido: 1966
The Wall	Alan Parker. Inglaterra: 1982 (trecho da música The Wall)

Referências

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

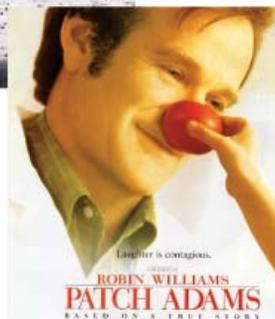
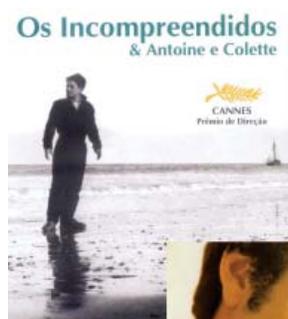
BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. I. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet . São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CARMO, Leonardo. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. *Revista Ibero-Americana. Organização de Estados Iberoamericanos*, n. 32, Maio/Agosto, 2003.

SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. O direito à literatura. In: CARVALHO, José Sérgio Fonseca (Org.). *Educação Cidadania e Direitos Humanos*. São Paulo: Vozes, 2004.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.



Alguns dos filmes assistidos

A inserção da UFRB nas atividades de arteterapia do CAPS/Cachoeira

Autora

Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Professora das disciplinas Sentido e Forma da Produção Artística no Brasil, e de Cultura Baiana do Curso de Museologia. Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/Cachoeira/UFRB)

E-mail: suzanepinho@hotmail.com

Resumo

Este relato resume a fase de elaboração e implantação do projeto “Criatividade e Percepção Visual aplicadas à Arteterapia: Projeto de Extensão”, proposto pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia ao Centro de Atenção Psicossocial Ana Nery (Cachoeira). Este projeto visa promover a troca de experiências entre professores com formação em artes visuais da UFRB e arteterapeutas do CAPS, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento dos pacientes que freqüentam esta instituição de saúde, em atividades voltadas para a criação artística como recurso auxiliar aos processos terapêuticos.

Palavras-Chave

Arteterapia; Saúde; UFRB.

Introdução

Pacientes do Centro de Atenção Psicossocial Ana Nery (CAPS), instituição ligada à Secretaria de Saúde do Município de Cachoeira, desenvolvem trabalhos plásticos orientados por técnicos em Saúde Mental, com o objetivo de auxiliar em seus processos psicoterapêuticos.

Em finais de 2007, o CAPS/Cachoeira, através de um de seus profissionais solicitou ao Núcleo de Extensão do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), a realização de uma atividade de extensão. A instituição de saúde buscava uma aproximação com professores da universidade que tivessem formação em artes plásticas e que pudessem trocar experiências e conhecimentos com seus profissionais. Atendendo ao requisito de professora com formação em artes visuais, do Curso de Museologia da UFRB, apesar de atuar há muitos anos, especificamente, na área de história da arte e da cultura, aceitamos o desafio.

Propusemos o projeto “Criatividade e Percepção Visual aplicadas à Arteterapia: Projeto de Extensão”, cujas atividades práticas foram iniciadas no final do mês de março deste ano (2008). Desse modo, este relato trata de uma experiência de apenas dois meses, todavia ele é de suma importância para a continuidade de um processo em andamento.

A fase de elaboração do projeto

Começamos a freqüentar o CAPS na qualidade de visitantes no final de 2007. Nossa presença suscitou a curiosidade dos pacientes, ao participarmos de uma sessão de terapia de grupo, além de diversas idas à instituição para conversar com nossos parceiros neste projeto. A partir de observações e das conversas com um dos técnicos e com a coordenação, decidimos que seria ideal trabalhar com os técnicos em Saúde Mental da instituição, para discutir sobre criação artística e percepção visual. Em oficinas com os mesmos, eles fariam o planejamento de suas atividades, prevendo a metodologia e o material necessário, o qual é forne-

cido pela Prefeitura do Município, através da Secretaria de Saúde. Nossa participação também previa o acompanhamento das oficinas ministradas pelos técnicos junto aos pacientes.

Traçamos nossos objetivos:

Oferecer subsídios teóricos aos facilitadores do CAPS, na área de Artes Visuais, sobre conteúdos relativos à criatividade e à percepção visual, discutir possibilidades de aplicação prática desses conteúdos nas atividades de Arteterapia, e contribuir para a construção do planejamento das atividades das oficinas. (PÊPE, 2008, p. 4).

Quanto aos objetivos relativos às atividades com os pacientes, definimos que:

Através de atividades práticas em artes visuais e narrativas sobre obras e artistas, os facilitadores deverão contribuir para construção da auto-imagem e auto-estima dos pacientes, a superação de seus conflitos, sua comunicação e a sua sociabilidade. Desenvolver o senso estético, a atenção, a concentração e a reflexão. (PÊPE, 2008, p. 5).

Refletimos com a coordenadora e alguns técnicos de saúde do CAPS sobre a possibilidade de inserção estudantes. A avaliação foi de que esta inserção não caberia pelo menos nessa primeira etapa de trabalho.

Após concluirmos o projeto, este foi apresentado ao Conselho de Centro do CAHL, à Coordenadora do CAPS e ao Secretário de Saúde do Município. Depois de sua



Figura 1. | Mostra de Arte do CAPS/Cachoeira (07– 09/05/08)
Parceria: CAPS e UFRB. Cachoeira (BA) – Foto: S. Pêpe

aprovação, procedemos à escolha de um horário semanal para atuar, pensando em determinado período estar com os técnicos e noutros com os pacientes acompanhados dos técnicos. Nossa escolha de horário teve de ser negociada e experimentada até que chegássemos a um acordo com a Coordenação da instituição de saúde.¹

Avaliação das atividades realizadas

Consideramos que esta fase inicial constituiu-se num momento necessário de aproximação com a instituição e, sobretudo, com os pacientes.

Chegamos ao primeiro encontro com um material didático sobre percepção visual a ser explorado com os técnicos, na ilusão de que haveria um envolvimento de um número maior deles, quando percebemos que havia uma realidade diferente da que imaginávamos. Apenas três deles se interessaram em participar das atividades, o que pode estar relacionado com seus interesses profissionais, com a escolha do horário ou com a demanda de trabalho de atendimento (ambulatório).

Tivemos que refazer imediatamente nossas estratégias, e passamos a atuar em conjunto com os técnicos interessados em arte, nas suas oficinas, numa parceria que visava atender melhor à realidade. Nosso objetivo passou a ser trabalhar com a criatividade e os princípios de percepção visual, juntamente com os dois técnicos e diretamente com os pacientes, a fim de contribuir para sua expressão e seu desenvolvimento, permitindo a coleta de informações por parte desses profissionais presentes e posterior registro nos prontuários dos pacientes.

O número de freqüentadores nas oficinas variou entre sete e dezoito pessoas no período considerado. Começamos por exercícios de desenho, tanto de desenvolvimento motor quanto de criatividade a partir de um contexto motivacional. Através dessas atividades, fomos identificando que vários deles possuem retardo mental,

e nem conseguem assinar seus nomes. São pacientes com comprometimento psíquico, com dificuldade de articular palavras e frases. Outros não apresentam dificuldades de aprendizado tão visíveis, mas são portadores de doenças que alteram o comportamento. Há muitos pacientes que manifestam sintomas de depressão; alguns deles lutam contra a dependência do álcool e/ou de outras drogas. Dentro do grupo de freqüentadores do CAPS/Cachoeira, que estiveram em nossas oficinas, cerca de três deles expressavam-se através do desenho figurativo com facilidade, apesar de terem dificuldade em se expressar oralmente. Por fim, há alguns do sexo feminino que chamam a atenção pela capacidade de desenvolver trabalhos artesanais – bonecas, camisas pintadas, tapetes e outros objetos utilitários – que, por vezes, são vendidos a pessoas da comunidade em feiras e na própria instituição.

A partir do conhecimento dos pacientes, percebemos que nosso papel era estimular o desenvolvimento do processo individual de cada um, respeitando suas diferenças e propondo atividades variadas, que oportunizem indivíduos com diferentes dificuldades. Paralelamente, temos incentivado a continuação o trabalho de artesanato. Trabalhamos, então, com desenho, recorte, pintura e modelagem, com o objetivo de liberar a imaginação; perceber formas e cores e descobrir a capacidade criativa de cada um. Nossas intervenções têm sido no sentido de estimular a originalidade, afastando-os da cópia e levando-os a compreender as possibilidades de representação do real como interpretações. Eles são convidados a participar, sem que haja uma obrigatoriedade, mas verbalizam pouco sobre o que pensam ou sentem. Uma exceção, nesse período, foi o de uma paciente deitada no canto da sala, gritando por seus familiares. Quando começamos a desenhar, ela sentou-se à mesa e desenhou toda a sua família. Quando convidada a fazer os mesmos personagens maiores em suportes separados, recusou-se, dizendo não poder

¹ Essa decisão foi condicionada a alguns fatores: nossa disponibilidade em função das atividades de ensino; a participação dos profissionais interessados; o horário de repouso dos pacientes; não ser dia de ambulatório, devido ao grande movimento no CAPS.

separar as pessoas. Participou de quase toda a oficina.

Colaboramos para a realização da I Mostra de Arte do CAPS (Figura 1), que a instituição realizou entre os dias 7 e 9 de maio, quando foram expostos muitos trabalhos confeccionados o ano passado e vários, neste semestre. Durante a mostra, realizamos duas oficinas de modelagem com argila (Figura 2), que teve a adesão de muitos pacientes, apontando as vantagens de voltarmos a trabalhar com este material.



Figura 2. Oficina de Modelagem
Parceria: CAPS e UFRB. Cachoeira (BA) – Foto: S. Pêpe

Foram de extrema importância esta mostra e as oficinas para a comunidade porque a instituição “abriu suas portas”; os objetos foram expostos do lado de fora. Esta atividade aconteceu poucos dias antes da Semana Anti-Manicomial, antecipando este ato simbólico importante para as instituições ligadas à luta pelo respeito humano aos portadores de problemas psiquiátricos.

Considerações finais

A parceria iniciada entre a UFRB e o CAPS/ Cachoeira, em março de 2008, permitiu uma aproximação desta Universidade com a comunidade local e com o fazer artístico em comunidade. Os facilitadores do CAPS que orientam os trabalhos de expressão

plástica ganharam mais confiança em seu trabalho, reafirmando posicionamentos e refazendo conceitos a partir de fundamentos da criação artística. Para os pacientes houve uma mudança significativa no sentido da valorização de seus processos. A Coordenação da instituição de saúde, por sua vez, destinou um espaço físico para as atividades de Artes, perto da entrada do imóvel, o que facilita a venda de trabalhos artesanais realizados pelos pacientes, expostos permanentemente desde então.

Consideramos que existe a necessidade de trabalharmos com mais intensidade os estímulos, como a música e as imagens que possam ajudar na criação e na catarse dos frequentadores de nossas oficinas, assim como seguir os objetivos do projeto, proporcionando o contato deles com obras de arte e com a interpretação do patrimônio artístico da cidade de Cachoeira. Através dessas estratégias, esperamos contribuir para a inserção social do grupo.

Referência

PÊPE, Suzane de Pinho. *Criatividade e Percepção Visual aplicadas à Arteterapia: Projeto de Extensão*. Cachoeira: UFRB – Núcleo de Extensão – Centro de Artes, Humanidades e Letras, mar. 2008. 12 p.

Programa de intervenção neuropsicológica nos transtornos de aprendizagem: uma proposta de pesquisa e extensão

Autores

Patrícia Martins de Freitas

Professora Assistente do CCS/UFRB

Thiago da Silva Gusmão Cardoso

Bolsista PIBIC/FAPESB do CCS/UFRB

Gustavo Marcelino Siquara

Bolsista PIBIC/CNPq do CCS/UFRB

89

Resumo

A avaliação sobre o perfil cognitivo de crianças em Santo Antônio de Jesus sugere a existência de déficits cognitivos importantes, nas áreas da linguagem, viso-espacialidade e habilidades sociais que interferem no processo de aprendizagem. A presença de uma dificuldade de aprendizagem pode desencadear um impacto psicossocial e prejuízos na qualidade de vida de uma criança e de seus responsáveis. Considerando o problema, foi elaborado o projeto de extensão “Aplicação da Neuropsicologia Comportamental para Intervenção nos Transtornos de Aprendizagem” que tem como objetivo aplicar técnicas cognitivas-comportamentais em crianças de 4 a 8 anos para reduzir os déficits específicos que interferem na aprendizagem. O referencial teórico que embasa o projeto de intervenção é a neuropsicologia comportamental, entendida como a ciência que relaciona o comportamento humano à atividade cerebral em seu funcionamento cognitivo. O projeto será dividido em três procedimentos de grupo: Grupo de Elaboração Narrativa; Grupo de Habilidades Viso-espaciais e Numéricas; Grupo de Solução de Problemas e Habilidades Sociais. Para todos os grupos serão utilizadas técnicas comportamentais de reforçamento diferencial, auto-instrução e autocontrole. Os principais resultados estimados através desse projeto são o aumento do desempenho escolar das crianças, especialmente nas funções trabalhadas e adaptação psicossocial diminuindo as chances de exclusão sócio-educacional.

Palavras-Chave

Neuropsicologia; Dificuldades de Aprendizagem; Intervenção.

Introdução

A presença de uma dificuldade de aprendizagem pode desencadear um impacto psicossocial e prejuízo na qualidade de vida da criança e de seus responsáveis (TEETER; CLIKEMAN, 1997). Muitas vezes, por exemplo, crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem terão a sua trajetória de vida marcada pela presença de um rótulo excludente e estigmatizante de “fracasso escolar”, por não conseguirem seguir o padrão estabelecido como “normal” pela sociedade (CIASCA, 2004). Nesse sentido, o prejuízo causado pelos transtornos de aprendizagem no desenvolvimento escolar e os impactos de tais comprometimentos ao longo da vida dos indivíduos foram os principais motivadores para a elaboração do presente estudo. Buscando-se integrar, pesquisa e extensão, e considerando as demandas levantadas pelo projeto de Avaliação das Funções Psicolinguísticas, Viso-espaciais e Comportamentais em crianças de 4 a 8 anos, que identificou déficits cognitivos sugestivos de transtornos de aprendizagem (TAs) na cidade de Santo Antônio de Jesus, foi elaborado o projeto de Aplicação da Neuropsicologia Comportamental para Intervenção nos Transtornos Aprendizagem.

Após concluir a primeira fase do projeto de avaliação cognitiva e comportamental, que ainda está em andamento, foi verificado um elevado índice de crianças com déficits em tarefas cognitivas preditoras dos principais TAs e transtornos associados como a dislexia, discalculia e o transtorno do déficit de atenção/hiperatividade em Santo Antônio de Jesus. A fase de avaliação apontou ainda para a necessidade de encaminhar as crianças para um suporte terapêutico especializado. Entretanto, a cidade de Santo Antônio de Jesus enfrenta, atualmente, a escassez de profissionais para lidar com tais questões neste município. Esse problema aumentou a necessidade da implantação de projetos de avaliação e intervenção, através de uma proposta de extensão que englobe docentes, discentes e diversos atores

sociais como as escolas públicas assistidas, a Secretaria Municipal de Educação de Santo Antônio de Jesus, pais, professores e alunos. Através da formação de uma rede de apoio social, a docente coordenadora do projeto e os discentes envolvidos terão como principais ações a condução do programa de intervenção, utilizando os princípios da clínica psicológica para atuar sobre demandas escolares.

A relevância do projeto de intervenção de Aplicação da Neuropsicologia Comportamental para Intervenção nos Transtornos de Aprendizagem está relacionada com a necessidade de evitar as conseqüências dos TAs para o desenvolvimento de crianças em fase escolar. Desta forma o objetivo geral do projeto aplicar técnicas cognitivas e comportamentais para reduzir os déficits específicos identificados mediante a avaliação neuropsicológica das funções psicolinguísticas, viso-espaciais e comportamentais. A redução dos déficits avaliados poderá contribuir com o desenvolvimento escolar dessas crianças.

Neuropsicologia comportamental

O referencial teórico que fundamenta o projeto de intervenção é a neuropsicologia comportamental, o qual relaciona o comportamento humano à atividade cognitiva com as estruturas anatômico-funcionais. O interesse nos déficits funcionais e/ou estruturais do desenvolvimento cognitivo direciona a neuropsicologia para pesquisas de elaboração de instrumentos de avaliação, bem como de programas de intervenção (FEINBERG; FARAH, 1997). Desta forma, a identificação de crianças com déficits específicos nos processos de aprendizagem cria um campo de pesquisa e extensão com o objetivo de demonstrar a eficácia de mecanismos de reabilitação neuropsicológica (ETCHEPAREBORDA, 1999).

A literatura tem demonstrado resultados consistentes nos estudos de reabilitação cognitiva para os transtornos de aprendizagem (SNOWLING, STACKHOUSE, 2004;

A neuropsicologia comportamental relaciona o comportamento humano à atividade cognitiva com as estruturas anatômico-funcionais

BARKLEY, 2002). A reabilitação neuropsicológica vem se consolidando como medida terapêutica eficaz no caso de déficits funcionais ocasionados pelos transtornos de aprendizagem.

Materiais e métodos

Participantes:

O público-alvo da intervenção serão crianças entre 4 e 8 anos que apresentaram desempenhos significativamente abaixo da média nos procedimentos de avaliação da linguagem, das habilidades viso-espaciais e do comportamento. Os resultados identificaram 42 crianças com o perfil para participar dos procedimentos de intervenção. As crianças serão convidadas através de seus pais que deverão preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Procedimentos:

A avaliação inicial já realizada identificou os déficits cognitivos mais frequentes nas crianças da rede municipal de ensino, e que serão trabalhados através de procedimentos de grupo e métodos da terapia cognitivo-comportamental.

O projeto de intervenção será dividido em três procedimentos de grupo: Grupo de Elaboração Narrativa; Grupo de Habilidades Viso-espaciais e Numéricas; Grupo de Solução de Problemas e Habilidades Sociais. Cada programa será composto de sessões semanais com duração de 60 minutos. A etapa de intervenção terá duração de três meses com um total de 15 sessões. Os grupos serão constituídos de 6 a 10 crianças. Ao final do programa as crianças serão reavaliadas utilizando a metodologia de comparação de medidas repetidas para verificar o efeito terapêutico dos programas.

As atividades de intervenção serão realizadas na sala de Múltiplos Funcionais da Secretaria Municipal de Educação de Santo Antônio de Jesus, sendo os procedimentos aplicados pelos discentes de psicologia supervisionados pela coordenadora do projeto.

Grupo de elaboração narrativa:

O objetivo desse grupo é explorar materiais de conteúdo lingüístico como textos, cantigas e representações pictoriais com a

finalidade de desenvolver habilidades específicas como a compreensão semântica e a consciência fonológica. As atividades cognitivas seguiram o princípio da modelagem comportamental em situações lúdicas. As crianças serão estimuladas à trabalhar com a elaboração de roteiros textuais. Inicialmente, as crianças deverão elaborar o roteiro mentalmente, posteriormente representá-lo em forma de filme e em seguida trabalhar com a sua compreensão através do questionamento socrático (FRIEDBERG; MCCLURE, 2004).

Grupo de habilidades viso-espaciais e numéricas:

Para o grupo de treinamento das habilidades viso-espaciais e numéricas serão desenvolvidas atividades grafo-motoras direcionadas para o desenvolvimento da organização espacial, para construções gráficas e não gráficas; orientação de direção e formas geométricas. Para as funções numéricas serão utilizadas as técnicas de termômetro, treino de magnitude e operações aritméticas. Além disso, técnicas de desenho livre, labirinto serão realizadas para aferição da lateralidade.

Grupo de solução de problemas e habilidades sociais:

Através de tarefas de solução de problemas da vida cotidiana as crianças serão treinadas nos passos de identificação do problema, análise das pistas, elaboração de estratégias, verificação das conseqüências e execução, reavaliação. O treinamento em solução de problemas tem como finalidade preparar as crianças para enfrentar de forma mais assertiva os problemas sociais. Esse grupo está direcionado para crianças que apresentaram na avaliação déficits comportamentais como quebra de regras, comportamento impulsivo, agressividade e ou passividade (MUÑOZ-CÉSPEDES; TIRAPU-USTÁRROZ, 2004).

Resultados esperados e discussões

Os primeiros resultados do estudo são os programas de intervenção, com construção do material terapêutico, cartilhas para os pais e estruturação das sessões. Além disso, estão sendo realizadas palestras junto aos pais e professores nas escolas, esclarecendo sobre as dificuldades de aprendizagem, com entrega dos relatórios da avaliação e

convite para que seus filhos participem da intervenção. Um dos objetivos do projeto é garantir o envolvimento e interação da comunidade com o processo terapêutico, pois assim as crianças com dificuldades de aprendizagem poderão ser enxergadas de outra maneira pela sociedade, sem o rótulo excludente do fracasso escolar.

Para a fase de intervenção é estimado o aumento do desempenho escolar das crianças, especialmente nas funções trabalhadas e adaptação psicossocial diminuindo as chances de exclusão sócio-educacional. O projeto contribuirá com o desenvolvimento escolar das crianças e também com o seu bem-estar.

Em relação aos resultados institucionais, a parceria entre Secretaria Municipal de Educação e o Centro de Ciências da Saúde contribui como a extensão entre a universidade e a sociedade, atendendo às demandas locais. Outro impacto importante é o fortalecimento das atividades de pesquisa, especialmente com enfoque psicoterapêutico. Através do presente estudo também será possível proporcionar para os estudantes de psicologia processos de ensino-aprendizagem sobre a prática profissional em psicologia.

Referências

- BARKLEY, R. A. *Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade*. ROIZMAN, L. S. (Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CIASCA, S. M. *Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar*. 2a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- ETCHEPAREBORDA, M. C. La neuropsicología infantil ante el próximo milênio. *Revista de Neurología*; 28, p.p 70-76, 1999.
- FEINBERG; FARAH. *Behavioral neurology and neuropsychology*. New York: McGraw-Hill, 1997.
- FRIEDBERG, R. D.; MCCLURE, J. M. *A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes*. MONTEIRO, C. (Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MUÑOZ-CÉSPEDES; TIRAPU-USTÁRROZ. Rehabilitatió de lãs funciones ejecutivas. *Revista de Neurología*, 38: p.p 656-663, 2004.
- SNOWLING, M.; STACKHOUSE, J. *Dyslexia, fala e linguagem: um manual do profissional*. LOPES, M. F., (Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2004.
- TEETER, A. P.; CLIKEMAN, M. S. *Child Neuropsychology*. Boston. Allyn and Bacon, 1997.

Metodologias do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) aplicadas em comunidades rurais do município de Cruz das Almas – BA

Autores

Renata Souza de Rezende

Engenheira Agrônoma, Monitora do Projeto ATER (UFRB), e-mail - rezendersol@yahoo.com

Marcos Paulo Leite da Silva

Engenheiro Agrônomo, MSc em Ciências Agrárias (UFRB), e-mail – mpauloleite@hotmail.com

Ubiratan Oliveira Souza

Engenheiro Agrônomo, MSc em Ciências agrárias (UFRB)

Monitor do Projeto ATER, e-mail - ubiratan_agrufba@yahoo.com.br

Lorena Maria Magalhães Rocha

Engenheira Agrônoma, Mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (UFRPE)

E-mail - lore_agr@yahoo.com.br

Franceli da Silva

Professora, D.Sc. Produção Vegetal, Professora colaboradora do Projeto ATER (UFRB), e-mail - franceli.silva@uol.com.br

Alexandre Américo Almassy Júnior

Professor, D.Sc. Produção Vegetal, Professor Colaborador do Projeto ATER (UFRB), e-mail - almassy@ufrb.edu.br

Resumo

A aplicação de metodologias integrativas como o Diagnóstico Rápido Participativo -DRP- propõe uma reflexão acerca da realidade dos atores sociais que compõem uma determinada localidade seja ela urbana ou rural. Nessa perspectiva, o objetivo dessa pesquisa é evidenciar a importância da aplicação do DRP em comunidades rurais, a fim de impulsionar a valorização das ações e saberes essenciais para desenvolvimento humano e sustentável de diferentes grupos sociais. A pesquisa foi desenvolvida em fevereiro de 2007 nas comunidades rurais da “Tapera”, “Corta Jaca”, “Cadete” e “Três Bocas”, contempladas pelo Projeto de Capacitação e Extensão Rural, com Enfoque em Sistemas Agroecológicos de Produção Agrícola, ATER, no Município de Cruz das Almas - BA. Mapeamento Participativo e Fluxograma de Produção constituíram-se nas metodologias adotadas na técnica. A partir da sua aplicação foi possível identificar que dentre alguns problemas apresentados, o sistema agrário aplicado nessas localidades é fundamentado no tradicionalismo regional sem que haja um aprimoramento das práticas de preservação e conservação dos recursos naturais para as gerações futuras. A ine-

xistência da assistência médica em situações de emergência, a carência de acompanhamento técnico na produção agrícola, bem como, a evasão do jovem do campo por falta de condições educacionais em seu meio, também foram aspectos ressaltados por meio do DRP. Conclui-se, portanto, que a aplicação do DRP se fez eficiente nas comunidades rurais onde fora aplicado, pois possibilitou com que houvesse a socialização de experiências entre seus participantes e, sobretudo, a auto-análise acerca do seu posicionamento frente aos processos que estão intimamente relacionados com sua transformação social.

Palavras-Chave

DRP; Agricultura familiar; Sustentabilidade.

A técnica e seus objetivos

O DRP é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Nesse sentido, os participantes podem compartilhar experiências e analisar seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação (VERDEJO, 2006). Almassy Junior (2006), citado por Silva et al., (2007) corroboram com essa assertiva afirmando que o DRP é uma ferramenta vantajosa de investigação pois possibilita o acesso de informações acerca da qualidade de vida das comunidades rurais, bem como, a análise partilhada dos seus problemas.

Para Gomes et al (2001) apud Souza (2009), o conceito de participação, no âmbito dos processos de diagnósticos e planejamentos participativos, pressupõe divisão de poder no processo decisório, passando pelo controle das partes sobre a execução e a avaliação dos resultados pretendidos. Ou seja, participar, neste caso, é tomar parte das decisões e ter parte dos resultados.

Mapeamento Participativo e Fluxograma de Produção representam duas das metodologias participativas do DRP. A escolha do método a ser aplicado deverá atender o objeto investigativo que converge à aplicação da técnica, bem como, as necessidades e peculiaridades presentes em cada local. Para tal, é necessário que a equipe condutora do DRP estabeleça contatos prévios com representantes locais, a fim de obter um panorama geral acerca de aspectos que precisam ser debatidos e postos em análise no momento da sua aplicação. Segundo Petersen e Romano (1999), didaticamente o DRP é composto pela formação da equipe de organizadores; formulação das hipóteses de partida; elaboração do roteiro para as entrevistas e observações; levantamento das informações; sistematização das informações; análise das informações; e devolução. Na etapa de devolução, segundo Almassy Junior (2006), após a análise dos problemas, realiza-se uma ou mais reuniões na

comunidade para que os resultados do trabalho sejam debatidos com seus membros (os que participaram das entrevistas e outros que possam se interessar).

É importante que seja considerado em práticas como o DRP a subjetividade dos grupos sociais envolvidos, a pluralidade dos discursos, a heterogeneidade do saber, assim como, as experiências, vivências e interesses sociais que cada grupo apresenta e desenvolve ao longo da sua trajetória de vida.

A universidade e suas ações

A universidade exerce um papel fundamental na formação dos sujeitos. A sua intervenção torna-se ainda mais significativa quando propõe de maneira integrada a construção e socialização do conhecimento crítico e reflexivo das pessoas, possibilitando com que desenvolvam a capacidade de autogerenciamento da sua própria realidade. No entanto essa integração torna-se ainda mais eficiente quando conduzida numa inserção conjunta, democrática: em redes sociais.

A integralização entre instituições de pesquisa e o poder público, vem apontando positivas experiências especialmente no âmbito rural. A limitação que se concentrava, sobretudo em políticas de apoio como PRO-NAF (Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar) e a Previdência Social, começa a dar espaço ao suporte científico, cultural e sociológico que transcende sob as metas da universidade. A análise diferenciada acerca das questões conflitantes e ainda preocupantes que se concentram por todo tecido social, faz da universidade mais do que um atalho estratégico em se intermediar desenvolvimento, especialmente em localidades menos favorecida.

O papel da universidade como um dos instrumentos propulsores às transformações sociais, torna-se fundamental nesse processo que incita melhorias das condições de vida das pessoas, principalmente quando considerado os efeitos e reflexos positivos que podem ser gerados sob a sua interven-

“A UFRB vem contribuindo para a produção agrícola sustentável da agricultura familiar”

ção. Portanto, falar em políticas de desenvolvimento para o meio rural sob a égide da universidade consubstancia e reafirma a importância que essa grande máquina multicultural poderá apresentar para uma sociedade.

O que não pode deixar de ser colocado é que a universidade ou qualquer instituição similar as funções que a mesma se propõe a desenvolver, não é capaz por si só de transformar realidades de grupos considerados menos favorecidos, caso os mesmos não se dêem conta da necessidade da transformação do seu *status quo*. Os indivíduos precisam assumir o controle da sua vida, posicionando-se ativamente enquanto agentes responsáveis por sua mudança social, intelectual, mas, sobretudo, humana.

Partindo dessa premissa, sob coordenação da Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente de Cruz das Almas- BA integrada a instituições de pesquisa e extensão, o Projeto ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural), apresentou como foco de suas ações a transição dos sistemas convencionais para os sistemas agroecológicos de produção em comunidades rurais desse município, bem como, a interação entre a universidade, comunidade e poder público.

Dentre tais instituições, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), por meio de professores e estudantes do curso de Engenharia Agrônoma vinculado ao Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), desempenharam a função de auxiliar a coordenação e condução das atividades previstas no projeto, dentro de uma perspectiva de incentivar junto aos agricultores uma produção de base agroecológica direcionado ao fortalecimento da agricultura familiar e o empoderamento dos atores sociais que fazem parte dessa conjuntura.

Metodologias: conhecimento e construção

A fim de promover um maior nível de interação entre a equipe ATER e os membros comunitários, dinâmicas de grupo deram

início às atividades do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), realizado em fevereiro de 2007 nas comunidades rurais da “Tapera”, “Corta Jaca”, “Cadete” e “Três Bocas”. Para tal, a ‘Dinâmica da Apresentação’ possibilitou uma observação sob a perspectiva dos agricultores pela equipe condutora do DRP, facilitando questionamentos por partes destes, no momento da aplicação das metodologias propriamente ditas. A expressão de pensamentos, e exposição “do que é”, “do que quer”, e “do que acredita”, possibilitou a auto-reflexão dos participantes, acerca do seu comportamento e visões de vida.

O Mapeamento da Comunidade e o Fluxograma de Produção foram às metodologias adotadas na identificação das limitações e potencialidades das comunidades. A primeira metodologia consistiu em visualizar a estrutura social do meio rural, assim como, levantar informações sobre as condições de vida dos seus habitantes. A técnica foi realizada com o uso de ferramentas simples e didáticas (cartolinas e lápis colorido). Os habitantes foram mapeando em desenhos a comunidade e expondo a sua realidade. A segunda metodologia aplicada refere-se ao Fluxograma

de Produção, que caracterizou-se na identificação dos produtos que são cultivados no espaço rural, visando identificar as formas de produção, infra-estrutura apresentada e o processo de comercialização.

Após aplicação da técnica, as informações obtidas foram sistematizadas e analisadas, procurando perceber a diferenciação das necessidades e opiniões dos membros da comunidade. A técnica foi finalizada com a fase de devolução dos dados, a fim de debater as considerações expostas e promover junto aos seus agricultores o senso participativo, mobilizador e auto-sustentável.

Resultados da técnica

Constatou-se que das 150 famílias existentes nas quatro áreas comunitárias, grande parte destas apresentam seus estabelecimentos com áreas inferiores a 5 (cinco) hectares, residindo em casas de alvenaria e com acesso a energia elétrica. A ausência de água encanada ainda é um problema

“O DRP possibilitou a auto-reflexão dos agricultores”

não solucionado para a maioria dos seus agricultores. As quatro comunidades estão divididas em duas associações, que são vinculadas ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR. A comunidade da “Tapera” apresenta aproximadamente 300 agricultores e a comunidade do “Cadete”, aproximadamente 400.

A educação nas quatro comunidades limita-se ao nível fundamental I, o que gera um grande problema, principalmente para os jovens. Nota-se a carência de ações de políticas públicas educacionais, que possam

direcionar-se a uma educação adequada à realidade do jovem do campo, de maneira que o desperte para o cerne do conceito de agricultura familiar e o permita atuar no futuro como profissionais do meio rural.

A assistência médica local é inexistente. A assistência técnica está diretamente ligada aos agentes de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), a Empresa Baiana de Desenvolvimento da Agricultura (EBDA), e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Cruz das Almas, por meio dos projetos de investimentos. Com o Fluxograma de Produção, foi possível identificar que a exploração agrícola nestas áreas é pautada na produção de alimentos visando à subsistência familiar e comercialização dos possíveis excedentes, tendo como principal cultura a mandioca, correspondendo a mais de 50% da produção, cultivadas em áreas predominantemente planas.

O solo dessas localidades é considerado de boa qualidade, embora com o uso de adubos químicos e manejo inadequado vem sofrendo processo de degradação e diminuição da fertilidade. A produção pecuária resume-se à bovinocultura de corte e à criação de aves e suínos (também voltada para a subsistência familiar). Além das vendas da produção agropecuária, outras fontes de renda são advindas de benefícios sociais.



Figura 1. Aplicação da técnica do Mapeamento Participativo em comunidades rurais do município de Cruz das Almas - BA, em fevereiro de 2007.

Considerações finais

Conclui-se, que o Diagnóstico Rápido Participativo, aplicado de forma prática, dinâmica e integrativa, mostrou-se uma eficiente ferramenta de análise da realidade econômico-social e de produção das comunidades em estudo. As técnicas de DRP em-

pregadas permitiram o fortalecimento da relação de confiança e empatia entre os agricultores familiares e a equipe executora do projeto.

A devolução das informações aos agricultores, obtidas por meio do DRP, possibilitaram que estes

identificassem não apenas os problemas mas também possibilidades de soluções, desencadeando desta forma um interessante processo de discussão e planejamento participativo em busca de mudanças na realidade e melhoria da qualidade de vida destas famílias.

Referências

- ALMASSY JUNIOR, A. A. *Apostila: Diagnóstico Rápido Participativo*. Cruz das Almas: UFRB, 2006. 31 p.
- PETERSEN, P.; ROMANO, J. O. (orgs.). *Abordagens participativas para o desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: AS-PTA/Actionaid-Brasil, 1999. 144 p.
- SILVA, M. P. L., ALMASSY JUNIOR, A. A., SILVA, F., SILVA, M., GUIMARÃES, O. S., CARVALHO, G. S. Identificação de potencialidades no cultivo de plantas medicinais na comunidade rural de “Pindoba”, Mutuípe/Bahia. *Revista Brasileira de Agroecologia*. Vol. 2. n. 2. 2007.
- SOUZA, M. M. O. A utilização de metodologias de Diagnóstico e Planejamento Participativo em Assentamentos Rurais: o Diagnóstico Rural/Rápido Participativo (DRP). *Em Extensão* (UFU) v. 8, p. 34-47, 2009.
- VERDEJO, M. E. *Diagnóstico Rural Participativo: guia prático*. Brasília: Gráfica da Ascar, 2006. 61p.

Perfil sócio-econômico dos condutores de carroças do município de Cruz das Almas

Autores

Kaliane Nascimento de Oliveira

Graduanda de Zootecnia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (UFRB)

E-mail: kalyoliveira@hotmail.com

Lígia Lins Souza

Graduanda de Zootecnia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (UFRB)

E-mail: ligia_lins@yahoo.com.br

Bárbara Cristina Dantas Silva

Graduanda de Zootecnia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (UFRB)

E-mail: bcrsilva@hotmail.com

Maria Vanderly Andrea

Prof^a. Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas - UFRB, 44380000, Cruz das Almas Bahia

E-mail: mvander@ufba.br

Resumo

Nos grandes centros urbanos, uma das atividades que mais cresce é a utilização de eqüídeos de tração para o transporte. Dada sua importância, é necessário que a Universidade busque maneiras de interagir diretamente com este seguimento da sociedade. Nesse enfoque, foi desenvolvido um projeto de extensão com condutores de carroças do município de Cruz das Almas - Ba com o objetivo de traçar o perfil sócio econômico deste segmento profissional, visando estimular os condutores a se organizarem em grupos, conscientizá-los da sua importância no município, com vistas à melhoria da qualidade de vida, melhoria da relação homem/animal, além de adequar o ensino e a pesquisa às demandas da sociedade buscando, exatamente, o comprometimento da comunidade universitária com as reais necessidades da sociedade em que vive. Dentre os resultados, destaca-se que 89,3% dos entrevistados são chefes de família, 64,3% vivem com uma renda mensal familiar entre um e três salários mínimo, cerca de 71,4% não concluíram o ensino fundamental e 92,9% residem na zona urbana. Foi concluído que a categoria possui baixa renda e baixo nível de escolaridade e falta organização enquanto categoria de trabalho.

Palavras-Chave

Animais de tração; Eqüídeos; Condutores de carroças.

1. Introdução

Os eqüídeos constituíram-se, no início do século passado, em um elemento imprescindível a todos os países para o transporte, lavoura, mobilidade dos exércitos e lazer. Nos grandes centros urbanos, uma das atividades que mais cresce é a utilização de eqüídeos de tração para o transporte de utensílios domésticos, entulhos produzidos por obras, materiais recicláveis.

Os condutores de carroças constituem-se em uma categoria especial de trabalhadores responsáveis por muitas atividades, tais como: mudanças, condução de compras e retirada de materiais descartados. Este segmento da sociedade realiza um trabalho situado no setor informal. Hart (1971) utilizou este termo pela primeira vez, para caracterizar aquela parte da força de trabalho urbano que estava fora do mercado organizado.

Dada sua importância, é necessário que a Universidade busque maneiras de interagir diretamente com estes atores sociais, procurando responder a suas demandas e interagindo para resolver seus problemas concretos e objetivamente colocados.

O presente trabalho contou com Condutores de Carroças entrevistados do município de Cruz das Almas – BA (60 mil habitantes), e teve como objetivo traçar o perfil sócio econômico deste segmento profissional, visando estimular os condutores a se organizarem em grupos, conscientizá-los da sua importância no município, com vistas à melhoria da qualidade de vida, melhoria da relação homem/animal, além de adequar o ensino e a pesquisa às demandas da sociedade buscando, exatamente, o comprometimento da comunidade universitária com as reais necessidades da sociedade em que vive.

2. Material e métodos

A ação na metodologia do trabalho fundamentou-se na aplicação de questionários mistos para levantamento da condição sócio econômica dos condutores de carroças do Município de Cruz das Almas – Bahia, sendo entrevistados 28 (vinte e oito) condutores que têm a prestação de serviços com carroças como principal atividade profissional. As informações foram armazenadas em banco de dados e analisadas

posteriormente com o auxílio do programa operacional estatístico SPSS Versão 11.0, sendo eleitas como variáveis principais do levantamento: identificação do chefe e composição familiar grau de escolaridade, renda mensal, atividade principal, quantidade e espécie de animais que possui para a atividade, metodologias e/ou técnicas utilizadas, local e qualidade das residências.

Foram adotados processos, tais como, palestras e dinâmicas, que permitiram aos Condutores desenvolver os conhecimentos e ter acesso a informações para a eleição e a decisão conscientes entre alternativas possíveis para sua organização, a partir da compreensão de sua própria realidade assim como das estruturas de dominação pelas quais se vêem afetados.

3. Resultados e discussão

As análises dos questionários mistos permitiram observar que 89,3% são chefes de família e os outros 10,7% ocupam outra posição, como mostra a Tabela 01, enfatizando a responsabilidade desse setor informal com a sustentabilidade das famílias que dele dependem.

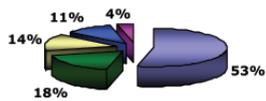
Tabela 1. Condição na família

	Freqüência	%	% Válido
Chefe	25	89,3	89,3
Filho (a)	2	7,1	7,1
Outros	1	3,6	3,6
Total	28	100	100

Foi verificado ainda que a maioria (64,3%) das famílias dos condutores vivem com uma renda mensal entre um e três salários mínimo, 25% com até um salário e 10,7% têm uma renda mensal acima de três salários mínimo justificáveis pela profissão. Isso é justificado pelo fato de que 53,6% dos condutores têm como principal atividade a prestação de serviço como condutor de carroça e 32,2% além da prestação de serviço como condutor, realizam outras atividades para complementar a renda familiar (Gráfico 01). Ficou evidente a importância da profissão usada para o sustento familiar e educação dos filhos (a maior parte deles está em idade escolar).

Observou-se que entre os condutores, a maioria (50%) apresenta idade entre 30 e 50 anos. Quanto ao nível de escolaridade,

Principal Atividade



- Prestação de serviço como condutor de carroça.
- Atividade agrícola e prestação de serviço como condutor de carroça.
- Prestação serviço como condutor de carroça e outras atividades.
- Aposentadoria.
- Outros

Gráfico 1. Principal atividade dos condutores

71,4% não concluíram o Ensino Fundamental e sendo em sua totalidade, moradores da zona urbana (92,9%).

Foi verificado ainda que todos os condutores são proprietários da carroça e do animal. Esses dados coincidem com Vasconcelos (1994), na descrição do setor informal, onde há direito de posse dos instrumentos de trabalho e o homem executa e simultaneamente administra.

O grupo de entrevistados sensibilizados com a necessidade da organização da categoria buscou orientação para sua realização. Assim, foi criada a Associação dos Condutores de Carroças de Cruz das Almas – Ba, tendo como objetivo a prestação de serviços de forma a promover a melhor qualidade de vida aos seus associados.

4. Conclusão

Após a análise dos questionários aplicados concluiu-se que os condutores de carroças do município de Cruz das Almas - Ba possuem baixa renda e baixo nível de escolaridade, não apresentam organização enquanto categoria de trabalho, levando a necessidade da constituição de uma associação observada pelos mesmos, visando o auxílio na especialização e valorização do seu trabalho. Alguns resultados surpreenderam as expectativas, a exemplo, da residência destes serem predominantemente na zona urbana e trabalharem em média em dias alternados. Além disso, eles possuem conhecimento limitado a respeito do manejo dos eqüídeos dentre outros, havendo uma necessidade de que sejam realizadas outras atividades para a melhoria dos índices adquiridos.

Referências

HART, J. T. The inverse care law. *Lancet*, v.7696, p. 405-412, 1971.

VASCONCELOS, G.J.E. *Trabalhadores informais: o sentido de sua escolha de trabalho*. (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.





Normas de submissão

I. Missão da Revista Extensão

A Revista Extensão com periodicidade semestral, tem a missão de consolidar a indissociabilidade do conhecimento, por meio de ações extensionistas publicadas em artigos científicos, resenhas, relatos de experiências, entrevistas, validando o conhecimento tradicional associado ao científico.

2. Áreas temáticas da revista

- I. Comunicação: comunicação social; mídia comunitária; comunicação escrita e eletrônica; produção e difusão de material educativo; televisão universitária; e rádio universitária;
- II. Cultura: desenvolvimento cultural; cultura, memória e patrimônio; cultura e memória social; cultura e sociedade; folclore, artesanato e tradições culturais; produção cultural e artística na área de artes plásticas e artes gráficas; produção cultural e artística na área de fotografia, cinema e vídeo; produção cultural e artística na área de música e dança; produção teatral e circense;
- III. Direitos Humanos e Justiça: assistência jurídica; direitos de grupos sociais; organizações populares; e questões agrárias.
- IV. Educação: educação básica; educação e cidadania; educação a distância; educação continuada; educação de jovens e adultos; educação para a melhor idade; educação especial; educação infantil; ensino fundamental; ensino médio; incentivo à leitura;
- V. Meio Ambiente: preservação e sustentabilidade do meio ambiente; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; desenvolvimento regional sustentável; aspectos de meio ambiente e sustentabilidade do desenvolvimento urbano e do desenvolvimento rural; educação ambiental; gestão de recursos naturais e sistemas integrados para bacias regionais;
- VI. Saúde: promoção à saúde e qualidade de vida; atenção a grupos de pessoas com necessidades especiais; atenção integral à mulher; atenção integral à criança; atenção integral à saúde de adultos; atenção integral à terceira idade; atenção integral ao adolescente e ao jovem; capacitação

e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas de saúde; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; desenvolvimento do sistema de saúde; saúde e segurança no trabalho; esporte, lazer e saúde; hospitais e clínicas universitárias; novas endemias, pandemias e epidemias; saúde da família; uso e dependência de drogas;

- VII. Tecnologia e Produção: transferência de tecnologias apropriadas; empreendedorismo; empresas juniores; inovação tecnológica; polos tecnológicos; direitos de propriedade e patentes;
- VIII. Trabalho: reforma agrária e trabalho rural; trabalho e inclusão social; educação profissional; organizações populares para o trabalho; cooperativas populares; questão agrária; saúde e segurança no trabalho; trabalho infantil; turismo e oportunidades de trabalho.

3. Público - alvo

Professores, alunos, técnicos-administrativos de todas as IES nacionais e internacionais, além de comunidades atendidas ou com potencial para serem atendidas por projetos extensionistas de forma abrangente.

4. Categorias de Trabalhos a serem publicados

Artigos científicos, resenhas, relatos de experiências e entrevistas

5. Idioma

Os originais deverão ser redigidos em português e a critério dos Editores, também poderão ser aceitos em inglês ou espanhol.

6. Considerações Éticas

- a. A responsabilidade pelos conteúdos dos artigos publicados é exclusivamente do(s) autor(es);
- b. Os casos de plágio serão encaminhados à Comissão de Ética do órgão de classe do autor;
- c. Todos os artigos recebidos deverão receber pelo menos dois pareceres favoráveis à publicação por parte de membros do Conselho Editorial e consultores ad hoc;
- d. Os artigos publicados são de pro-

priedade dos Editores/Organizadores, podendo ser reproduzidos total ou parcialmente com indicação da fonte. Exceções e restrições de copyright são indicadas em nota de rodapé;

- e. Os autores assinarão um termo de cessão de direitos autorais para publicação dos artigos e memoriais aprovados.
- f. A revisão ortográfica dos trabalhos submetidos é de responsabilidade dos autores;
- g. Os artigos submetidos não serão devolvidos.

7. Critérios de avaliação

Os trabalhos submetidos à revista serão avaliados por pares, adotando para tanto o método de avaliação duplamente cega. A publicação considera unicamente trabalhos inéditos, ou aqueles excepcionalmente considerados relevantes pelo conselho editorial.

A metodologia adotada no processo de submissão segue o padrão de revistas do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), unicamente por meio do portal da revista. A Revista Extensão publica textos na forma de artigos científicos, relatos de experiências, resenhas de livros, nas seguintes linhas temáticas: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho. Consideram-se especialmente relevantes para publicação os trabalhos que evidenciem uma articulação entre estas linhas temáticas e ações de caráter extensionista.

Os trabalhos deverão ser pontuados por meio de uma escala de 0 (zero) a 30 (trinta) pontos. Cada item é avaliado com uma pontuação de 0 a 5 pontos, assumindo o valor zero como inadequado e o valor cinco para excelente.

Adotam-se os seguintes referenciais para julgamento:

0 a 17 - Recusado. Autor deve ser informado quanto aos principais motivos da recusa.

18 a 23 - Trabalho Condicionalmente Aceito. Autor deverá ser instruído quanto a modificações de

forma e/ou conteúdo do artigo para resubmissão ao Comitê Editorial.

24 a 30 - Aceito.

8. Itens de julgamento

- I. Originalidade e Relevância do Tema (0 a 5 pontos)
Contribuição para o desenvolvimento de ações extensionistas e entendimento do universo proposto como eixos temáticos pela revista.
- II. Aderência à Linha Editorial da Revista (0 a 5 pontos)
Aderência a uma dos temas:
Comunicação;
Cultura;
Direitos Humanos e Justiça;
Educação;
Meio Ambiente;
Saúde;
Tecnologia e produção e;
Trabalho.
- III. Encadeamento de idéias / organização do trabalho (0 a 5 pontos)
Organização formal do texto, sequência e encadeamento das informações, rigor metodológico do trabalho.
- IV. Conteúdo (0 a 5 pontos)
Relevância e estruturação formal do pensamento apresentado no conteúdo do artigo, com posicionamento original do autor e referência adequada aos trabalhos científicos considerados essenciais para a temática proposta (considerar, por exemplo, a atualização das referências, i.e. estado da arte; condena-se, na revista, o uso de longas citações, sem um posicionamento concreto do autor).
- V. Redação / Clareza (0 a 5 pontos)
Adequação redacional do texto (ortografia, concordâncias nominais e verbais, links e completude dos parágrafos).
- VI. Adequação das normas técnicas (0 a 5 pontos)
Rigor científico quanto a citações e referências a outros autores, bem como a normalização bibliográfica adotada pela revista.

9. Folhas de Rosto

As Folhas de Rosto não devem ser personalizadas e devem conter os seguintes elementos, nesta ordem:

- a. O Título deve ser conciso e explicativo, representando o conteúdo do trabalho, não excedendo a 10 palavras.
- b. Resumo, Palavras-Chave - O Resumo de trabalhos deve ter no máximo 500 palavras. O Resumo deve ser seguido de 3 a 5 Palavras-Chave para fins de indexação do trabalho, que deverão ser separadas por um ponto entre elas. No caso de artigos, o Resumo deve incluir: descrição sumária do problema investigado, características pertinentes da amostra, método utilizado para a coleta de dados, resultados e conclusões, suas implicações ou aplicações. O Resumo de relatos de experiência deve incluir: assunto tratado em uma única frase, seguida do objetivo, tese ou construto sob análise, fontes usadas e conclusões.
- c. Resumos em Inglês - Os resumos, em inglês, devem ser a versão exata do texto do resumo e devem obedecer às mesmas especificações para a versão em português, seguidos da tradução exata das Palavras-Chave.

10. Texto

- a. Tamanho do Texto – Os artigos deverão ter entre 10 e 20 páginas, inclusive, com todos os seus elementos aí incluídos (imagens, notas, referências, tabelas etc.). Os relatos de experiência deverão ter entre 5 e 10 páginas, inclusive, com todos os seus elementos aí incluídos (imagens, notas, referências, tabelas etc.). O tamanho dos textos das demais modalidades (ensaios, resenhas e diálogos) para publicação deverá ficar a critério da Comissão Editorial.
- b. Subdivisões do Texto - Em todas as categorias, o texto deve ser estruturado a partir de títulos e subtítulos das partes, alinhados à esquerda, sem numeração. Os títulos deverão ser digitados em negrito e os subtítulos em itálico.
- c. Notas de rodapé - Não utilizar Notas de Rodapé Bibliográficas. Deverão

ser ordenadas por algarismos arábicos que deverão ser sobrescritos no final do texto ao qual se refere cada nota.

- d. Figuras - As Figuras, com suas respectivas legendas, deverão estar inseridas no texto, devendo ser, no máximo, três figuras por artigo, ou cinco por relato de experiência. As Figuras deverão estar, preferencialmente, no formato JPG ou PNG. Para assegurar qualidade de publicação, todas as figuras deverão ser gravadas com qualidade suficiente para boa exibição na web e boa qualidade de impressão, ficando a critério da equipe da revista o veto a imagens consideradas de baixa qualidade, ou cujo arquivo considere demasiado grande.
- e. Tabelas - As Tabelas, incluindo título e notas, deverão estar inseridas no texto com as devidas legendas. As Tabelas deverão estar em MSWord ou Excel. Cada tabela não poderá exceder 17 cm de largura x 22 cm de comprimento. O comprimento da tabela não deve exceder 55 linhas, incluindo título e rodapé(s).
- f. Anexos - Serão aceitos Anexos aos trabalhos quando contiverem informação original importante ou algum destaque que complemente, ilustre e auxilie a compreensão do trabalho, ficando facultado à equipe da revista o veto a anexos que assim não forem considerados.

11. Normas ABNT

As referências serão apresentadas ao final do texto. A Revista de Extensão conta com um grupo de revisores de normas bibliográficas e adota as seguintes Normas ABNT, que deverão ser observadas pelos autores na redação e formatação de seus originais: NBR 6022:2003 (Artigo); NBR 6023:2002 (Referências); NBR 6028:2003 (Resumos); NBR 10520:2002 (Citações).

Apresentam-se, a seguir, exemplos de referências adotados na revista (ABNT):

Livro (único autor)

BAXTER, M. *Projeto de produto: guia prática para o desenvolvimento de novos produtos*. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.

Livro (dois autores)

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. *Desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais*. São Paulo: EDUSP, 2002.

Livro (mais de três autores)

MAGOSSO, L. et al. *Poluição das águas*. 14a ed. São Paulo: Moderna, 1990.

Capítulo de Livro

PIRES, M. A trajetória do conceito de desenvolvimento sustentável na transição de paradigmas. In: DUARTE, L.; BRAGA, M. (orgs.). *Tristes cerrados: sociedade e biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998, p. 65-77.

Artigo em Revista

MARGOLIN, V. Um modelo social de design: questões de prática e pesquisa. *Revista Design em Foco*, v.1, n.1, Salvador: EDUNEB, 2004, p. 43-48.

Revista (considerada no todo)

REVISTA DESIGN EM FOCO. Salvador: EDUNEB, 2004 - . Semestral. ISSN 1807-3778.

Artigo em Revista eletrônica

REDIG, J. Não há cidadania sem informação, nem informação sem design. In: *Revista Brasileira de Design da Informação*, v.1, n.1, 2004. Disponível em: < http://www.info-design.org.br/v01/pdf/JRedig01-2004PdV_p47-56.pdf >. Acesso em: 10/06/06.

Trabalhos apresentados em congressos

PEREIRA, H.; SOUZA, P. Usabilidade de Sistemas de Informação: usando a pesquisa qualitativa na definição de requisitos. In: *Anais do SUCESU 2004, Sociedade de Usuários de Informática e Telecomunicações*. Florianópolis: SUCESU, 2004.

Dissertação ou tese

SOUZA, Paulo F. de A. *Sustentabilidade e responsabilidade social no design do produto: rumo à definição de indicadores*. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2007.

12. Itens de Verificação para Submissão

Como parte do processo de submissão, os autores deverão verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens

listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- 12.1 A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; não sendo o caso, justificar em “Comentários ao Editor”;
- 12.2 A submissão de trabalho será feita por meio eletrônico, o que implica, automaticamente, a transferência de direitos exclusivos de publicação, por um ano, a partir da data de submissão do trabalho;
- 12.3 Será enviado como documento complementar (na última etapa de submissão) a declaração de cessão de direitos autorais por todos os autores, em complementação à cessão dos direitos, assinalada pelo primeiro autor no item anterior de verificação de submissão. As declarações de autorização para divulgação de imagens são de responsabilidade exclusiva dos autores;
- 12.4 Os arquivos para submissão deverão estar em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não se ultrapasse os 2 MB), fonte Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento entre linhas de 1,5.
- 12.5 O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos conforme as diretrizes para autores; e especificamente, as citações e respectivas referências estão correlacionadas eletronicamente por meio da utilização de hyperlinks conforme explicitado no item 4.5 das diretrizes.
- 12.6 A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação Cega por Pares.

ATENÇÃO: em documentos do Microsoft Office, a identificação do autor deve ser removida das propriedades do documento (no menu Arquivo > Propriedades), iniciando em Arquivo, no menu principal, e clicando na sequência: Arquivo > Salvar como... > Ferramentas (ou Opções no Mac)

> Opções de segurança... > Remover informações pessoais do arquivo ao salvar > OK > Salvar.

A Revista extensão publicará textos na forma de artigos científicos, relatos de experiências, resenhas de livros, nas seguintes linhas temáticas: **Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho.**

Revista
extensão

PROEXT
Pró-Reitoria de Extensão

UFRB
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

